# CONFISSÕES
# Livros VII, X e XI

## Santo Agostinho

**Tradutores :**

**Arnaldo do Espírito Santo / João Beato**

**/ Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel**

www.lusosofia.net

Texto publicado na LUSOSOFIA.NET
com a benévola e graciosa autorização dos Tradutores,
do Autor da Introdução, o Prof. M. B. da Costa Freitas,
do Director do CEFi – Centro de Estudos de Filosofia
da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa),
Prof. Manuel Cândido Pimentel,
e do Prof. António Braz Teixeira,
Presidente da Imprensa Nacional – Casa da Moeda,
onde a obra foi integralmente publicada,
em edição bilingue (latim / português) :
**SANTO AGOSTINHO**, ***Confissões***, **IN-CM, Lisboa, 2001**

LusoSofia: press

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título : */ Confessiones / Confissões*, Livros VII, X e XI
Autor : Santo Agostinho
Tradutores : Arnaldo do Espírito Santo / João Beato / Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel
Colecção : Textos Clássicos de Filosofia
Direcção da Colecção : José M. S. Rosa & Artur Morão
Design da Capa : António Rodrigues Tomé
Composição & Paginação : José M. S. Rosa
Universidade da Beira Interior
Covilhã, 2008

# NOTAS PRÉVIAS À TRADUÇÃO

«O clássico inerte da nossa língua paganizada e incompatível com o movimento do estilo augustiniano, tão próprio das almas fervorosas! [ ... ] Caso grave, e muito grave, traduzir as *Confissões*, um livro filosófico e místico, realista e poético, complexo e delicado, em que há frutos só doçura ou só amargura, rosas só perfume ou só espinhos, vozes e murmúrios, relâmpagos e nuvens, um espaço teológico e astronómico, onde os anjos e as estrelas ardem na mesma claridade».[1]

Traduzir as *Confissões* de Agostinho representa um esforço por atingir um objectivo quase inatingível, como se deu conta Teixeira de Pascoaes, qual e 0 de transpor para outra língua uma experiencia que e única, numa linguagem que passa do mais frio raciocínio cerebral ao mais ardente arroubo místico de uma alma enlevada no amor de Deus. Por seu lado, a experiencia literária do retor, futuro bispo de Hipona, profundamente impregnada de ritmos ciceronianos e ecos de autores clássicos, cruza-se a cada momento com 0 vocabulário áspero, mas cheio da pujança de uma língua antiga e renovada, como e 0 latim cristão, carregado de hebraísmos e helenismos semânticos, veículo de uma torrente de sentimentos sublimados em experiencia religiosa.

Nem sempre é fácil verter na mesma frase, em tal avalanche de experiências e emoções, o movimento do estilo augustiniano. Porque as palavras se desdobram em significados múltiplos, numa polifonia de evocações tantas vezes inapreensíveis e até mesmo intraduzíveis.

A mais pequena partícula não pode ser desprezada numa tradução que se pretenda fiel ao pensamento e às emoções de Agostinho. Sucedem-se em catadupa palavras de ligação, períodos e períodos, frases e frases, e segmentos oracionais, articulados entre si por polissíndetos encadeados que, a serem eliminados, desvirtuariam essa sensação

[1] Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995, pp. 109 e 110 (1ª ed., 1945).

de dúvidas e angústias acumuladas, num crescendo progressivo de trevas, até deflagrarem numa espécie de explosão fantástica de luz.

Para o mesmo efeito contribuem as repetições de vocábulos da mesma raiz, em figuras etimológicas sucessivas *amiserar-se dos miseráveis* {--} que a cada momento desafiam a imaginação e competências do tradutor, e que não raras vezes o deixam frustrado perante a impossibilidade de tal ou tal jogo de palavras ser impossível de reproduzir em português. Não foi possível, por exemplo, dizer, com todo o efeito retórico do original, que Agostinho, por causa dos *liberi* (filhos) dos seus concidadãos, não era *liber* (livre) de se dedicar inteiramente a Deus.

Correndo, pois, muitas vezes o risco de cair em asperezas, ou de até resultar em gongorismo a tentativa de conservar estas marcas de escrita, optou-se, também neste aspecto, pela fidelidade ao estilo de Agostinho, sempre que a língua portuguesa o permitiu.

Foi propósito nosso, nunca exagerado, não ceder à tentação de amaciar as rugosidades, ou suavizar a violência das palavras atiradas como pedras contra o erro e a heresia. Espírito inflamado, Agostinho, num gesto de supremo sarcasmo, diz que os Maniqueus fazem da sua pança uma enorme oficina onde transformam os alimentos, matéria degenerada, em substância divina. Sirva-nos este exemplo para justificar o uso de certa linguagem, às vezes chocante, que se manteve na tradução. Seria fácil substituir pança por ventre, mas, de facto, a ironia com que Agostinho fala da teoria maniqueísta leva-o a escolher um termo propositadamente chocante e ofensivo.

Também não adoçamos ou tornamos falsamente piedoso o que o não é. E, no entanto, a linguagem de infância, cheia de meiguice, para não dizer pieguice, abunda em efusões místicas, só comparáveis às declarações apaixonadas que se encontram nos poetas cantores do amor humano. Agostinho não desdenhou do vocabulário de um Catulo - *deliciae meae* (minha delícia) - ou de um Horácio - *dimidium animae meae* (metade da minha alma) -, sem recear as conotações que tal vocabulário trazia à memória do leitor. Parece, até, que com isso pretendeu operar uma transição, ou melhor, uma transposição de afectos do plano

humano para o divino, dando nobreza e elevação àquele quando se subordina a este.

Mas seria um erro fatal, para tornar o texto mais compreensível, ou duvidosamente mais actual, substituir por uma forma de apreensão mais imediata um grito extático de Agostinho, com toda a sua profundidade conceptual, quando exclama: *Ó «em paz», ó «ser em si mesmo».* O leitor estranhará, porventura, a expressão, mas seria banalizar o alcance do texto substituir fórmulas como esta, aliás bíblica, por um mais acessível "Ó paz verdadeira, ó verdadeiro ser».

Nestes e em outros casos, não quisemos retirar ao leitor o prazer de ir um pouco mais além da simples leitura, transformando-a num exercício de descoberta e de reflexão pessoal. Agostinho é um génio literário, maneja a língua como poucos, faz da palavra e do discurso o veículo da expressão profunda do que há de mais sublime na intimidade de Deus e na interioridade do homem, no infinitamente pequeno da natureza ou no infinitamente grandioso e magnífico do universo.

Percorrendo os palácios da memória humana ou mergulhando no tempo sem tempo antes do tempo, Agostinho analisou conceitos, criou imagens, manipulou sentidos, deu largas ao seu temperamento artístico, de que o leitor da língua portuguesa só desfrutará plenamente confrontando a tradução com o original latino. Para os que se ficarem pela tradução, asseguramos, enquanto tradutores, que fizemos um esforço por atingir o inatingível: verter Agostinho, a língua dele, em outra língua, que é a nossa, sem exegese, nem paráfrase.

O texto latino utilizado é o da edição crítica de Cornelius Mayer (Augustins *Werke und kritische Editionen*, *Augustinus-Lexikon*, 1986-1994), publica da em CD-ROM por Karl Heinz Chelius (*Corpus Augustinianum Gissense a Cornelius Mayer editum*, Schwabe & Coo AG, Verlag, Basel, 1995). Para orientar a leitura, foram acrescentados, entre parênteses, subtítulos inspirados na Patrologia Latina de Migne. A tradução é acompanhada por um aparato de fontes, para cuja constituição foram de suma importância as colecções de textos disponíveis em suporte informático, especificamente a *Patrologia Latina* Database,

Chadwyck-Healey Inc., Alexandria, USA, o *Bibleworks for Windows*, Hermeneutika Computer Bible Research Software, Seattle, USA, e o *Packard Humanities lnstitute Greek and Latin Dics*. As notas de carácter cultural foram reduzidas ao estritamente indispensável a uma melhor compreensão do texto. O mesmo princípio foi adoptado quanto às notas de âmbito filosófico, que são da autoria do Prof. Manuel Barbosa da Costa Freitas e do Dr. José Maria Silva Rosa.

A estes professores, bem como ao Prof. Joaquim Cerqueira Gonçalves, agradecemos o cuidado posto na leitura desta tradução.

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO
JOÃO BEATO
MARIA CRISTINA CASTRO-MAIA DE SOUSA PIMENTEL

# INTRODUÇÃO

Desde o início que a intenção dos organizadores do *Congresso Internacional* comemorativo dos 1600 anos da redacção das *Confissões* de Santo Agostinho, que se realizou na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, em Novembro de 2000, fora promover uma dupla edição da tradução da mesma obra: uma bilingue[1] , lançada durante o Congresso, e outra exclusivamente em português. Com a presente edição portuguesa [da qual se extraem os livros VII, X e XI para a LusoSofia.net] cumpre-se este segundo desiderato.

Pode dizer-se que as *Confissões* são simultaneamente uma obra de psicologia, de filosofia, de teologia, de poesia e de mística, embora tudo isto se conjugue para demonstrar a intervenção de Deus através de todas as causas segundas no itinerário espiritual de Agostinho (Pierre Courcelle, *Recherches sur les Confessions de saint Augustin*, Paris, 1950, p. 27). Como relato autobiográfico, as *Confissões* constituem, a par do *De Anima* de Tertuliano e do *Diálogo de Gregório de Nissa com a sua irmã Macrina sobre a alma e a ressurreição*, uma das primeiras etapas na constituição de uma psicologia racional. Contudo, os temas

[1] *Confissões*, trad. de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel; Introdução de M. B. da Costa Freitas; Notas de âmbito filosófico de Manuel Barbosa da Costa Freitas e José Maria Silva Rosa, Lisboa, IN-CM, Lisboa, 2000.

que vêm sendo estudados com maior empenho são a sua origem e a data de composição e, mais particularmente, o seu valor histórico e unidade temática.

É praticamente impossível datar com absoluta precisão a redacção das *Confissões*. No entanto, sabe-se que estava terminada nos fins de 400. Sobre o seu valor histórico, manteve-se, durante quase um século, uma acesa discussão, que hoje se pode considerar praticamente encerrada, decidindo-se a maioria dos autores, graças à distinção entre factos e juízos, pela veracidade histórica dos factos narrados por Agostinho (cf. P. Labriolle, "Introduction" a *Les Confessions*, Les Belles Lettres, Paris, 1925).

A unidade da obra ressalta claramente do título e da intenção, tantas vezes manifestada por Agostinho, de louvar a Deus pelos bens e pelos males recebidos (*Retr*., 2, 6). É este precisamente o sentido essencial das palavras latinas *confiteri* e *confessio*, como, por diversas vezes e em diversos lugares, Agostinho explicou (*Conf*., X, I, 1; *In Jo.*, XII, 13; *In Ps.*, 94, 4, 1052; *Sermo 67*, I, 2, e II, 4). *Confessio* vem a ser, no entendimento do nosso autor, a confissão dos pecados, que estabelece o pecador na sua verdade e o dispõe ao perdão de Deus. Deste modo, confessar os pecados é identicamente louvar Deus, que é sem pecado e, por isso, pode perdoar, devolvendo o pecador à sua primeira condição de inocência (cf. J. Ratzinger, "Originalität und Ueberliferung in Augustins Begriff der *Confessio*", em *Revue des Études Augustiniennes*, 3, 1957, p. 375-392). "Dupla é a confissão, diz Agostinho, a do pecado e a do louvor" (*In Ps.*, 29, 19); "há a confissão do homem que louva e a confissão do homem que geme" (*id.*, 94, 4). Portanto, como justamente observa Le Blond, *confissão* significa, ao mesmo tempo, *declaração* dos pecados e *louvor* da misericórdia e das grandezas de Deus (*Les conversions de saint Augustin*, Paris, 1950, p. 6-11).

Ora, as *Confissões* são isto mesmo: a proclamação da presença constante de Deus na vida de Agostinho, o que Deus fez por ele em toques discretos, tantas vezes sem ele mesmo disso se aperceber (*Conf*., VII, XV). A isto chama Agostinho *fazer a verdade* diante de Deus,

seu único e verdadeiro interlocutor nesse longo e misterioso diálogo, que, à primeira vista, mais parece um monólogo interior de si consigo mesmo, antes que um olhar mais atento aí descubra o mestre interior, a verdade substancial que paira por toda a parte, disponível para todos, respondendo a todos os que a consultam (*id.*, X, II, 2; XXVI, 37). As *Confissões* representam, deste modo, o esforço de Agostinho para se *situar* na *verdade de Deus* (*id.*, X, I, 1). Precisamente, a melhor maneira de fazer esta verdade é a confissão, renunciar à própria justificação e reconhecer a graça de Deus. *Fazer a verdade* não apenas diante de Deus, mas também na presença dos homens *(ibid.)*, para seu proveito e edificação, por insignificante que seja o número daqueles que cheguem a ler este escrito (*id.*, II, III, 5). Na presença de Deus e à luz da sua verdade, Agostinho dá um testemunho não só pessoal, mas sobretudo eclesial, como *pastor* e *doutor*, da presença misericordiosa de Deus em todos os acontecimentos e vicissitudes da sua vida e da história de cada homem, em particular, e da humanidade, em geral.

Demonstrada a unidade de facto das *Confissões*, importa demonstrar a sua unidade de *direito* ou *intencional*, o que se revela mais difícil. Alguns autores recorrem a uma determinada sequência temática, recolhida da terminologia de Agostinho, na tentativa de surpreender a articulação lógica que presidiu à sistematização interna dos treze livros, dentro da intenção geral de *confissão*. L. Landsberg, seguido por Le Blond, faz corresponder o grupo I-IX ao tema da *memoria* – evocação do passado –, o livro X, ao tema do *contuitus* – atenção presente –, e o grupo XI-XIII, ao tema da *exspectatio* – antecipação do futuro. Aimé Solignac considera, com razão, que ao terminar o livro XIII, depois de ter considerado a totalidade da criação na sua realidade material e na sua significação espiritual, quer dizer, como figura da Igreja e do Universo dos santos, Agostinho, muito justamente, deu por concluída toda a sua obra, fechando o ciclo dialéctico do tempo, que se abriu para nós a partir da eternidade do *fiat* criador e se encerra na eternidade do repouso celeste, com a evocação do repouso do Sétimo Dia, da paz do Sábado, que não conhece ocaso ("Introduction" a *Les Confessions*, p.

23-24). Por sua vez, N. J. Knauer, num artigo notável ("Peregrinatio animae. Zur Frage der Einheit der augustinischen Konfessionen", publicado em 1957, na revista *Hermès*, 85, p. 216-248), desenvolve, sob a imagem da *peregrinatio animae*, ou itinerário da alma, um esquema unitário das *Confissões* que, pelas brenhas sinuosas do pecado, conduz Agostinho à *regio egestatis* (região da indigência) e à *regio longiqua* (região longínqua), a evocar, numa alusão clara à parábola do filho pródigo, o negro abismo da queda no termo do seu afastamento de Deus (*Conf.*, II, X, 18), antes de ser reconduzido, pouco a pouco, sob influência divina, à *regio ubertatis*, à eterna *Hierusalem* (*id.*, IX, X, 24; XIII, XXXVII). Só então o *inquietum cor* encontra perfeita e definitiva paz no seio de Deus (*id.*, I, I, 1).

Certamente que Agostinho não se limitou a justapor dez livros, nos quais fala de si *(de me)*, a outros três, que falam das Santas Escrituras – de *scripturis sanctis* (*Retr.*, 12, p. 460-461). É natural que exista entre os dois grupos de livros uma relação muito mais profunda, capaz de explicar mais satisfatoriamente que o Agostinho místico e lírico é também o Agostinho filósofo e teólogo. De resto, sendo o relato das *Confissões* eminentemente pessoal e intensamente vivido, a ponto de conquistar, pela sua verdade e profundidade humana, estatuto de universalidade, será sempre possível descobrir nelas os temas essenciais e permanentes do homem em busca da verdade e da paz.

A conversão de Agostinho, tal como ele a revive e descreve, corresponde, no fundo, a toda e qualquer conversão, e replica ou dobra o movimento natural pelo qual a criatura espiritual se *forma* correctamente, volvendo sobre si, em resposta ao apelo do Verbo divino, de modo a tornar-se *alma viva*, à semelhança de Deus, que a criou (*Conf.*, X, IX, 14). É neste contexto dramático que as *Confissões* contam publicamente o reencontro de Agostinho com o seu Deus, as constantes demonstrações de ternura, desvelo e carinho, com que sempre o acompanhou (*id.*, IX, IV, 7; V, VI, 10; VII, XXI, 27; X, XXVII, 38), não desdenhando chamar-lhe, em brincada e graciosa linguagem de infância, *minha luz, minha riqueza, minha saúde, minha doçura* (*id.*, IX, I,

9). E a cada passo o poeta inspirado adianta-se ao filósofo austero e ao teólogo intransigente, servindo-se como mote de certos versículos colhidos dos *Salmos*, para dar desafogo ao tropel de sentimentos que o submergem (cf. L. Poque, *Les Psaumes dans les Confessions de saint Augustin et la Bible*, Paris, 1986, p. 155-166). O paradoxo do ser e do agir de Deus, a incapacidade da linguagem humana em dizê-lo adequadamente, é salmodiado em tom de júbilo e de acção de graças (*Conf.*, I, IV, 4-V, 5). E, de Hipona, frequentes notícias nos chegam a cada passo por Teresa d'Ávila, João da Cruz e tantos outros.

O Deus de Agostinho, ser Pessoal, Transcendente, Infinito, Omnipotente, Criador, Providente, Salvador e Redentor de todos os homens em seu Filho Jesus Cristo, nada tem a ver com a "omnipotência do Ser uno e idêntico" de Plotino (*Enn.*, VI, 4 e 5). O Deus presente nas *Confissões* é absolutamente transcendente, nada lhe faz obstáculo, e, por isso, é profundamente imanente, sem que nada o possa contaminar. Amor Infinito, Pai de Bondade, porque tudo criou gratuitamente, porque chama, convoca, ordena e dirige com mão forte e suave. Mãe de Misericórdia, porque espera, cuida, acalenta, nutre, amamenta, perdoa e abraça em transportes de alegria e felicidade. Como são belas as mãos que, cheias de *bondade*, seguram na sua omnipotente *verdade* o mundo por elas criado! (*Conf.*, VII, XV, 21).

O Agostinho convertido teve que entrar em si e descer ao mais fundo de si mesmo ou, paradoxalmente, ao mais elevado de si, para aí encontrar o seu Criador, acima de si, segundo o movimento dialéctico expresso na fórmula tradicional, tipicamente augustiniana: *Tu autem eras interior intimo meo et superior summo meo* – Mas tu eras mais interior do que o íntimo de mim mesmo e mais sublime do que o mais sublime de mim mesmo (*id.*, III, VI, 11).

Esta breve definição de Deus diz ao mesmo tempo, como já vimos, a sua imanência no seio de todas as criaturas, do homem em particular, e a sua transcendência acima de tudo o que o espírito humano tem de mais sublime. Deste modo se corrige e vence toda a tentação panteísta. As duas metáforas designam ao mesmo tempo a tensão constitutiva do

espírito humano na sua relação a Deus e o movimento de transcendência que como tal o caracteriza. Só o homem interior está apto a descobrir o seu Deus, o Deus do coração (*id*., IV, II, 3). Este acto de interioridade provoca ao mesmo tempo uma renovação do olhar, que, acrescido de maior acuidade, descobre a relatividade do seu ser, da sua bondade e beleza, da sua verdade, sinais e vectores para o Ser, para o Bem e Verdade em si mesmos (*id*., VII, Xl, 17). A partir deste momento, Agostinho sente-se habilitado a interrogar todas as coisas, a terra, o mar, o céu, acerca do seu Deus, e sabe ouvir e recolher em seu coração alvoroçado a resposta jubilosa: "Foi Ele quem nos fez." O seu interrogar é agora o olhar mais humilde e atento; a resposta das coisas, o ser que está aí com todo o esplendor da sua beleza – *interrogatio mea intentio mea responsio eorum species eorum* (*id*., X, VI, 9). A beleza das coisas está patente a todos, mas só a interpretam correctamente, como sinal e símbolo, os que, ao vê-la fora, interiormente a julgam, comparando-a com a verdade aí descoberta (*id*., X, X, 10). A contemplação do mundo exterior constitui a primeira etapa no itinerário do espírito para Deus. A segunda, é o espectáculo maravilhoso e deslumbrante que nos depara o mundo interior, com os imensos palácios da memória – *et uenio in campos et lata praetoria memoriae* (*id*., X, VIII, 12). "Dirigi-me, então, a mim mesmo e a mim mesmo disse: 'Tu quem és?' E respondi: 'Um homem.' E eis que estão em mim, ao meu serviço, um corpo e uma alma, uma coisa exterior, outra interior" (*id*., X, VI, 9). Mas a alma é superior porque anima o corpo, comunicando-lhe a vida. E Deus é ainda superior à alma porque é nela a vida da sua vida. Por isso, só pela alma poderá o homem ascender a Deus – *per ipsam animam meam ascendam ad illum* (*id*., X, VI, 11). A terceira etapa consiste em procurá-lo n'Ele mesmo, mas acima de si – *in te supra me* (*id*., X, XXVI, 37). E isto porque a própria alma se mostra contingente, mutável – *si tuam naturam mutabilem inueneris transcende et teipsum* (*De Vera reI.*, 39, 72). Um *supra* que, em relação ao mundo exterior, continua a ser fundamentalmente um *intus*, um *dentro de mim* enquanto eu andava *por fora – ecce intus eras et ego fo-*

*ris* (*Conf.*, X, XXVII, 38). Simultaneamente imanente e transcendente ao homem, Deus é, de certo modo, como diz P. Claudel *(Vers d'exil)*, mais eu do que eu mesmo. Deus é, em natureza, o absoluto Outro, que não só não aliena, mas a todos quer, ama e tudo promove. É superior, não porque acima e dominador, mas porque, humilde e dadivoso, tudo precede e funda como Amor infinito e providente, que tudo cria e sustenta a partir do nada – *de nihilo enim a te, non de te* – com mão tente e poderosa (*Conf.*, XlII, XXXlII, 48; Ill, VI, 11).

Deste modo, o Deus de Agostinho não se confunde com a longínqua e nublosa *Causa sui* da metafísica clássica, inacessível a toda a invocação de piedade e de louvor que saia, comovida, do coração humano. É à luz do Deus pessoal, vivo e sensível da Bíblia, dominante nas *Confissões*, que deve ser interpretado o pensamento augustiniano, do qual Cristo é a fonte e o princípio inspirador como Palavra Encarnada do Pai, para alumiar, de verdade e de graça, toda o homem que vem a este mundo.

Criado à imagem de Deus, o homem é chamado a realizar, em liberdade e consciência, tudo o que de ontológico e estrutural implica o ser imagem, para, desse modo *convertido*, quer dizer, na posse da verdade de si mesmo, se transformar em semelhança, que é já participação da vida divina. Do esforço em responder à vocação da imagem, que transporta consigo em sucessivas e crescentes aproximações, depende a sua felicidade. Daqui o instante apelo de Agostinho a não nos deixarmos andar por fora, a regressarmos quanto antes à nossa interioridade, porque é ai que habita a verdade por que ansiosamente suspiramos – *in interiore homine habitat ueritas* (*De Vera rel.*, 39, 72). Este binómio *intus-foris* é um dos esquemas mais expressivos de toda a antropologia e ontologia de Agostinho. Nele se condensa e resume, por assim dizer, tudo o que encontramos de mais dramático e emotivo na experiência de uma vida na qual, finalmente, descobre, com imensa mágoa, o que de desgraça e infelicidade representa o ter andado tanto tempo por fora e longe de Deus, porque por fora e longe de si. A comovidíssima descrição que dessa experiência nos deixou Agostinho constitui,

no dizer de um crítico literário, um dos melhores exemplos do lirismo que nos surpreende nas *Confissões*. "Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não seriam, se em ti não fossem" (*Conf.*, X, XXVII, 38).

O andar por fora e alheado de si, em desacordo com a ontológica condição de imagem, repercute-se ao nível da consciência psicológica em termos de inquietação, companheira inseparável da homem nesta vida mortal ou morte vital (*id.*, V, VI, 7). A paz ou quietude final não a pode o homem alcançar só por si, mas o Verbo eterno, que é antes dos tempos, nascido no tempo, chama à vida os seres temporais, para os fazer imortais – *uocans temporales, faciens aeternos* (*In Ps.*, 101, II, 10-11). O próprio tempo, que não é mais do que o derramar-se ou distender-se da alma pelo passado, que lhe foge, e pelo futuro, que lhe tarda, será resgatado e absorvido pela eternidade perene *(semper)*, insucessiva *(semel)* e simultânea *(simul)* da imutável presença de Deus a si e a todas as criaturas (*Conf.*, XII, XV, 18). Entretanto, a alma fiel luta todos os dias contra a dispersividade ou dissipação *(distentio)* pela concentração em si mesma *(intentio)* e de olhar fixo nos bens que não têm fim (*id.*, XI, XXIX, 39).

Poucos homens exerceram sobre o pensamento europeu uma influência tão profunda e duradoura como Agostinho de Hipona. Apesar de negativa, em alguns casos, como, por exemplo, na história das doutrinas do pecado original, da graça e da predestinação, o melhor dessa influência reside no contributo positivo para a actual configuração do espírito europeu, a ponto de ser considerado por muitos como Pai comum do Ocidente.

De resto, muitas das páginas que escreveu sobre a liberdade e a graça, sobre a razão e a fé, sobre a cidade de Deus e a Igreja, etc. tornaram-se clássicas e são ainda hoje uma referência inevitável tanto em teologia como em filosofia. Karl Jaspers, por exemplo, não hesita

em incluí-lo entre os que fundam a filosofia e continuam a fundá-la (*Les grands philosophes*, t. II). Por sua vez, Martin Buber vê nele um dos primeiros pensadores que ousaram conjugar a existência na primeira pessoa (*Le problème de l'homme*, Paris, 1962, p. 22 ss.).

As *Confissões* são hoje uma das obras mais lidas e comentadas. O seu fascínio é geral, porque nelas se reflecte o homem universal que vive em cada um de nós, tantas vezes oculto e ignorado. Aí se relata a história de um homem convertido, que voltou a Deus, e que aprendeu a dialogar com Ele através dos versículos bíblicos porque Deus tomou a iniciativa de descer a trato familiar com os homens, em presença e linguagem humanas. A conversão pô-lo em condição de compreender o *grande livro da criação do céu e da terra* (Gén., 2, 4), de que abundantemente se serve para *fazer a sua verdade* diante de Deus e no meio dos homens, isto é, para dizer e proclamar o que realmente é, ou seja, a reconhecer em si o dom de Deus, porque de Deus tudo depende e nada se lhe pode esconder (*Conf.*, II, III, 5; X, I, 1, e II, 2).

Como no tempo de Agostinho, também o homem de hoje tem fome e sede de Deus. E também hoje não falta quem pretenda *saciar* os *insaciáveis apetites de uma opulenta indigência* com ideias e doutrinas que ostensivamente ignoram ou desdenham a ordem fixada desde sempre para apagar a sua sede espiritual e oferecer alimento substancial à fome de eternidade (*id.*, I, XII, 19).

Que as *Confissões* de Agostinho, lidas e meditadas, possam ajudar os homens de hoje a *fazer a sua verdade* interior com liberdade e isenção, de modo que se criem relações cada vez mais verídicas, sólidas e justas no interior consigo mesmos, com Deus e com toda a humanidade.

MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS

# CONFISSÕES

## Santo Agostinho

# Livro VII

### [Deus concebido como um ser corpóreo e difuso no universo]

VII. I. 1. Estava já morta a minha adolescência, má e abominável, e entrava na juventude, quanto mais velho em idade, tanto mais abjecto em futilidade, de tal modo que não me era possível conceber uma substância a não ser aquela que se costuma ver com estes olhos do corpo. Não te imaginava, meu Deus, sob a forma de um corpo humano, desde que comecei a ouvir falar de filosofia; sempre evitei isso e alegrava-me por ter encontrado a mesma maneira de ver na fé da nossa mãe espiritual, a tua Igreja católica; mas não me ocorria outra coisa que pudesse conceber acerca de ti. E, sendo eu homem – e que homem! – esforçava-me por te conceber como supremo, único e verdadeiro Deus[2], e, com todo o meu ser, acreditava que tu és incorruptível, e inviolável, e imutável, porque, não sabendo por que razão nem por que modo, no entanto via claramente e estava certo de que aquilo que é corruptível é inferior àquilo que não é corruptível, e aquilo que é inviolável, sem qualquer hesitação eu punha-o antes do que é violável, e que o que não está sujeito a nenhuma espécie de mudança é superior àquilo que pode sofrer mudança. Clamava violentamente o meu coração[3] contra todos estes meus fantasmas e, com um único golpe, esforçava-me por afugentar da visão do meu espírito o bando da imundície que esvoaçava em torno de mim: e que, mal era rechaçado, num abrir e fechar de olhos[4], de novo aglomerado, logo voltava e se precipitava sobre o meu semblante e o obnubilava. Deste modo, embora não te concebesse sob a forma

[2] *João* 17:3.
[3] *Lamentações* 2:18.
[4] 1 *Coríntios* 15:52.

de um corpo humano, era todavia levado a conceber alguma coisa de corpóreo espalhado pelos espaços, quer imanente ao mundo, quer difuso para além do mundo, pelo infinito, e que fosse justamente isso o incorruptível, e o inviolável, e o imutável que eu antepunha ao corruptível, e ao violável, e ao mutável; porque tudo aquilo que eu privava de tais espaços parecia-me ser o nada, mas o nada absoluto, nem mesmo o vazio, como quando se tira um corpo de um lugar e fica o lugar esvaziado de qualquer corpo, seja ele da terra, da água, do ar ou do céu, mas todavia há um lugar vazio, como se fosse um 'nada espaçoso'.

2. Assim, eu, com o coração engordurado[5], nem eu próprio esclarecido nem para mim mesmo, entendia que era o nada absoluto tudo aquilo que não se expandisse por uma certa quantidade de espaço, ou não se difundisse, ou não se concentrasse, ou não se dilatasse, ou não incluísse ou não fosse capaz de incluir algo como isto. Na verdade, o meu coração seguia através daquelas imagens, através das quais costumam seguir os meus olhos, e nem via que esta mesma reflexão com que eu formava aquelas mesmas imagens não era da mesma natureza: todavia ela não as formaria se não fosse uma coisa grandiosa. E assim, também, vida da minha vida, concebia que tu, um ser imenso, através dos espaços infinitos, de toda a parte, penetravas toda a massa do mundo, e fora dela, em todas as direcções, pela imensidão sem fim, de tal modo que te contivesse a terra, o céu e todas as coisas, e todas elas acabassem em ti, enquanto tu não acabavas em parte alguma. Assim como a massa do ar, deste ar que está por cima da terra, não impede que a luz do sol passe por ele, penetrando-o, sem o romper ou rasgar, mas enchendo-o por completo, assim também eu julgava que não só o corpo do céu, e do ar, e do mar, mas também o da terra, te eram acessíveis e penetráveis por todas as partes, das maiores às mais pequenas, para receber a tua presença que, com invisível inspiração, governa, interior e exteriormente, todas as coisas que criaste. Assim o supunha eu, porque não podia conceber outra coisa; mas era falso. Na verdade,

[5] *Salmo* 118:70; *Mateus* 13:15; *Actos* 28:27.

desse modo, a parte maior da terra teria uma parte maior de ti, e uma mais pequena, uma parte menor, e todas as coisas estariam cheias de ti de tal maneira que o corpo do elefante receberia mais de ti que o do pássaro, porque, sendo aquele maior do que este, ocupa um lugar maior, e assim, dividido em partículas, tornarias presentes as tuas partes grandes nas partes grandes do mundo, e as pequenas, nas partes pequenas. Mas não é assim. Mas tu ainda não tinhas iluminado as minhas trevas[6].

**[Evocação dos argumentos de Nebrídio contra os Maniqueus]**

VII. II. 3. Era-me bastante, Senhor, contra aqueles enganados enganadores e palradores mudos, porque através deles não soava a tua palavra, era-me, pois, bastante aquilo que já há muito tempo, ainda em Cartago, Nebrídio costumava propor, e todos os que o tínhamos ouvido ficámos impressionados: 'Que te poderia fazer aquela espécie de gente das trevas que os Maniqueus costumam opor como massa adversa, se tu com ela não tivesses querido lutar?'. Ora, se respondessem que te poderia causar alguma coisa de mal, tu serias violável e corruptível. Se, ao invés, dissessem que em nada essas coisas te poderiam prejudicar, não haveria causa para lutar, e lutar de tal modo que uma certa parte de ti e um teu membro ou a geração da tua própria substância se misturaria com os poderes adversos e com as naturezas criadas por ti, e se corromperia e mudaria para pior, na proporção em que da felicidade se transformasse em miséria, e carecesse de auxílio com que pudesse ser libertada e purificada; e que esta parte era a alma, em socorro da qual veio a tua palavra, livre, para ela que era servil, pura, para ela manchada, íntegra, para ela corrupta, mas também ela própria corruptível, porque formada de uma só e mesma substância. E deste modo, se os Maniqueus dissessem que tu, o que quer que tu sejas, isto é, que a tua substância, pela qual tu és, é incorruptível, tudo isso seria falso e execrável; se, pelo contrário, dissessem que é corruptível, isso mesmo também seria falso e abominável, desde a primeira palavra. Portanto,

[6] *Salmo* 17:29.

bastava-me só isto contra aqueles que, de todo o modo, era preciso expulsar como um peso de dentro do peito, porque, sentindo e dizendo estas coisas acerca de ti, não tinham por onde escapar, senão com um horrível sacrilégio do coração e da língua.

**[O livre arbítrio, causa do pecado]**

VII. III. 4. Mas, também ainda, embora dissesse e acreditasse firmemente que és incontaminável e inalterável e sob nenhum aspecto mutável, tu, nosso Deus, Deus verdadeiro, que criaste não só as nossas almas, mas também os nossos corpos, e não apenas as nossas almas e os nossos corpos, mas também todos nós e todas as coisas, não tinha por explicada e esclarecida a causa do mal. Fosse ela qual fosse, porém, via que era preciso procurá-la de modo a que, graças a ela, não fosse obrigado a acreditar que é mutável o Deus imutável, ou que eu próprio me convertesse naquilo que eu procurava. E assim, procurava-a em segurança e certo de que não era verdade o que diziam aqueles que eu evitava com toda a minha alma, porque os via, procurando donde provinha o mal, cheios de maldade[7], em virtude da qual eram de opinião que é mais a tua substância que está sujeita a sofrer o mal, do que a deles a fazê-lo.

5. E esforçava-me por compreender o que ouvia: que o livre arbítrio da vontade é a causa de praticarmos o mal e o teu recto juízo[8] a de o sofrermos, mas não conseguia compreender essa causa com clareza. E assim, tentando arrancar do abismo o olhar do meu espírito, afundava-me de novo, e muitas vezes tentava e me afundava uma e outra vez. Na verdade, elevava-me para a tua luz o facto tanto de saber que tinha uma vontade como o de saber que vivia. Por isso, quando queria ou não queria alguma coisa, tinha absoluta certeza de que quem queria ou não queria não era outro senão eu. E via, cada vez mais,

[7] *Eclesiastes* 9:3; *Romanos* 1:29.
[8] *Salmo* 118:137.

que aí estava a causa do meu pecado. E aquilo que fazia contra vontade via que era mais padecer do que fazer, e julgava que isso não era culpa, mas castigo, pelo qual, como eu logo confessava, considerando-te justo, era castigado não injustamente. Mas de novo dizia: 'Quem me fez? Porventura não foi o meu Deus, que é não apenas bom, mas o próprio bem? Donde me vem então o querer o mal e o não querer o bem? Será para haver um motivo para que eu seja castigado justamente? Quem colocou isto em mim, e plantou em mim este viveiro de amargura[9], embora todo eu tenha sido feito por um Deus tão doce? Se o autor é o diabo, donde veio o mesmo diabo? Mas se também ele, por uma vontade perversa, de anjo bom se tornou diabo, donde lhe veio, também a ele, a má vontade pela qual se tornaria diabo, quando o anjo, na sua totalidade, tinha sido criado por um criador sumamente bom?' De novo me deixava abater e sufocar com estes pensamentos, mas não me deixava arrastar até àquele inferno do erro, onde ninguém te confessa[10], quando se julga que és tu a padecer o mal, e não o homem que o pratica.

*[Deus tem de ser incorruptível]*

VII. IV. 6. Assim, pois, esforçava-me por descobrir as restantes coisas, tal como já tinha descoberto que é melhor o incorruptível do que o corruptível, e, por isso, proclamava que tu, o que quer que fosses, és incorruptível. É que nenhuma alma alguma vez pôde ou poderá conceber alguma coisa que seja melhor do que tu, que és o supremo e o melhor bem. Sendo então absolutamente verdadeiro e certo que o incorruptível se deve antepor ao corruptível, tal como eu já fazia, podia já, com o pensamento, atingir alguma coisa que fosse melhor do que o meu Deus, se tu não fosses incorruptível. Por isso, ali onde eu via que o incorruptível deve ser preferido ao corruptível, aí te devia eu procurar e daí aperceber-me onde está o mal, isto é, donde tem origem a própria corrupção, pela qual a tua substância de modo algum pode ser violada.

[9] *Hebreus* 12:15.
[10] *Salmo* 6:6.

De nenhum modo, sem dúvida, a corrupção viola o nosso Deus, nem por vontade alguma, nem por necessidade alguma, nem por um acaso imprevisto, porque ele próprio é Deus e é bom aquilo que deseja para si, e ele próprio é o mesmo bem; ora, ser corrompido não é um bem. Nem podes ser obrigado ao que quer que seja contra vontade, porque a tua vontade não é maior do que o teu poder. Seria, no entanto, maior, se tu próprio fosses maior que tu próprio; com efeito, a vontade e o poder de Deus são o próprio Deus. E que coisa pode ser imprevista para ti, que conheces todas as coisas? Nenhuma natureza existe senão porque a conheces. E para que é que dizemos tantas coisas para explicar porque é que não é corruptível a substância, que é Deus, quando, se o fosse, não seria Deus?

*[De novo a origem do mal e as suas raízes]*

VII. V. 7. E procurava a origem do mal, e procurava mal, e, na minha própria indagação, não via o mal. E punha em presença do meu espírito[11] toda a criação, tudo quanto nela podemos ver claramente, como sejam a terra, e o mar, e o ar, e as estrelas, e as árvores, e os seres mortais, e tudo quanto nela não vemos, como o firmamento do céu por cima de nós, e todos os anjos e todos os seres espirituais dele, mas ainda os mesmos enquanto corpos ordenados cada um em seu lugar, de acordo com a minha imaginação; e fiz dessa tua criação uma massa imensa dividida por géneros de corpos, quer os que efectivamente eram corpos, quer os que eu próprio tinha imaginado como espíritos, e concebi-a imensa, não tão grande como era, porque não o podia saber, mas como me aprouve, sem dúvida finita por todos os lados, e concebia-te, Senhor, rodeando-a e penetrando-a por todas as partes, mas infinito em todas as direcções, tal como se houvesse um mar em toda a parte, e um único mar infinito, por todas as partes, através da imensidão, e ele tivesse dentro de si uma esponja tão grande quanto se possa imaginar, mas no entanto finita, e essa esponja estivesse inteiramente cheia, por todas as partes, desse imenso mar: assim eu julgava a tua criação finita,

[11] *Salmo* 15:8.

cheia de ti, que és infinito, e dizia: 'Eis aqui Deus e eis as coisas que Deus criou, e é um Deus bom, e perfeito, e intensíssima e imensissimamente superior a elas; mas, todavia, sendo bom, criou as coisas boas: e eis como as rodeia e enche. Mas então onde está o mal e donde e por onde aqui se insinuou? Qual a sua raiz e qual a sua semente? Ou é absolutamente inexistente? Então, porque tememos e evitamos o que não existe? Ou, se o tememos sem fundamento, por certo já o próprio temor é um mal, que em vão atormenta e tortura o coração, e é um mal tanto mais grave quanto não temos que temer, e tememos. Por isso, ou existe o mal, que tememos, ou este mal existe, porque o tememos. E, uma vez que Deus, sendo bom, fez todas estas coisas boas[12], donde vem então o mal? Na verdade, o maior e supremo bem fez boas as coisas mais pequenas, mas, no entanto, tanto o Criador é bom como são boas todas as coisas criadas. Donde vem então o mal? Será que, naquilo donde as fez, havia alguma matéria má, e formou-a, e ordenou-a, mas deixou nela qualquer coisa que não teria transformado em bem? E porquê isto? Será que, embora sendo omnipotente, tinha poder para transformá-la e mudá-la na totalidade, de modo a que nada de mal restasse? Finalmente, porque é que quis fazer dela alguma coisa e não preferiu fazer, com a mesma omnipotência, com que ela não existisse em absoluto? Ou, na verdade, será que ela podia existir contra a vontade dele? Ou, se era eterna, porque a deixou ser assim durante tanto tempo, durante os infinitos espaços anteriores do tempo, e tanto tempo depois lhe pareceu bem fazer alguma coisa a partir dela? Ou então, se de repente quis fazer alguma coisa, sendo omnipotente, podia preferir fazer com que ela não existisse, e que só ele próprio fosse o inteiramente verdadeiro, e supremo, e infinito bem? Ou, se não era bem que não fosse fabricada alguma coisa boa e a criasse ele, que era bom, suprimindo e reduzindo a nada a matéria que era má, podia ele próprio criar uma matéria boa donde criasse todas as coisas? Pois não seria omnipotente, se não pudesse criar alguma coisa de bom, a não ser sendo ajudado por aquela matéria que ele próprio não tinha criado'. Tais coisas revolvia no meu

[12] *Génesis* 1:31.

pobre coração, sobrecarregado de preocupações que me dilaceravam, motivadas pelo temor da morte e pela verdade não encontrada; todavia, firmemente se fixava no meu coração, no seio da Igreja católica, a fé no teu Cristo, Senhor e nosso Salvador[13], em muitos aspectos, de facto, ainda informe e indecisa, fora da norma da doutrina, mas, no entanto, a minha alma não a abandonava, pelo contrário em cada dia mais e mais dela se impregnava.

*[Rejeição das previsões dos astrólogos]*

VII. VI. 8. Também já tinha rejeitado as adivinhações enganadoras e os ímpios delírios dos astrólogos. Também sob esse aspecto, do mais íntimo da minha alma, a ti confesse, meu Deus, pelas tuas misericórdias[14]! Tu, na verdade, absolutamente tu – pois quem mais nos liberta da morte de todo o erro senão a vida que não conhece a morte, e a sabedoria, que ilumina as mentes necessitadas, não necessitando ela de nenhuma luz, sabedoria pela qual o mundo é governado até às folhas das árvores levadas pelo vento? – tu acudiste à minha obstinação, com que me opus a Vindiciano, um ancião arguto, e a Nebrídio, um jovem de alma admirável, aquele que afirmava com veemência, este dizendo, com alguma dúvida mas, todavia, frequentemente, que não existe a arte de prever o futuro, mas que as conjecturas dos homens têm muitas vezes a força do acaso e que, dizendo muitas coisas, se diziam algumas que haviam de acontecer, sem que os que as diziam soubessem, mas acertando nelas, por não se calarem – tu proporcionaste-me um amigo, um diligente consultor dos astrólogos, não muito versado nestes estudos, mas, como disse, consultor curioso, e todavia sabia uma coisa que dizia ter ouvido a seu pai, ignorando até que ponto isso podia destruir a teoria daquela arte. Como este homem, de nome Firmino, educado nas artes liberais e cultivado na eloquência, me tivesse consultado, como a um amigo caríssimo, acerca de uns assuntos seus, em relação aos quais a sua esperança terrena tinha crescido, sobre o que me

[13] 2 *Pedro* 2:20.
[14] *Salmo* 106:8, 15, 21, 31.

parecia segundo aquilo que chamam 'as suas constelações', mas como eu, que, sobre este assunto, já começava a inclinar-me para a opinião de Nebrídio, não me recussasse de facto a conjecturar e a dizer o que se me oferecia, embora hesitante, acrescentando, apesar disso, que estava já quase persuadido de que aquelas coisas eram ridículas e vãs, ele contou-me então que seu pai fora interessadíssimo em tais livros e que tivera um amigo que seguia igualmente e com ele tais coisas. Eles, com igual empenho e perspectiva, espertavam o fogo do seu coração para essas ninharias, a ponto de observarem até os momentos do nascimento dos animais que não falam, se alguns pariam em casa, e de notarem a posição do céu relativamente a tais coisas, donde pudessem recolher dados daquela espécie de arte. E, assim, dizia ter ouvido a seu pai que, estando a mãe de Firmino grávida dele mesmo, também a uma certa criada daquele amigo de seu pai lhe ia crescendo a barriga. E tal facto não pôde passar despercebido ao amo, que procurava conhecer, com a mais criteriosa diligência, os partos até das suas cadelas; e assim aconteceu que, tendo contado, com a mais escrupulosa observação, os dias e as horas e as mais pequenas divisões das horas, um, os da esposa, o outro, os da escrava, ambas deram à luz ao mesmo tempo, de tal modo que foram obrigados a traçar, para ambas as crianças nascidas, as mesmas constelações, até ao mais ínfimo pormenor, um, para o filho, o outro, para o escravozinho. Tendo as mulheres entrado em trabalho de parto, ambos comunicavam um ao outro o que acontecia em casa de cada um, e prepararam mensageiros para enviarem um ao outro, de tal modo que, mal nascesse uma criança, logo fosse anunciado ao outro: como se estivessem no seu próprio reino, faziam com que facilmente as notícias fossem comunicadas de imediato. E, assim, contava que aqueles que tinham sido enviados por cada um deles se tinham encontrado a distâncias iguais das respectivas casas, a ponto de nenhum deles poder registar uma posição diferente dos astros e diferentes fracções de tempo. E todavia Firmino, nascido, entre os seus, numa casa sumptuosa, seguia pelos caminhos mais resplandecentes do século, e era cumulado de riquezas e enaltecido de honras, enquanto

o servo, de nenhuma maneira aliviado do jugo da sua condição, servia seus amos, conforme relatava ele próprio, que o conhecia.

9. E assim, tendo ouvido e acreditado nestas coisas – atendendo a quem as narrava – toda aquela minha relutância caiu desfeita, e comecei por tentar dissuadir o próprio Firmino daquela curiosidade, dizendo-lhe que, observadas as suas constelações, para que dissesse a verdade deveria eu, sem qualquer dúvida, ver nelas que os seus pais eram os primeiros entre os seus pares, que era uma nobre família da sua cidade, que o seu nascimento fora livre, que a sua educação fora esmerada, nas artes liberais; mas se aquele servo me tivesse consultado sobre as mesmas constelações – pois elas também eram as dele – para que também a ele dissesse a verdade, eu deveria, pelo contrário, nelas ver que a sua família era humílima, a sua condição, servil, e todas as restantes coisas tão diferentes e muito diversas das anteriores. Daí resultava que, observando eu as mesmas coisas, diria coisas diversas, se dissesse verdades, mas, se dissesse as mesmas coisas, diria mentiras. Daí deduzi sem qualquer dúvida que as coisas que, observadas as constelações, se dizem verdadeiras, não são ditas mercê da arte, mas do acaso, e que as que se dizem falsas não o são por imperícia da arte, mas por engano do acaso.

10. E daí, tomando isto como um começo, e ruminando comigo mesmo estas coisas, para que nenhum daqueles mesmos tresloucados que procuram tal lucro, os quais eu cada vez mais desejava atacar, pôr a ridículo e refutar, me pudesse objectar argumentando que, ou Firmino a mim, ou o pai dele a ele, lhe tinha contado mentiras, eu próprio fixei a minha reflexão naqueles que nascem gémeos, dos quais muitos saem do ventre de tal modo um a seguir ao outro que esse pequeno intervalo de tempo, por grande que seja a força que sustentam haver na natureza das coisas, não pode todavia ser percebido pela observação humana e é absolutamente impossível registá-lo nos mapas astrais, que o astrólogo há-de observar para que revele coisas verdadeiras. E não serão verdadeiras porque, observando os mesmos mapas, ele deveria dizer as

mesmas coisas acerca de Esaú e Jacob; mas não sucederam as mesmas coisas a ambos. Logo, o astrólogo teria dito mentiras, ou, se dissesse a verdade, não diria as mesmas coisas: mas observaria as mesmas coisas. Portanto, não diria coisas verdadeiras mercê da arte, mas do acaso. Tu, Senhor, justíssimo moderador do universo, ages por desígnio secreto, sem o conhecerem os que consultam e os que são consultados, de modo que, quando cada um consulta, ouça aquilo que lhe convém ouvir, em função dos méritos secretos das almas, segundo o abismo do teu justo juízo[15]. A esse juízo não diga o homem: Que é isto?[16] Porquê isto? Não o diga, não o diga; porque é homem.

*[Atormentado pela dúvida sobre a origem do mal]*

VII. VII. 11. Deste modo, meu auxílio[17], já me tinhas libertado daquelas cadeias, e procurava ainda a origem do mal, e não havia saída. Mas não me permitias que, por nenhum turbilhão do pensamento, fosse arrancado à fé, graças à qual eu acreditava que tu existes, que a tua substância é imutável, que cuidas dos homens e os julgas, e que em Cristo, teu Filho, nosso Senhor, e nas Santas Escrituras, que a autoridade da tua Igreja católica reconhece, tu colocaste o caminho da salvação humana, em direcção àquela vida que depois desta morte há-de vir. E assim, postas a salvo estas coisas, e fortalecidas firmemente no meu espírito, procurava, inflamado, donde provém o mal. Que tormentos aqueles os do meu coração, em dores de parto, que gemidos, meu Deus! E aí estavam os teus ouvidos, sem eu saber. E como, em silêncio, intensamente te procurava, grandes eram os clamores à tua misericórdia, silenciosa a contrição da minha alma. Tu sabias o que eu padecia, e de entre os homens, ninguém. Pois que importantes eram as coisas que a minha língua transmitia aos ouvidos dos que me eram mais íntimos! Porventura percutia neles todo o tumulto da minha alma, para o qual não eram suficientes nem o tempo nem a minha boca? Contudo, ia ao

[15] *Salmo* 35:7.
[16] *Êxodo* 13:14; 16:15; *Eclesiástico* 39:26.
[17] *Salmo* 17:3; 18:15; 58:18.

encontro do teu ouvido tudo o que rugia por causa do gemido do meu coração, e diante de ti estava o meu desejo, e a luz dos meus olhos não estava comigo[18]. Estava dentro de mim, mas eu fora, e ela não estava em um lugar. E eu fixava-me naquelas coisas que estão contidas em lugares, e não encontrava aí lugar para descansar, nem essas coisas me acolhiam de forma a que eu pudesse dizer: 'Basta' e 'Está bem', nem me deixavam voltar quando para mim estivesse bastante bem. Pois eu era superior a essas coisas, mas inferior a ti, e tu a verdadeira alegria para mim, que me submetia a ti, e tu tinhas submetido a mim aquelas coisas que criaste abaixo de mim[19]. E isto era a justa medida e a região intermédia da minha salvação: que eu permanecesse semelhante à tua imagem[20] e que, servindo-te, dominasse o meu corpo. Mas como, orgulhosamente, me erguesse contra ti e corresse contra o Senhor, na gorda cerviz do meu escudo[21], também essas coisas abaixo de mim se puseram acima de mim, e esmagavam-me, e em nenhum lugar havia repouso e alívio. Elas próprias atacavam-me, de todos os lados, tumultuosamente, em massa, enquanto eu via e pensava, mas as próprias imagens dos corpos opunham-se-me, quando eu voltava, como se me fosse dito: 'Para onde vais, ser indigno e abjecto?' Mas estas coisas tinham crescido da minha ferida, porque *humilhaste o soberbo tal como um ferido*[22], e separava-me de ti o meu tumor, e o rosto demasiado inchado cerrava-me os olhos.

*[O socorro da misericórdia divina]*

VII. VIII. 12. Tu, porém, Senhor, permaneces para sempre[23] e não te deixas para sempre levar pela ira contra nós[24], porque te compadeces

[18] *Salmo* 37:9-11.
[19] *Génesis* 1:28.
[20] *Génesis* 1:26-27.
[21] *Job* 15:26.
[22] *Salmo* 88:11.
[23] *Salmo* 101:13.
[24] *Salmo* 84:6.

do pó e da cinza[25], e aprouve-te corrigir as minhas deformidades na tua presença[26]. E impelias-me com os teus aguilhões interiores[27], para que estivesse inquieto, até que, através da visão interior, tu para mim fosses uma certeza. E o meu tumor decrescia graças à mão oculta da tua medicina, e a vista conturbada e obscurecida da minha mente de dia para dia[28] ia sarando, mercê do penetrante colírio das dores salutares.

*[O neoplatonismo e as Escrituras: concepções sobre a divindade e a encarnação do Verbo]*

VII. IX. 13. E, primeiramente, querendo mostrar-me quanto resistes aos soberbos e, pelo contrário, dás a tua graça aos humildes[29], e com quanta misericórdia tua foi indicado aos homens o caminho da humildade, porque o teu Verbo se fez carne e habitou entre os homens[30], proporcionaste-me, por intermédio de um certo homem inchado de enormíssimo orgulho, uns certos livros dos Platónicos[31] traduzidos da língua grega para a latina, e aí li, não exactamente nestas palavras, mas com muitas e variadas razões, que, no conjunto, se argumentava isto mesmo: no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e Deus era o Verbo: este estava, no princípio, junto de Deus; todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada foi feito; o que foi feito é

[25] *Eclesiástico* 17:31.
[26] *Salmo* 18:15; *Daniel* 3:40.
[27] Vergílio, *Eneida* XI 337.
[28] *Salmo* 60:9; 95:2; *Eclesiástico* 5:8; *Isaías* 58:2; 2 *Coríntios* 4:16.
[29] *Provérbios* 3.34; *Tiago* 4:6; 1 *Pedro* 5:5.
[30] *João* 1:14.
[31] Agostinho refere-se ao Neoplatonismo, corrente filosófica que começou a ter expressão escolar, em Alexandria, nos finais do séc. III, princípios do séc. IV (Amónio Sacas), que, contra a traição dualista e céptica dos Académicos a Platão, pretendia restaurar o pensamento platónico supostamente originário, na linha de uma filosofia não-materialista, henótica, soteriológica, religiosa, conversiva, procurando reconduzir tudo à transcendência do Uno. Plotino, discípulo de Amónio juntamente com Orígenes, foi um dos seus mais eminentes representantes (*Enéades*), em Roma, sendo aqui seguido por Porfírio e Jâmblico. Em Atenas, Longino e Proclo foram os seus maiores representantes.

vida nele, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a dominaram[32]; e que a alma humana, embora dê testemunho da luz, todavia ela própria não é a luz, mas o Verbo, Deus, é que é *a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a este mundo*[33]; e que estava neste *mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o reconheceu*[34]. Mas que *veio para o que era seu e os seus não o receberam, e que a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, a eles que crêem no seu nome*[35], isso não o li eu aí.

14. Aí li, sim, que o Verbo, Deus, não nasceu da carne, nem do sangue, nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas sim de Deus[36]; mas que *o Verbo se fez carne e habitou em nós*[37], não o li eu aí. Indaguei, realmente, naqueles textos, dito de várias maneiras e de muitos modos, que o Filho, na forma do Pai, não considerou rapina ser igual a Deus[38], porque, por natureza, é isso mesmo; mas que *se aniquilou a si mesmo tomando a forma de escravo, feito à semelhança dos homens e tido como homem pela aparência, humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte, e morte na cruz: por isso Deus o exaltou*[39] dos mortos *e deu-lhe um nome, que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho dos seres celestes, terrestres e infernais, e toda a língua confesse que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai*[40]: isso não o dizem aqueles livros. Mas que, antes de todos os tempos e acima de todos os tempos, permanece imutavelmente teu Filho unigénito, co-eterno contigo, e que da sua plenitude recebem[41] as

[32] *João* 1:1-5.
[33] *João* 1:8-9.
[34] *João* 1:10.
[35] *João* 1:11-12.
[36] *João* 1:13.
[37] *João* 1:14.
[38] *Filipenses* 2:6.
[39] *Filipenses* 2:7-9.
[40] *Filipenses* 2:9-11.
[41] *João* 1:16.

almas o serem felizes, e que, pela participação da sabedoria, que permanece nela[42], são renovadas, para que sejam sábias: isso está lá; mas que, *no tempo previsto, morreu pelos ímpios*[43] e que não poupaste o teu único Filho, mas por nós todos o entregaste[44]: isso não está lá. Porque tu escondeste estas coisas dos sábios e revelaste-as aos pequeninos[45], para que viessem até ele os que sofrem e os que estão sobrecarregados, e ele os aliviasse, porque é manso e humilde de coração[46], e dirigirá os mansos na justiça, e ensinará aos pacíficos os seus caminhos[47], vendo a nossa humildade e o nosso sofrimento e perdoando-nos todos os nossos pecados[48]. Mas aqueles que, ensoberbecidos, levantados no coturno como que de uma doutrina mais sublime, não o ouvem dizer: *Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para as vossas almas*[49], embora conheçam Deus, não o glorificam como Deus ou lhe dão graças, mas tornam-se vãos nos seus pensamentos, e o seu coração, insensato, obscurece-se; *dizendo que são sábios, tornaram-se estultos*[50].

VII. 15. E, portanto, lia também aí que a glória da tua incorrupção foi mudada em ídolos e em várias imagens, *à imitação da imagem do homem corruptível, das aves, dos quadrúpedes e das serpentes*[51]; ou seja, a comida egípcia, por causa da qual Esaú perdeu a sua primogenitura[52], porque o povo primogénito adorou, em teu lugar, a cabeça de

[42] *Sabedoria* 7:27.
[43] *Romanos* 5:6.
[44] *Romanos* 8:32.
[45] *Mateus* 11:25.
[46] *Mateus* 11:28-29.
[47] *Salmo* 24:9.
[48] *Salmo* 24:18.
[49] *Mateus* 11:29.
[50] *Romanos* 1:21-22.
[51] *Romanos* 1:23.
[52] *Génesis* 25:33-34.

um quadrúpede[53], voltando-se, em seu coração, para o Egipto[54], e curvando a tua imagem, a sua alma[55], diante da imagem de um bezerro que se alimenta de feno[56]: isto encontrei eu aí e não comi. Pois que te aprouve, Senhor, tirar de Jacob o opróbrio[57] da sujeição, para que o mais velho servisse ao mais novo[58], e chamaste os gentios para a tua herança[59]. E eu viera dos gentios para ti, e fixei a atenção no ouro que quiseste que o teu povo trouxesse do Egipto[60], porque era teu, onde quer que estivesse. E disseste aos Atenienses, pelo teu Apóstolo, que em ti *vivemos e nos movemos e somos*, tal como uns certos disseram[61], segundo eles, e daí vinham certamente aqueles livros. E não fixei a atenção nos ídolos dos Egípcios, aos quais com o teu ouro serviam aqueles *que transformaram a vontade de Deus em mentira e prestaram culto e serviram a criatura em detrimento do Criador*[62].

*[Progressão no entendimento das coisas divinas]*

VII. X. 16. E, admoestado a voltar daí para mim mesmo, entrei no mais íntimo de mim, guiado por ti, e consegui, porque te fizeste meu auxílio[63]. Entrei e vi com o olhar da minha alma, seja ele qual for, acima do mesmo olhar da minha alma, acima da minha mente, uma luz imutável, não esta vulgar e visível a toda a carne, nem era uma maior como que do mesmo género, como se ela brilhasse muito e muito mais claramente e ocupasse tudo com a sua grandeza. Ela não era isto mas outra coisa, outra coisa muito diferente de todas essas, nem tão-pouco

[53] *Êxodo* 32:1-6.
[54] *Actos* 7:39.
[55] *Salmo* 56:7.
[56] *Salmo* 105:20.
[57] *Salmo* 118:22.
[58] *Génesis* 25:23; *Romanos* 9:12.
[59] *Salmo* 78:1.
[60] *Êxodo* 3:22; 11:2.
[61] *Actos* 17:28.
[62] *Romanos* 1:25.
[63] *Salmo* 29:11.

estava acima da minha mente como o azeite sobre a água, nem como o céu sobre a terra, mas era superior a mim, porque ela própria me fez, e eu inferior, porque feito por ela. Quem conhece a verdade, conhece-a, e quem a conhece, conhece a eternidade. O amor conhece-a. Oh, eterna verdade e verdadeiro amor e amorosa eternidade! Tu és o meu Deus[64], por ti suspiro dia e noite[65]. E quando te conheci pela primeira vez, tu pegaste em mim[66], para que visse que existe aquilo que via e que eu não era ainda de molde a poder ver. E deslumbrastre a fraqueza do meu olhar, brilhando intensamente sobre mim, e estremeci de amor e horror: e descobri que eu estava longe de ti, numa região de dissemelhança[67], como se ouvisse a tua voz vinda do alto[68]: 'Eu sou o alimento dos adultos: cresce e comer-me-ás. Tu não me mudarás em ti, como o alimento da tua carne, mas tu serás mudado em mim.' E reconheci que *por causa da iniquidade corrigiste o homem e fizeste consumir-se a* minha *alma como uma aranha*[69], e disse: 'Porventura nada é verdade, já que ela não está difundida pelos espaços dos lugares, nem finitos nem infinitos?' E tu clamaste de longe[70]: *Pelo contrário, eu sou o que sou*[71]. E ouvi, tal como se ouve no coração, e já não havia absolutamente nenhuma razão para duvidar, e mais facilmente duvidaria de que vivo do que da existência da verdade, a qual se apreende e entende nas coisas que foram criadas[72].

*[De como as criaturas são e não são]*

VII. XI. 17. E observei as restantes coisas abaixo de ti e vi que nem em absoluto são, nem em absoluto não são: na verdade, são, por-

[64] *Salmo* 42:2.
[65] *Salmo* 1:2; *Jeremias* 9:1.
[66] *Salmo* 26:10.
[67] *Lucas* 15:13.
[68] *Jeremias* 31:15.
[69] *Salmo* 38:12.
[70] *Lucas* 15:13, 20.
[71] *Êxodo* 3:14.
[72] *Romanos* 1:20.

que procedem de ti, mas não são, porque não são aquilo que tu és. Porque existe verdadeiramente aquilo que permanece imutavelmente. Mas *para mim é bom estar unido a Deus*[73], porque, se não permanecer nele, nem em mim poderei permanecer. Mas ele, *permanecendo em si mesmo, renova todas as coisas*[74]; *e tu és o meu Deus, porque não precisas dos meus bens*[75].

*[Tudo o que é, é bom]*

VII. XII. 18. E foi-me mostrado que são boas as coisas que se corrompem, as quais não poderiam corromper-se, nem se fossem bens supremos, nem se não fossem bens, porque, se fossem bens supremos, seriam incorruptíveis, mas, se não fossem bens, não haveria o que neles pudesse ser corrompido. Na verdade, a corrupção causa dano e, se não diminuísse o bem, não causaria dano. Logo, ou a corrupção não causa dano, o que não é possível, ou, o que é certíssimo, todas as coisas, que se corrompem, são privadas do bem. Mas, se forem privadas de todo o bem, não existirão em absoluto. E, se existirem e já não puderem ser corrompidas, serão melhores, porque permanecerão incorruptivelmente. E que há de mais aberrante do que dizer que aquelas coisas se tornaram melhores, por perderem todo o bem? Logo, se forem privadas de todo o bem, não existirão em absoluto: pois, enquanto são, são boas. Portanto, todas as coisas que são, são boas, e aquele mal, cuja origem eu procurava, não é substância, porque, se fosse substância, seria um bem. Com efeito, ou seria substância incorruptível, de toda a maneira um grande bem, ou seria substância corruptível, que, se não fosse boa, não se poderia corromper. E assim vi e me foi mostrado que tu fizeste todas as coisas boas e que não existem absolutamente nenhumas substâncias que tu não tenhas feito. E, porque não fizeste todas as coisas iguais, por isso todas elas são, porque cada uma delas, individualmente,

[73] *Salmo* 72:28.
[74] *Sabedoria* 7:27.
[75] *Salmo* 15:2.

é boa, e todas elas, em conjunto, são muito boas, porque o nosso Deus fez todas as coisas muito boas[76].

*[Toda a criação é um louvor a Deus]*

VII. XIII. 19. E, para ti, o mal não existe absolutamente, não apenas para ti, mas também não para toda a tua criação, porque não existe nada fora de ti que irrompa e corrompa a ordem que lhe impuseste. Mas, nas suas partes, algumas coisas são consideradas más para outras coisas, porque não estão em conformidade; mas essas mesmas coisas estão em conformidade com outras e são boas, e boas em si mesmas. E todas as que não estão em conformidade entre si estão em conformidade com a parte inferior das coisas, a que chamamos terra, que tem o seu céu enublado e ventoso, que lhe é adequado. Longe de mim dizer: 'Oxalá essas coisas não existissem', porque, ainda que as contemplasse apenas a elas, desejaria sem dúvida outras melhores, mas também já só por estas coisas te deveria louvar, porque te mostram digno de louvor, *na terra, os dragões e todos os abismos, o fogo, o granizo, a neve, o gelo, o sopro da tempestade, que executam a* tua *palavra, as montanhas e todas as colinas, as árvores de fruto e todos os cedros, os animais selvagens e todos os rebanhos, os répteis e as aves que têm penas; os reis da terra e todos os povos, os príncipes e todos os juízes da terra, os jovens e as donzelas, os anciãos com os jovens louvam o* teu *nome*[77]. Como, porém, te louvam também dos céus, louvem-te, ó nosso Deus, nas alturas, todos os teus anjos, todas as tuas virtudes, o sol e a lua, todas as estrelas e a luz, e os céus dos céus e as águas, que estão acima dos céus, louvem o teu nome[78]: eu já não desejava coisas melhores e, de facto, com uma apreciação mais correcta, considerava as coisas superiores como melhores que as inferiores, mas todas elas, em conjunto, melhores que as superiores, isoladamente.

[76] *Génesis* 1:31; *Eclesiástico* 39:21.
[77] *Salmo* 148:7-12.
[78] *Salmo* 148:1-5.

*[Não há coisas más na criação]*

VII. XIV. 20. Não estão no seu perfeito juízo[79] aqueles a quem desagrada alguma coisa da tua criação, tal como eu não estava ao desagradarem-me muitas coisas que fizeste. E porque a minha alma não se atrevia a que lhe desagradasse o meu Deus, ela não queria que fosse teu tudo quanto lhe desagradava. E daí que tenha caído na teoria das duas substâncias, e não tinha repouso, e dizia coisas despropositadas. E, voltando daí, ela tinha criado para si mesma um Deus pelos infinitos espaços de todos os lugares, e tinha julgado que esse eras tu, e tinha-o colocado no seu coração, e tinha-se tornado de novo templo do seu ídolo[80], templo digno de ser abominado por ti. Mas depois que acariciaste a cabeça deste ignorante, e fechaste os meus olhos para que não vissem a vaidade[81], descansei um pouco de mim e a minha loucura adormeceu; e despertei em ti, e vi-te infinito de outra maneira, e essa visão não era tirada da carne.

*[Verdade e falsidade nas criaturas]*

VII. XV. 21. E observei as outras coisas e vi que te devem o facto de existirem, vi que todas as coisas finitas estão em ti, mas de uma maneira diferente, não como num espaço, mas porque, com a verdade, tu seguras todas as coisas na tua mão, e todas as coisas são verdadeiras, na medida em que existem, e a falsidade não é outra coisa senão quando se julga que existe o que não existe. E vi que cada uma delas está em conformidade não só com os seus lugares, mas também com os tempos, e que tu, que és o único eterno, não começaste a operar depois dos inumeráveis espaços dos tempos, tanto aqueles que passaram como aqueles que hão-de passar, nem passariam nem viriam senão porque tu operas e permaneces.

[79] *Salmo* 37:4, 8
[80] 2 *Coríntios* 6:16.
[81] *Salmo* 118:37.

*[O bom e o apto]*

VII. XVI. 22. E soube, por experiência, que não é para admirar que, ao paladar não saudável, seja causa de sofrimento até o pão, que é agradável para o paladar saudável, e que, para os olhos doentes, seja odiosa a luz, que é aprazível para os olhos sãos. E a tua justiça desagrada aos iníquos, e muito mais a víbora e o verme, que tu criaste como coisas boas, adequadas às partes inferiores da tua criação, às quais também os próprios iníquos são adequados, quanto mais dissemelhantes são de ti, mas, por outro lado, são adequados às partes superiores, quanto mais se tornam semelhantes a ti. E indaguei o que seria a iniquidade, e não encontrei que fosse uma substância, mas sim a perversidade de uma vontade, que se desvia da suprema substância, de ti, que és Deus, para as coisas ínfimas, e que lança de si o que tem no seu íntimo[82] e entumesce por fora.

*[Obstáculos ao conhecimento das coisas divinas]*

VII. XVII. 23. E admirava-me por já te amar a ti, não a um fantasma em vez de ti, e não persistia em fruir do meu Deus, mas era arrebatado para ti, pela tua beleza, e logo a seguir era arrancado de ti, pelo meu peso, e caía nestas coisas, gemendo; e esse peso era o hábito carnal. Mas comigo estava a lembrança de ti, e não duvidava de forma alguma de que existe um ser a que me pudesse unir, mas eu ainda não estava capaz de me unir, *porque o corpo, que é corruptível, torna a alma pesada, e a morada terrena oprime a mente que pensa muitas coisas*[83], e estava certíssimo de que as tuas *coisas invisíveis, bem como a virtude sempiterna e a* tua *divindade*, se contemplam e compreendem, *desde a criação do mundo, por meio das coisas que foram criadas*[84]. Procurando por que motivo aprovava eu a beleza dos corpos, quer celestes, quer terrestres, e porque estava eu pronto a emitir um juízo correcto

[82] *Eclesiástico* 10:10.
[83] *Sabedoria* 9:15.
[84] *Romanos* 1:20.

a respeito das coisas mutáveis e a dizer: Isto deve ser assim, aquilo não deve ser assim, buscando, pois, o motivo por que julgava, quando assim julgava, tinha descoberto a imutável e verdadeira eternidade da verdade, acima da minha mente mutável. E assim, gradualmente, desde os corpos até à alma, que sente através do corpo, e da alma até à sua força interior, à qual o sentir do corpo anuncia as coisas exteriores, tanto quanto é possível aos animais irracionais, e daqui passando de novo à capacidade raciocinante, à qual compete julgar o que é apreendido pelos sentidos do corpo; a qual, descobrindo-se também mutável em mim, elevou-se até à sua inteligência e desviou o pensamento do hábito[85], subtraindo-se às multidões antagónicas dos fantasmas, para que descobrisse com que luz era aspergida quando clamava, sem nenhuma hesitação, que o imutável deve antepor-se ao mutável, o motivo pelo qual conhecia o próprio imutável – porque, se não o conhecesse de algum modo, de nenhum modo o anteporia, com certeza absoluta, ao mutável – e chegou àquilo que é, num relance de vista trepidante[86]. Então, porém, contemplei e compreendi as tuas coisas invisíveis por meio daquelas coisas que foram feitas[87], mas não consegui fixar o olhar e, repelido de novo pela minha fraqueza, entregue uma vez mais aos meus hábitos, não levava comigo senão uma lembrança que ama, e como que desejosa de alimentos bem cheirosos que ainda não podia comer.

*[Só Cristo é o caminho da salvação]*

VII. XVIII. 24. E procurava o caminho para adquirir força que fosse conveniente para eu fruir de ti, e não encontrava, enquanto não abraçasse o mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus[88], *que é, acima de todas as coisas, Deus bendito por todos os séculos*[89], o qual me chamava e dizia: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*[90], e o ali-

[85] Cícero, *Tusculanas* I 38.
[86] 1 *Coríntios* 15:52.
[87] *Romanos* 1:20.
[88] 1 *Timóteo* 2:5.
[89] *Romanos* 9:5.
[90] *João* 14:6.

mento, que eu era incapaz de tomar, misturado à carne, porque *o Verbo se fez carne*[91], para que a tua sabedoria, por meio da qual fizeste todas as coisas[92], amamentasse a nossa infância. Eu, humilde, não tinha por meu Deus o humilde Jesus, nem sabia de que coisa podia ser mestra a sua fraqueza. O teu Verbo, verdade eterna, dominando as partes superiores da tua criação, levanta até si mesma os que se lhe submetem, enquanto, por outro lado, nas partes inferiores, construiu para si, com o nosso barro[93], uma casa[94] humilde, por meio da qual derrubaria de si mesmos aqueles que haviam de ser submetidos e levaria até si, curando o tumor e alimentando o amor, para que não se afastassem para mais longe, por causa da confiança em si mesmos, mas que antes se tornassem fracos, vendo, diante dos seus pés, a divindade, débil, em virtude da participação da nossa túnica de pele[95], e, cansados, se prostrassem diante dela, e ela, erguendo-se, os levantasse.

*[Erro e verdade sobre o Verbo incarnado]*

VII. XIX. 25. Mas eu pensava outra coisa e somente sentia acerca do meu Senhor Cristo o que se sente acerca de um homem de extraordinária sabedoria, a quem ninguém se pode igualar, sobretudo porque, nascido maravilhosamente da Virgem, para exemplo do desprezo das coisas temporais por causa da conquista da imortalidade, me parecia ter merecido, por divina providência para connosco, uma tão grande autoridade de magistério. Mas o que tinha de mistério a expressão *E o Verbo se fez carne*[96] não o podia sequer suspeitar. Apenas sabia, a partir das coisas que, acerca dele, foram escritas e transmitidas, que comeu e bebeu, dormiu, andou, alegrou-se, entristeceu-se, conversou, que aquela carne não se uniu ao teu Verbo senão com a alma e a mente

[91] *João* 1:14.
[92] *Colossenses* 1:16.
[93] *Génesis* 2:7.
[94] *Provérbios* 9:1.
[95] *Génesis* 3:21.
[96] *João* 1:14.

humana. Sabe isto todo aquele que conhece a imutabilidade do teu Verbo, que eu já conhecia, na medida em que podia, e disso não duvidava absolutamente nada. Efectivamente, seja mover os membros do corpo, por acção da vontade, seja não os mover, seja ser atingido por algum afecto, seja não o ser, seja proferir, por meio de signos, sábias opiniões, seja estar em silêncio, são coisas próprias da mutabilidade da alma e da mente. Se estas coisas escritas acerca dele fossem falsas, também todas as coisas estariam comprometidas pela mentira, e naqueles textos não restaria nenhuma salvação pela fé para o género humano. Mas, porque são verdadeiras as coisas escritas, reconhecia, em Cristo, um homem completo, não apenas corpo de homem ou um espírito com corpo sem mente, mas considerava que o próprio homem, não pela essência da verdade, mas por uma grande excelência da natureza humana e por uma participação mais perfeita da sabedoria, devia ser colocado à frente de todos os outros. Alípio, porém, pensava que os católicos crêem que Deus está revestido de carne, de tal modo que não havia em Cristo senão Deus e a carne, e considerava que nele não se podia falar de alma e mente humanas. E porque tinha como absolutamente certo que aquelas coisas que, acerca dele, foram deixadas aos vindouros, não podiam ter acontecido sem uma criatura dotada de vida e de razão, mais devagar se movia em direcção à fé cristã. Mas depois, reconhecendo que este é um erro dos heréticos apolinaristas[97], rejubilou com a fé católica e juntou-se a ela. Eu, por meu lado, confesso que aprendi um pouco mais tarde como é que, no facto de *o Verbo ter incarnado*[98], a verdade católica diverge da falsidade de Fotino[99]. Porque a refutação dos hereges faz sobressair o que a tua Igreja pensa e o

[97] Segundo as palavras de Agostinho (*Enarrationes in psalmos* 2: 29, n. 2-3), a heresia dos Apolinaristas consistia em afirmar que o Verbo de Deus desempenhava em Cristo as funções da alma humana e que este, do homem, tinha apenas o corpo, a carne.

[98] *João* 1:14.

[99] Fotino, eleito bispo de Smirmium (Panónia) em 343-344, era originário de Ancira, na Galácia, onde seguira Marcelo. Negava a divindade e a eternidade de Cristo e afirmava que a sua sublimidade moral podia ser alcançada por outros homens. O

que a sã doutrina[100] contém. Na verdade, foi conveniente que houvesse hereges para que os comprovados na fé se tornassem visíveis[101] entre os vacilantes.

*[A procura da verdade nos livros dos Neoplatónicos]*

VII. XX. 26. Mas então, lidos aqueles livros dos Platónicos, e depois de por eles ter sido levado a procurar a verdade incorpórea, vi e compreendi as tuas coisas invisíveis por meio daquelas que foram feitas[102], e, repelido, senti o que não me era dado contemplar através das trevas da minha alma, certo de que tu és e és infinito, sem todavia te difundires pelos lugares finitos ou infinitos, e que verdadeiramente és tu, que és sempre o mesmo[103], e, por nenhuma parte e nenhum movimento, és outro ou de outro modo, e que todas as restantes coisas procedem de ti[104], por esta única solidíssima prova: serem, estava realmente seguro destas coisas, todavia demasiado fraco para fruir de ti. Conversava muito, como se fosse perito, e, se não procurasse o teu caminho[105] em Cristo, nosso Salvador[106], não seria perito mas pereceria. Na verdade, já começava a querer parecer sábio, cheio do meu castigo, e não chorava, e inchava-me com a ciência, acima de toda a medida. Onde estava, pois, aquela caridade, que edifica[107] a partir do alicerce da humildade, *que é Jesus Cristo*[108]? Ou quando é que aqueles livros ma ensinariam? Creio que tu quiseste que eu deparasse com eles, antes de meditar sobre as tuas Escrituras, a fim de que ficasse gravado na

imperador Juliano, o Apóstata, felicita-o numa carta por ter negado que Deus possa assumir carne no seio de uma mulher.

100 2 *Timóteo* 4:3; *Tito* 1:9; 2:1.
101 1 *Coríntios* 11:19.
102 *Romanos* 1:20.
103 *Salmo* 101:28; *Hebreus* 1:12.
104 *Romanos* 11:36.
105 *João* 14:6.
106 *Tito* 1:4.
107 1 *Coríntios* 8:1.
108 1 *Coríntios* 3:11.

minha memória de que modo fui afectado por eles, e de que, quando mais tarde encontrei o apaziguamento nos teus Livros, e as minhas feridas foram tocadas pelos teus dedos, que as curaram, discernisse e distinguisse que diferença havia entre presunção e confissão, entre os que vêem para onde se deve ir e não vêem por onde, e o caminho que conduz à pátria bem aventurada, não apenas para a contemplar, mas também para a habitar. Pois se, em primeiro lugar, tivesse sido instruído nas tuas Santas Escrituras, e no contacto familiar com elas me tivesses dulcificado, e depois tivesse caído naqueles livros, talvez estes ou me tivessem arrancado à solidez da piedade, ou, se persistisse no afecto salutar que tinha bebido, julgaria que, se alguém tivesse estudado apenas aqueles livros, também neles poderia adquirir esse mesmo afecto.

*[O que há nas Escrituras e não nos livros dos Neoplatónicos]*

VII. XXI. 27. Assim, com grande sofreguidão, lancei mão do venerável estilo do teu espírito e, sobretudo, do apóstolo Paulo, e desapareceram aquelas questões, nas quais durante algum tempo me pareceu que ele se contradizia a si mesmo e que o texto do seu discurso não estava de acordo com os testemunhos da Lei e dos Profetas[109], e revelou-se-me um só rosto dos castos discursos[110], e aprendi a exultar com tremor[111]. E comecei e descobri que tudo quanto de verdadeiro por lá tinha lido, por aqui era dito com a garantia da tua graça, para que quem vê não se vanglorie, como se não tivesse recebido[112] não só aquilo que vê, mas também o poder ver – pois que coisa tem que não tenha recebido[113]? – e para que seja levado não só a ver-te a ti, que és sempre o mesmo[114], mas também a ser curado, para que fique

[109] *Mateus* 5:17; 7:12; *Lucas* 16:16.
[110] *Salmo* 11:7.
[111] *Salmo* 2:11.
[112] 1 *Coríntios* 4:7.
[113] 1 *Coríntios* 4:7.
[114] *Salmo* 101:28; *Hebreus* 1:12.

contigo, e que aquele que, de longe, não pode ver, percorra no entanto o caminho por onde venha, e te veja, e te retenha, porque, ainda que o homem se regozije na Lei de Deus, segundo o homem interior, que fará da outra lei que, nos seus membros, luta contra a lei da sua mente, e que o leva, cativo, na lei do pecado, que está nos seus membros[115]? Porque tu és justo, Senhor[116]; nós, porém, pecámos, agimos iniquamente[117], comportámo-nos impiamente[118], e sobre nós pesou a tua mão[119], e, com justiça, fomos entregues ao antigo pecador, príncipe da morte, porque persuadiu a nossa vontade da semelhança da sua vontade, pela qual não se manteve na tua verdade[120]. Que fará o infeliz ser humano? Quem o libertará do corpo desta morte senão a tua graça, por intermédio de Jesus Cristo nosso Senhor[121], que geraste coeterno e criaste no princípio dos teus caminhos[122], em quem o príncipe deste mundo[123] não encontrou nada digno de morte[124], e o matou: e foi anulada a acusação que nos era contrária[125]? Isso não o têm aqueles escritos. Não têm aquelas páginas o semblante desta piedade, as lágrimas da confissão, o teu sacrifício, o espírito atribulado, o coração contrito e humilhado[126], a salvação do povo, a Cidade esposa[127], os penhores do Espírito Santo[128], a taça do nosso resgate. Ninguém aí canta: *Não há-de a minha alma submeter-se Deus? Dele vem, com efeito, a minha salvação: pois ele próprio é o meu Deus e a minha salvação, meu*

[115] *Romanos* 7:22-23.
[116] *Tobias* 3:2; *Salmo* 118:137.
[117] *Daniel* 3:27, 29.
[118] 3 *Reis* 8:47.
[119] *Salmo* 31:4.
[120] *João* 8:44.
[121] *Romanos* 7:24-25.
[122] *Provérbios* 8:22.
[123] *João* 14:30.
[124] *Lucas* 23:14-15.
[125] *Colossenses* 2:14.
[126] *Salmo* 50:19.
[127] *Apocalipse* 21:2.
[128] 2 *Coríntios* 5:5.

*sustentáculo: não mais vacilarei*[129]. Aí ninguém ouve chamar: Vinde a mim, vós que sofreis. Não se dignam aprender dele, porque é manso e humilde de coração[130]. Pois *tu escondeste estas coisas dos sábios e dos prudentes e revelaste-as aos pequeninos*[131]. E uma coisa é ver, do cimo de um monte frondoso, a pátria da paz[132], e não encontrar o caminho até ela, e esforçar-se, em vão, por lugares ínvios, cercando-nos em volta e armando emboscadas os desertores fugitivos com o seu príncipe, leão e dragão[133], outra coisa é seguir o caminho que aí conduz, protegido pelo cuidado do seu celeste governante, onde aqueles que abandonaram a milícia celeste não fazem assaltos, pois o evitam como a um suplício. Todas estas coisas se entranhavam dentro de mim de modos admiráveis, ao ler o mínimo dos teus Apóstolos[134], e meditava sobre as tuas obras, e ficava apavorado[135].

[129] *Salmo* 61:2-3.
[130] *Mateus* 11:28-29.
[131] *Mateus* 11:25.
[132] *Deuteronómio* 32:49.
[133] *Salmo* 90:13.
[134] 1 *Coríntios* 15:9.
[135] *Habacuc* 3:2.

# Livro X

*[Esperança e alegria só em Deus]*

X. I. 1. Que eu te conheça, ó conhecedor de mim, *que eu te conheça, tal como sou conhecido por ti*[136]. Ó virtude da minha alma, entra nela e molda-a a ti, para que a tenhas e possuas sem mancha nem ruga[137]. Esta é a minha esperança; por isso falo e nesta esperança me alegro[138], quando experimento uma sã alegria. Pois as restantes coisas desta vida tanto menos se devem chorar quanto mais por causa delas se chora, e tanto mais se devem ser chorar quanto menos por causa delas se chora. *Mas tu amaste a verdade*[139], porque aquele que a põe em prática alcança a luz[140]. Também a quero pôr em prática no meu coração: diante de ti, na minha confissão, diante de muitas testemunhas, nos meus escritos.

*[Se Deus conhece as coisas ocultas, porquê confessá-las?]*

X. II. 2. Mas para ti, Senhor, diante de cujos olhos está nu[141] o abismo da consciência humana, que haveria de oculto em mim, ainda que eu to não quisesse confessar[142]? Na verdade, poderia esconder-te de mim, mas não esconder-me de ti. Agora, porém, que os meus gemidos são testemunhas de que não me agrado a mim mesmo, tu refulges, e agradas-me, e és amado, e és desejado, de tal modo que eu começo

[136] 1 *Coríntios* 13:12.
[137] *Efésios* 5:27.
[138] *Romanos* 12:12.
[139] *Salmo* 50.8.
[140] *João* 3:21.
[141] *Hebreus* 4:13.
[142] *Eclesiástico* 42:18, 20.

a ter vergonha de mim, e me desprezo, e te escolho a ti, e não agrado, nem a ti nem a mim, senão por ti. Eu estou patente diante de ti[143], Senhor, em tudo aquilo que eu possa ser. E acabei de dizer com que fruto a ti me confesso. E não faço isto com palavras e vozes da minha carne, mas com palavras da minha alma e com o clamor do meu pensamento, que os teus ouvidos conhecem. Confessar-me a ti quando sou mau, não é mais do que desagradar-me de mim; mas confessar-me a ti quando sou piedoso, não é mais do que não o atribuir mim, porque tu, Senhor, bendizes o justo[144], mas antes justifica-lo, sendo ele ímpio[145]. Assim, a minha confissão, ó meu Deus, na tua presença[146], faz-se em silêncio e não se faz em silêncio. Faz-se em silêncio quanto ao estrépito, mas grita quanto ao afecto. Com efeito, nada de verdadeiro digo aos homens que antes tu não tenhas ouvido de mim, nem também ouves de mim coisa alguma que tu antes me não tenhas dito.

*[Com que fruto confessa Agostinho quem é, não quem foi?]*

X. III. 3. Mas que tenho eu a ver com os homens para que oiçam as minhas confissões, como se eles houvessem de curar todas as minhas enfermidades[147]? Que gente curiosa de conhecer a vida alheia e que indolente em corrigir a sua! Porque querem ouvir de mim o que eu sou e não querem ouvir de ti o que eles são? E, quando me ouvem falar de mim próprio, como sabem se eu digo a verdade, uma vez que nenhum homem sabe o que se passa no homem, *a não ser o espírito do homem que está nele próprio?*[148] Se, porém, te ouvirem a ti falar deles, não poderão dizer: 'Deus mente'. O que é ouvirmos-te falar de nós mesmos senão conhecermo-nos a nós mesmos? Quem, portanto, se conhece a si mesmo e diz: 'É falso', a não ser que esteja a mentir? Mas, porque

[143] 2 *Coríntios* 5:11.
[144] *Salmo* 5:13.
[145] *Romanos* 4:5.
[146] *Salmo* 95:6.
[147] *Salmo* 102:3; *Mateus* 4:23.
[148] 1 *Coríntios* 2:11.

a caridade tudo crê[149] – sobretudo entre aqueles que, ligados uns aos outros, ela unifica – assim também eu me confesso a ti, Senhor, de tal modo que o ouçam os homens, aos quais não posso provar se é verdade aquilo que confesso; mas acreditam-me aqueles a quem a caridade abre os ouvidos.

4. Mas tu, porém, médico do meu íntimo, faz-me ver claramente com que fruto é que eu faço isto. Na verdade, as confissões dos meus males passados, que perdoaste e apagaste[150] para me tornares feliz em ti, transformando a minha alma com a fé e o teu sacramento, quando são lidas e ouvidas despertam o coração, a fim de que ele não durma no desespero e diga: 'Não posso', mas esteja vigilante no amor[151] da tua misericórdia e na doçura da tua graça, com a qual é poderoso todo o fraco[152] que, por ela, se torna consciente da sua fraqueza. Aos bons, deleita-os ouvir os males passados daqueles que já deles estão libertos, e não os deleita por serem males, mas porque foram e não são. Com que fruto, pois, Senhor meu, a quem todos os dias se confessa a minha consciência, mais confiada na esperança da tua misericórdia do que na sua inocência, com que fruto, pergunto, confesso também aos homens, diante de ti, por meio destas páginas, quem ainda agora sou e não quem fui? É que eu vi esse fruto e recordei-o. Mas quem ainda agora sou, precisamente no momento das minhas confissões, desejam sabê-lo muitos que me conhecem, e não me conhecem aqueles que ouviram alguma coisa, vinda de mim ou a meu respeito, mas cujos ouvidos não estão junto do meu coração, onde eu sou tudo aquilo que sou. Querem, pois, saber, mediante a minha confissão, o que é que eu sou interiormente, onde, nem o seu olhar, nem os seus ouvidos, nem a sua mente podem penetrar; querem-no, dispostos a acreditar em mim: mas estarão na disposição de me conhecer? No entanto, a caridade,

[149] 1 *Coríntios* 13:4, 7.
[150] *Salmo* 31:1.
[151] *Cântico* 5:2.
[152] 2 *Coríntios* 12:9-10.

que os torna bons, diz-lhes que eu, ao confessar-me, não minto, e é ela mesma que neles acredita em mim[153].

*[Grandes são os frutos deste género de confissão]*

X. IV. 5. Mas com que fruto o querem saber? Acaso desejam congratular-se comigo, ao ouvirem quanto me aproximo de ti, mercê da tua graça, e orar por mim, ao ouvirem quanto me atraso, por causa do meu peso? Revelar-me-ei a tais pessoas. Com efeito, não é pequeno fruto, Senhor, meu Deus, que muitos te dêem graças por nossa causa[154], e que muitos te implorem por nós. Que um espírito fraterno ame em mim o que ensinas a amar e que lamente em mim o que ensinas a lamentar. Que faça isto um espírito fraterno, não um estranho, não o *dos filhos alheios, cuja boca falou vaidade e a sua dextra é a dextra da iniquidade*[155], mas esse espírito fraterno que, ao aprovar-me, se alegra por causa de mim e, ao desaprovar-me, por mim se entristece, porque, quer me aprove quer me desaprove, me tem amor. Revelar-me-ei a tais pessoas: respirem nos meus bens, suspirem nos meus males. Os meus bens são os teus preceitos e os teus dons; os meus males são os meus pecados e os teus juízos. Respirem naqueles e suspirem nestes; e, dos corações fraternos, que são os teus turíbulos, subam, à tua presença[156], tanto o hino como o lamento. Tu, porém, Senhor, deleitado com o perfume do teu santo templo[157], *compadece-te de mim, segundo a tua grande misericórdia*[158], por causa do teu nome[159], e não abandones, de modo algum, a obra que começaste, e conclui o que em mim está inacabado[160].

[153] 1 *Coríntios* 13:4, 7.
[154] 2 *Coríntios* 1:11.
[155] *Salmo* 143:7-8.
[156] *Apocalipse* 8:3-4.
[157] 1 *Coríntios* 3:17.
[158] *Salmo* 50:3.
[159] *Salmo* 24:11; 78:9; 108:21.
[160] *Filipenses* 1:6.

6. Este é o fruto das minhas confissões, não já como fui, mas como sou: confessar-te isto, não somente diante de ti, com um íntimo júbilo com tremor[161], e uma íntima tristeza com esperança, mas também aos ouvidos daqueles que, de entre os filhos dos homens[162], crêem, participantes da minha alegria, consortes da minha mortalidade, meus concidadãos e comigo peregrinos, os que me precederam, os que hão-de vir depois de mim, e os que são companheiros da minha existência. Estes são os teus servos, meus irmãos, que tu quiseste que fossem teus filhos e senhores meus, aos quais me mandaste servir, se contigo e de ti quero viver. E esta tua palavra era pouco para mim, se ela mandasse apenas com palavras, e não fosse adiante de mim com obras[163]. Por isso eu faço isto com obras e com palavras, e faço-o sob a protecção das tuas asas[164], com um perigo enorme, não fora o facto de a minha alma, sob a protecção das tuas asas[165], te estar sujeita[166], e de a minha fraqueza te ser conhecida. Sou uma criancinha, mas o meu Pai está sempre vivo e ele é para mim um tutor de confiança; ele é o mesmo[167] que me gerou[168] e me protege, pois tu és todo o meu bem, tu, o Omnipotente, que estás comigo e antes que eu estivesse contigo. Revelarei, pois, a tais pessoas, a quem me mandas servir, não quem fui, mas quem já sou e quem ainda sou; *mas não me julgo a mim mesmo*[169]. E que assim seja ouvido.

*[O homem não se conhece inteiramente]*

X. V. 7. És tu, na realidade, Senhor, que me julgas, porque, embora nenhum homem saiba o que é próprio do homem, *a não ser o espírito*

[161] *Salmo* 2:11; *Filipenses* 2:12.
[162] *Salmo* 106:8, 15, 21, 31.
[163] *João* 13:15.
[164] *Salmo* 16:8.
[165] *Salmo* 16:8.
[166] *Salmo* 61:2.
[167] *Salmo* 101:28; *Hebreus* 1:12.
[168] *Salmo* 2:7.
[169] 1 *Coríntios* 4:3.

*do homem que está nele*[170], todavia há alguma coisa do homem que nem o próprio espírito do homem, que nele está, conhece; mas tu, Senhor, que o fizeste, conheces[171] todas as suas coisas. Eu, porém, ainda que na tua presença me despreze e me considere terra e cinza[172], contudo sei de ti alguma coisa que de mim ignoro. É certo que agora *vemos como por um espelho, em enigma* e ainda não *face a face*[173]; e, por isso, enquanto peregrino longe de ti[174], estou mais presente a mim do que a ti e, todavia, sei que tu de nenhum modo podes ser ultrajado; eu, porém, desconheço a que tentações posso resistir e a quais não posso. E a minha esperança está em tu seres fiel e não permitires que sejamos tentados acima do que podemos suportar, mas, com a tentação, dás-nos também os meios para que possamos resistir[175]. Confessarei, pois, o que sei de mim; confessarei também o que de mim ignoro, porque o que sei de mim sei-o porque tu me iluminaste, e o que de mim ignoro não o sei, enquanto as minhas trevas se não tornarem como o meio-dia[176] na tua presença.

*[A procura de Deus nas suas criaturas]*

VI. 8. Amo-te, Senhor, com uma consciência não vacilante, mas firme. Feriste o meu coração com a tua palavra, e eu amei-te. Mas eis que o céu, e a terra, e todas as coisas que neles existem me dizem a mim, por toda a parte, que te ame, e não cessam de o dizer a todos os homens, de tal modo que eles não têm desculpa[177]. Tu, porém, compadecer-te-ás mais profundamente de quem te compadeceres, e concederás a tua misericórdia àquele para quem fores misericordi-

[170] 1 *Coríntios* 2:11.
[171] *Tobias* 3:16; 8:9; *João* 21:15-16.
[172] *Job* 42:6; *Eclesiástico* 10:9.
[173] 1 *Coríntios* 13:12.
[174] 2 *Coríntios* 5:6.
[175] 1 *Coríntios* 10:13.
[176] *Salmo* 89:8.
[177] *Romanos* 1:20.

oso[178]: de outra forma, é para surdos que o céu e a terra entoam os teus louvores[179]. Mas que amo eu, quando te amo? Não a beleza do corpo, nem a glória do tempo, nem esta claridade da luz, tão amável a meus olhos, não as doces melodias de todo o género de canções, não a fragrância das flores, e dos perfumes, e dos aromas, não o maná e o mel, não os membros agradáveis aos abraços da carne. Não é isto o que eu amo, quando amo o meu Deus, E, no entanto, amo uma certa luz, e uma certa voz, e um certo perfume, e um certo alimento, e um certo abraço, quando amo o meu Deus, luz, voz, perfume, alimento, abraço do homem interior que há em mim, onde brilha para a minha alma o que não ocupa lugar, e onde ressoa o que o tempo não rouba, e onde exala perfume o que o vento não dissipa, e onde dá sabor o que a sofreguidão não diminui, e onde se une o que a saciedade não separa. Isto é o que eu amo, quando amo o meu Deus.

9. E que é isto?[180] Interroguei o conjunto do universo acerca do meu Deus e ele respondeu-me: 'Não sou eu, mas foi ele mesmo que me fez'. Interroguei a terra e ela disse: 'Não sou eu'; e todas as coisas que nela existem responderam-me o mesmo. Interroguei o mar, e os abismos[181], e os seres vivos que rastejam[182], e eles responderam-me: 'Não somos o teu Deus; procura acima de nós'. Interroguei as brisas que sopram, e o ar todo com os seus habitantes disse-me: 'Anaxímenes está enganado; eu não sou Deus'. Interroguei o céu, o sol, a lua, as estrelas, e dizem-me: 'Nós também não somos o Deus que tu procuras'. E disse a todas as coisas que rodeiam as portas da minha carne: 'Falai-me do meu Deus, já que não sois vós, dizei-me alguma coisa a seu respeito'. E elas exclamaram, com voz forte: 'Foi ele que nos fez'[183]. Contemplá-las era a minha pergunta e a resposta era a sua

[178] *Romanos* 9:15.
[179] *Salmo* 68:35.
[180] *Êxodo* 13:14; 16:15; *Eclesiástico* 39:26.
[181] *Job* 28:14.
[182] *Génesis* 1:20.
[183] *Salmo* 99:3.

beleza. Dirigi-me, então, a mim mesmo e a mim mesmo disse: 'Tu quem és?'. E respondi: 'Um homem'. E eis que estão em mim, ao meu serviço, um corpo e uma alma, uma coisa exterior, outra interior. Qual destas coisas é aquela em que eu devia procurar o meu Deus, que eu já tinha procurado por meio do corpo, desde a terra até ao céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios dos meus olhos? Mas o interior é, sem dúvida, o melhor. Por isso a este, como presidente e juiz, é que todos os mensageiros do corpo faziam saber as respostas do céu, da terra, e de todas coisas que neles existem, quando dizem: 'Não somos Deus' e 'Foi ele que nos fez'[184]. O homem interior[185] conheceu estas coisas pelo ministério do exterior; eu, enquanto homem interior, conheci estas coisas, eu, eu enquanto espírito, por meio do capacidade de sentir do meu corpo. Interroguei o conjunto do universo acerca do meu Deus, e ele respondeu-me: 'Não sou eu, mas foi ele que me fez'.

10. Acaso esta beleza não é visível a todos aqueles que têm intacta a capacidade de sentir? Porque é que ela não diz o mesmo a todos? Os animais pequenos e grandes[186] vêem-na, mas não a podem interrogar. Com efeito, neles, a razão não preside aos sentidos, para avaliar o que eles transmitem. Os homens, porém, podem interrogá-la, a fim de que contemplem e entendam as coisas invisíveis de Deus, por meio das coisas que foram criadas[187], mas, amando estas, ficam sujeitos a elas, e, uma vez submetidos, não conseguem avaliá-las. E elas não respondem aos que tão-só perguntam, sem avaliar, nem mudam a sua voz, isto é, a sua beleza, se um apenas vê, enquanto o outro, vendo, interroga, de modo a aparecer a um de uma maneira, e a outro de outra; mas, aparecendo da mesma maneira a ambos, é muda para o primeiro, e fala para o segundo: mais ainda, fala a todos, mas só a compreendem aqueles que conferem com a verdade, dentro de si mesmos, a voz recebida de fora. Com efeito, a Verdade diz-me: 'O teu Deus não é a terra e o céu,

[184] *Salmo* 99:3.
[185] *Romanos* 7:22; 2 *Coríntios* 4:16; *Efésios* 3:16.
[186] *Salmo* 103:25.
[187] *Romanos* 1:20.

nem corpo algum'. Isto diz a natureza das coisas. Estás a ver? A matéria é menor na parte do que no todo. Já tu, ó alma, sou eu que to digo, és superior porque és tu que animas a mole do corpo, proporcionando-lhe a vida que nenhum corpo confere ao corpo. De resto, o teu Deus é também para ti a vida da tua vida.

*[Não é possível encontrar Deus com o poder dos sentidos]*

X. VII. 11. O que é, então, que eu amo, quando amo o meu Deus? Quem é aquele que está sobre o vértice da minha alma? É por meio da minha alma que subirei até ele. Irei além da minha força, com a qual estou preso ao corpo e encho de vida o seu organismo. Nesta força não encontro o meu Deus: pois assim também o encontrariam *o cavalo e o muar, que não têm inteligência*[188], e é esta a mesma força com que vivem também os seus corpos. Há outra força com a qual não só vivifico, mas também sensifico a minha carne, que o Senhor moldou para mim, ordenando aos olhos que não ouçam, aos ouvidos que não vejam[189], mas àqueles que eu veja por meio deles, a estes que eu ouça por meio deles, e a cada um dos restantes sentidos o que é próprio dos seus lugares e funções; funções que, apesar de diversas, eu, um só espírito, desempenho por meio deles. Irei também além desta minha força; pois também a possuem o cavalo e o muar: também eles a sentem por meio do corpo.

*[O poder da memória]*

X. VIII. 12. Irei também além desta força da minha natureza, ascendendo por degraus até àquele que me criou, e dirijo-me para as planícies e os vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens veiculadas por toda a espécie de coisas que se sentiram. Aí está escondido também tudo aquilo que pensamos, quer aumentando, quer diminuindo, quer variando de qualquer modo que seja as coisas

[188] *Salmo* 31:9.
[189] *Romanos* 11:8.

que os sentidos atingiram, e ainda tudo aquilo que lhe tenha sido confiado, e nela depositado, e que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou. Quando aí estou, peço que me seja apresentado aquilo que quero: umas coisas surgem imediatamente; outras são procuradas durante mais tempo e são arrancadas dos mais secretos escaninhos; outras, ainda, precipitam-se em tropel e, quando uma é pedida e procurada, elas saltam para o meio como que dizendo: 'Será que somos nós?' E eu afasto-as da face da minha lembrança, com a mão do coração, até que fique claro aquilo que eu quero e, dos seus escaninhos, compareça na minha presença. Outras coisas há que, com facilidade e em sucessão ordenada, se apresentam tal como são chamadas, e as que as vêm antes cedem lugar às que vêm depois, e, cedendo-o, escondem-se, para reaparecerem de novo quando eu quiser. Tudo isto acontece quando conto alguma coisa de memória.

13. Ali estão arquivadas, de forma distinta e classificada, todas as coisas que foram introduzidas cada uma pela sua entrada: a luz e todas as cores e formas dos corpos, pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pela entrada do nariz; todos os sabores, pela entrada da boca; e, pelo sentido de todo o corpo, o que é duro, o que é mole, o que é quente ou frio, o que é macio ou áspero, pesado ou leve, quer exterior, quer interior ao corpo. Todas estas coisas recebe, para as recordar quando é necessário, e para as retomar, o vasto recôndito da memória e as suas secretas e inefáveis concavidades: todas estas coisas entram nela, cada uma por sua porta, e nela são armazenadas. Contudo, não são as próprias coisas que entram, mas sim as imagens das coisas, percebidas pelos sentidos, que ali estão à disposição do pensamento que as recorda. Mas quem dirá o modo como foram formadas estas imagens, ainda que seja visível por que sentidos foram captadas e escondidas no interior? Na verdade, quando estou às escuras ou em silêncio, trago à memória as cores, se quiser, e distingo o branco do negro, e outras cores, que eu quiser, umas das outras; e não se intrometem os sons nem perturbam aquilo que considero absorvido por meio dos olhos, embora estejam lá e estejam latentes, como que

armazenados à parte. E, se me apetece, chamo-os, e aparecem logo e, com a língua em repouso e a garganta em silêncio, canto quanto quiser, sem que aquelas imagens das cores que, no entanto, aí se encontram, se interponham nem interrompam, quando se volta a mexer no outro tesouro que entrou pelos ouvidos. Do mesmo modo recordo, consoante me agrada, as restantes coisas que são introduzidas e acumuladas pelos outros sentidos, e, sem nada cheirar, distingo o perfume dos lírios do das violetas, e, sem nada provar nem tocar, mas apenas recordando, prefiro o mel ao arrobe[190] e o macio ao áspero.

14. Realizo estas acções no meu interior, no imenso palácio da minha memória. Aí está à minha disposição o céu, e a terra, e o mar, com todas as coisas que neles pude perceber pelos sentidos, excepto aquelas de que me esqueci. Aí me encontro também comigo mesmo e recordo-me de mim, do que fiz, quando e onde o fiz, e de que modo fui impressionado quando o fazia. Aí estão todas as coisas de que eu me recordo, quer aquelas que experimentei quer aquelas em que acreditei. A partir dessa mesma abundância, com as coisas passadas, eu teço ainda umas e outras semelhanças das coisas, quer as que experimentei, quer aquelas em que acreditei a partir das que experimentei, e, a partir destas, congemino as acções futuras, e os acontecimentos, e as esperanças, e todas estas coisas, mais uma vez, como se estivessem presentes. 'Farei isto e aquilo' – digo comigo mesmo no recôndito imenso da minha alma, cheia de imagens de tantas e tão grandes coisas, e segue-se isto ou aquilo. 'Oh se acontecesse isto ou aquilo!' 'Deus não permita isto ou aquilo!' Digo isto comigo mesmo e, ao dizê-lo, estão diante de mim as imagens de tudo o que digo, vindas do mesmo tesouro da memória e, se elas faltassem, não diria absolutamente nada disso.

15. Grande é essa força da memória, imensamente grande, ó meu Deus, santuário amplo e sem limites. Quem lhe chegou ao fundo? E

[190] O arrobe (*defritum*) era o vinho novo que, por fervura, se reduzia a metade para lhe aumentar o grau alcoólico. Juntava-se ao vinho fraco para o encorpar. Cf. Plínio-o-Velho, *Hist. Nat.* XIV 11 ; Columela XII 37.

esta é a força do meu espírito e pertence à minha natureza, e nem eu consigo captar o todo que eu sou. Logo, o espírito é estreito para se abarcar a si mesmo: então onde poderá estar o que de si mesmo ele não abarca? Acaso fora de si mesmo e não dentro de si? Como é que, então, o não abarca? Muita admiração me causa isto, a estupefacção apodera-se de mim. Deslocam-se os homens para admirar as alturas dos montes, e as ondas alterosas do mar, e os cursos larguíssimos dos rios, e a imensidão do oceano, e as órbitas dos astros, e não prestam atenção a si mesmos nem se admiram de que, quando eu dizia todas essas coisas, não as via com os olhos, e todavia não as diria, se interiormente não visse na minha memória, em espaços tão vastos, como se os visse fora de mim, os montes, e as ondas, e os rios, e os astros que vi, e o oceano a que dei crédito. E, todavia, vendo essas coisas, não as absorvi, quando as vi com os olhos, e não são essas coisas que estão em mim, mas sim as suas imagens, e sei a partir de que sentido do corpo cada coisa foi impressa em mim.

*[A memória das artes liberais]*

IX. 16. Mas essa capacidade da minha memória não encerra apenas essas coisas. Aqui estão também todas aquelas que, tomadas das artes liberais, ainda não se perderam, como que escondidas num lugar interior, que não é lugar; e não levo comigo as suas imagens, mas as próprias coisas. Na verdade, o que é a literatura, o que é a perícia dialéctica, quantas espécies de questões existem[191], todo este tipo de coisas que sei está de tal modo na minha memória que, se a sua imagem não estivesse gravada, eu deixaria de fora a coisa, ou ela teria soado e passado, tal como uma voz impressa pelos ouvidos, com um vestígio pelo qual seria recordada como se ressoasse, embora já não ressoasse; ou como um perfume, quando passa e se desvanece nos

[191] Em Aristóteles, 'o ser diz-se de muitos modos'. Estes modos de o ser se dizer ou de se predicar, isto é, de se afirmar ou negar algo de algo (cf. os exemplos de Agostinho), constituem a tábua das dez categorias: substância, quantidade, qualidade, relação, modalidade, lugar, tempo, posição, acção, paixão.

ares, atinge o olfacto, donde traz à memória a imagem de si que podemos retomar, lembrando; ou como um alimento que, por certo, já não produz sabor no estômago e, todavia, como que o produz na memória; ou como alguma coisa que se sente no corpo, tocando, e que, também separado de nós, se imagina com a memória. Na verdade, essas coisas não penetram na memória, mas só as suas imagens são captadas com maravilhosa rapidez, e depositadas como que em maravilhosos compartimentos, e onde maravilhosamente se vão buscar, recordando.

*[Os conteúdos das artes liberais não entram na memória pelos sentidos]*

X. X. 17. Mas, porém, quando ouço dizer que há três espécies de questões: 'se uma coisa é; o que é; e como é', relembro as imagens dos sons de que se compõem estas palavras e sei que elas passaram pelo ar, com ruído, e já não existem. Mas as próprias coisas que são significadas por esses sons não as atingi por nenhum sentido do corpo, nem as vi em lugar algum, fora do meu espírito, e guardei no fundo da memória não as suas imagens, mas as próprias coisas. Que elas digam, se puderem, por onde entraram em mim. Na verdade, percorro todas as portas da minha carne e não encontro por qual delas entraram. Com efeito, os olhos dizem: 'se têm cor, fomos nós que as anunciámos'; os ouvidos dizem: 'se têm som, fomos nós que as indicámos'; o nariz diz: 'se têm cheiro, passaram por mim'; o sentido do gosto diz também: 'se não têm sabor, não me perguntes a mim'; o tacto afirma: 'se não têm corpo, eu não as toquei e, se não as toquei, não as indiquei'. Donde e por onde entraram na minha memória? Não sei como. Pois, quando as aprendi, não dei crédito ao coração de outra pessoa, mas reconheci-as no meu, e admiti que eram verdadeiras e confiei-lhas, como que depositando-as onde pudesse ir buscá-las quando quisesse. Portanto, estavam lá, e já antes de as ter aprendido, mas não estavam na memória. Quando, pois, ou por que motivo, ao serem proferidas, as reconheci e disse: 'Sim, é verdade'? A não ser que o fizesse porque já estavam na minha memória, mas tão afastadas e escondidas, como que nas concavidades

mais recônditas, de tal maneira que, se de lá não fossem arrancadas, por sugestão de alguém, talvez eu não pudesse pensar nelas[192].

*[O que é aprender?]*

X. XI. 18. Por conseguinte, verificamos que aprender essas tais coisas, cujas imagens não absorvemos pelos sentidos, mas vemos, tal como são, dentro de nós mesmos, em si mesmas, sem imagens, não é outra coisa senão como que recolher, pensando, aquilo que a memória, indistinta e desordenadamente, continha, e fazer com que, reparando nelas, as coisas, que estão como que colocadas à disposição na própria memória, onde antes, dispersas e esquecidas, estavam ocultas, ocorram facilmente à atenção já familiar. E quantas coisas desta natureza a memória encerra, coisas que já foram encontradas e, tal como disse, colocadas à disposição, e se diz que nós aprendemos e conhecemos! E se eu deixar de as recordar por pequenos espaços de tempo, de tal maneira voltam a submergir e a deslizar para os recônditos mais afastados, que de novo, como se fossem novas, têm de ser arrancadas, pensando, do mesmo lugar – pois não é outro o seu espaço – e reunidas de novo, para que possam ser conhecidas, isto é, recolhidas como que de uma espécie de dispersão: por isso se diz que a palavra *cogitare* deriva de *cogere* . Com efeito, *cogo* está para *cogito* como *ago* para *agito* e *facio* para *factito*. Contudo, o espírito reivindicou, como própria de si, esta palavra, de tal maneira que *cogitari* se aplica propriamente àquilo que se recolhe (*conligitur*), isto é, junta (*cogitur*), não noutro lugar, mas sim no espírito.

[192] Em Platão e nos Platónicos, a reminiscência, ou anamnese, é um processo de reconhecimento actual das Ideias contempladas numa existência anterior, e das quais nos esquecemos. Este despertar da alma para o verdadeiro conhecimento e para a sua essência imortal supõe a doutrina da sua preexistência. Agostinho, todavia, apesar de algumas vezes utilizar a noção de presciência em obras de juventude, nunca aceitou a reminiscência e a preexistência da alma, naquele sentido, situando-se mais na linha do desejo carente e amoroso do *Banquete* platónico: o conhecimento do Bem não é fruto de uma anterior contemplação, mas, antes, de uma carência presente. A anamnese agostiniana é, pois, um saber a partir da privação: um *conhecimento por ausência*.

*[A memória das matemáticas]*

X. XII. 19. De igual modo a memória contém as inumeráveis noções e leis dos números e dimensões, nenhuma das quais foi impressa pelos sentidos do corpo, porque elas mesmas não têm cor, nem som, nem cheiro, nem foram saboreadas, nem tocadas. Ouvi os sons com que essas coisas são significadas, quando se disserta acerca delas; mas uma coisa são os sons, outra as coisas. Com efeito, os sons dessas palavras soam de uma maneira em Grego, e de outra em Latim, enquanto as coisas nem são gregas, nem latinas, nem de qualquer outro idioma. Vi linhas traçadas por artífices, finíssimas como um fio de teia de aranha; mas essas linhas são outra coisa, não são imagens daquelas linhas que me deram a conhecer os olhos da carne: e conhece-as quem, interiormente, sem pensar em qualquer espécie de corpo, as reconhece. Também percebi, com todos os sentidos do corpo, os números de que nos servimos quando contamos. Mas existem outros números com os quais fazemos cálculos, e que não são imagens dos anteriores e, por isso, têm mais existência[193]. Quem os não vê, ria-se de mim, quando digo isto, e que eu tenha pena, quando se ri de mim.

*[A memória da memória]*

XIII. 20. Conservo todas estas coisas na memória e conservo-as na memória como as aprendi. Ouvi e conservo na memória muitas outras coisas que são alegadas, com a maior falsidade, contra estas; embora essas coisas sejam falsas, todavia não é falso que eu me lembre delas; e também me lembro de ter distinguido entre aquelas coisas, verdadeiras, e estas, falsas, que são aduzidas em contrário, e agora vejo que distingo estas coisas de uma forma, ao passo que me lembro de as ter distinguido muitas vezes de outra forma, quando muitas vezes pensava

[193] Diferença entre os *números numerantes*, estruturas inteligíveis do real, princípios onto-gnosiológicos da numeração e das operações aritméticas, e os *números numerados*, isto é, dos números sensivelmente concretizados em entes discretos, ou seus conjuntos, que podem ser discriminados pelos sentidos.

nelas. Por isso, lembro-me muito mais vezes de ter compreendido estas coisas, e o que agora distingo e compreendo guardo-o no fundo da memória, de maneira a que posteriormente me lembre de o ter compreendido agora. Por isso, lembro-me de me ter lembrado, assim como, posteriormente, se me recordar de que agora pude rememorar estas coisas, hei-de recordá-lo certamente pela força da memória.

*[A memória dos afectos]*

XIV. 21. A mesma memória também encerra as impressões do meu espírito, não do mesmo modo como as tem o próprio espírito, quando as sofre, mas de outro modo muito diferente, como é próprio da força da memória. Com efeito, sem estar alegre, recordo-me de ter estado alegre e, sem estar triste, recordo a minha tristeza passada e, sem nada temer, recordo que algumas vezes tive medo e, sem nada cobiçar, recordo-me da minha antiga cobiça. Pelo contrário, também algumas vezes, estando alegre, recordo-me da minha tristeza passada e, estando triste, da alegria. Isto não é de admirar a respeito do corpo: porque uma coisa é o espírito, outra o corpo. Por isso, não é de admirar se, alegrando-me, me lembro de uma dor do corpo passada. Neste ponto, porém, sendo o espírito também a própria memória – pois, quando mandamos fixar algum assunto de cor, dizemos: 'Vê lá se o conservas no teu espírito' e, quando nos esquecemos, dizemos: 'Não ficou no meu espírito' e 'Escapou-se-me do espírito', chamando espírito à própria memória – sendo, pois, assim, porque é que quando, estando alegre, recordo a minha tristeza passada, o meu espírito sente a alegria, e a minha memória a tristeza e, estando o meu espírito alegre pelo facto de que nele há alegria, não está triste a minha memória, pelo facto de que nela há tristeza? Acaso a memória não faz parte do espírito? Quem ousaria dizê-lo? Portanto, sem dúvida que a memória é como uma espécie de estômago da alma, enquanto a alegria e a tristeza são como uma espécie de manjar doce e amargo: quando são confiadas à memória, como que passadas para o estômago, podem lá ser guardadas, mas não podem

ter sabor. É ridículo considerar estas coisas semelhantes àquelas, mas também não são dissemelhantes sob todos os aspectos.

22. Mas eis que eu tiro da memória a afirmação de que são quatro as perturbações da alma, o desejo, a alegria, o medo, a tristeza[194], e o que quer que acerca delas puder dissertar, dividindo e definindo cada uma segundo as espécies dos respectivos géneros; na memória encontro, e aí vou buscar, o que digo, sem, no entanto, me perturbar com nenhuma dessas perturbações, quando as evoco, trazendo-as à memória; e estavam lá antes que eu as recordasse e voltasse ao contacto com elas; por isso, puderam de lá ser tiradas, mediante a recordação. Talvez portanto, assim como a comida é tirada do estômago, pela ruminação, assim também estas coisas são tiradas da memória, pela recordação. Então porque é que quem as discute, isto é, quem as recorda, não sente, na boca do pensamento, a doçura da alegria e a amargura da tristeza? Porventura as duas situações são dissemelhantes por não serem semelhantes sob todos os aspectos? Na verdade, quem, de livre vontade, falaria de tais coisas, se, todas as vezes que nomeamos a tristeza ou o medo, outras tantas fôssemos obrigados a sentir tristeza e medo? E, todavia, não falaríamos delas, se não encontrássemos na nossa memória, não apenas os sons das palavras, segundo as imagens gravadas pelos sentidos do corpo, mas também as noções dessas mesmas coisas, que não recebemos por nenhuma porta da carne, mas que o nosso espírito, sentindo-as pela experiência das suas paixões, confiou à memória, ou a própria memória reteve, sem que estas coisas lhe tenham sido confiadas.

*[A memória do que está ausente]*

XV. 23. Mas, se é por meio de imagens ou não, quem facilmente o poderia dizer? Na verdade, nomeio a pedra, nomeio o sol, quando estas coisas não estão presentes aos meus sentidos; sem dúvida que as suas imagens estão à disposição na minha memória. Nomeio a dor do corpo,

[194] Cícero, *Dos limites extremos do bem e do mal* 3.35; *Tusculanas* 4.11.

e não está presente em mim quando nada me dói; e, no entanto, se a sua imagem não estivesse presente na minha memória, não saberia o que dizia, nem, ao falar da dor, a distinguiria do prazer. Nomeio a saúde do corpo, quando estou são de corpo; a própria coisa está presente em mim; contudo, se a sua imagem não estivesse na minha memória, de nenhum modo eu recordaria o que significa o som desta palavra, nem os doentes, ao ser dita a palavra saúde, reconheceriam o que lhes é dito, se a mesma imagem não tivesse sido conservada neles pela força da memória, embora a própria coisa esteja ausente do seu corpo. Nomeio os números de que nos servimos para fazer cálculos; e logo estão presentes na minha memória não as suas imagens, mas eles mesmos. Nomeio a imagem do sol e esta está presente na minha memória; não é a imagem da sua imagem que eu recordo, mas a própria imagem. É ela que se me torna presente, quando a relembro. Nomeio a memória e reconheço o que nomeio. E onde o reconheço senão na própria memória? Acaso também ela está presente a si mesma por meio da sua imagem e não por si mesma?

*[A memória do esquecimento]*

XVI. 24. E, quando nomeio o esquecimento e, do mesmo modo, reconheço o que nomeio, como o reconheceria, se não me lembrasse dele? Não me refiro ao som desta palavra em si mesmo, mas à coisa que ela significa; se eu me tivesse esquecido dessa coisa, sem dúvida não poderia reconhecer a que equivalia aquele som. Por conseguinte, quando me lembro da memória, é a própria memória que por si mesma a si mesma está presente; quando, porém, me lembro do esquecimento, não só a memória está presente mas também o esquecimento: a memória, com que me lembro; o esquecimento, de que me lembro. Mas que é o esquecimento senão a privação da memória? Logo, como é que ele está presente, a ponto de eu me lembrar dele, quando não sou capaz de me lembrar dele, quando está presente? Mas, se conservamos na memória aquilo de que nos lembramos, e se não nos lembrássemos do esquecimento, de nenhum modo poderíamos, ao ouvir a palavra esque-

cimento, reconhecer a coisa que ela significa: então o esquecimento está conservado na memória. Está, pois, presente, para que não nos esqueçamos daquelas coisas de que nos esquecemos, quando ele está presente. Acaso se deve entender a partir disto que o esquecimento, quando nos lembramos dele, não está na memória por si mesmo, mas por meio da sua imagem, uma vez que, se estivesse presente por si mesmo, não faria com que nos lembrássemos, mas sim com que nos esquecêssemos? Finalmente, quem poderá indagar isto? Quem compreenderá como isto é?

25. Eu, pela minha parte, Senhor, inquieto-me com isto, inquieto-me em mim mesmo: tornei-me uma terra de dificuldades e de muito suor[195]. Com efeito, não estamos a explorar as regiões do céu[196], nem medimos as distâncias dos astros, nem indagamos os pontos de equilíbrio da terra. Sou eu que me lembro, eu, espírito. Assim, não é de admirar que esteja longe de mim tudo aquilo que eu não sou. Mas o que é que está mais próximo de mim do que eu próprio? E, no entanto, eis que não abarco a capacidade da minha memória, embora eu, fora dela, não me possa dizer a mim mesmo. Com efeito, o que hei-de eu dizer, quando tenho a certeza de que me lembro do esquecimento? Acaso hei-de dizer que não está na minha memória aquilo de que me lembro? Acaso hei-de dizer que o esquecimento está na minha memória precisamente para que eu não me esqueça? Ambas as hipóteses são completamente absurdas. Qual é, pois, a terceira? De que forma poderei dizer que a imagem do esquecimento, e não o próprio esquecimento, é conservada na minha memória, quando me lembro dele? E de que forma direi isto, uma vez que, quando se imprime na memória a imagem de cada coisa, é necessário que antes esteja presente a mesma coisa, a partir da qual se possa gravar aquela imagem? É assim que me lembro de Cartago, assim de todos os lugares em que estive, assim do rosto dos homens que vi e das informações dos demais senti-

[195] *Génesis* 3:17, 19.

[196] Énio, *Scen.* 244V / 187; Cícero, *República* 1.30; *De diuinatione* 2.30.

dos, assim da saúde e da dor do corpo: estando estas coisas presentes, a memória, a partir delas, captou imagens, que eu pudesse contemplar em presença e trazer de novo ao meu espírito, quando me recordasse também daquelas coisas, mesmo ausentes. Portanto, se é pela sua imagem e não por si mesmo que o esquecimento se conserva na memória, ele mesmo, sem dúvida, estava presente, para que a sua imagem fosse captada. Mas, estando presente, como é que registava a sua imagem na memória, dado que o esquecimento, com a sua presença, apaga mesmo aquilo que encontra já registado? E, no entanto, de qualquer forma, embora esse processo seja incompreensível e inexplicável, estou certo de que me recordo do próprio esquecimento, pelo qual é apagado tudo aquilo de que nos lembramos.

*[O poder da memória é grande, mas insuficiente para chegar a Deus]*

XVII. 26. Grande é o poder da memória, um não sei quê de horrendo, ó meu Deus, uma profunda e infinita multiplicidade; e isto é o espírito, isto sou eu mesmo. Que sou eu então, meu Deus? Que natureza sou? Uma vida multiforme, multímoda e extraordinariamente ampla. Eis-me nas planícies da minha memória, nos antros e cavernas inumeráveis e inumeravelmente cheios das espécies de inumeráveis coisas, quer por imagens, como as de todos os corpos, quer pela presença, como a das artes, quer por não sei que noções e observações, como as das impressões do espírito, as quais, ainda quando o espírito as não sofre, a memória guarda, dado que está no espírito tudo o que está na memória. Percorro todas estas coisas, esvoaço por aqui e por ali, e também entro nela até ao fundo quanto posso, e em parte alguma está o limite: tão grande é o poder da memória, tão grande é o poder da vida no homem que vive mortalmente! Que farei, pois, ó meu Deus, tu, minha verdadeira vida? Irei também além desta minha força que se chama memória, irei além dela a fim de chegar até ti, minha doce luz[197]. Que me dizes? Eis que eu, subindo pelo meu espírito até junto de ti, que estás acima de mim, irei além dessa minha força que se chama memória,

[197] *Eclesiastes* 11:7.

querendo alcançar-te pelo modo como podes ser alcançado, e prender-me a ti pelo modo como é possível prender-me a ti. Têm memória os animais e as aves: de outro modo não voltariam às suas tocas nem aos seus ninhos, nem a muitas outras coisas a que estão habituados; nem poderiam habituar-se a coisa alguma senão por meio da memória. Irei, portanto, além da memória para alcançar aquele que me distinguiu dos quadrúpedes e me fez mais sábio que as aves do céu[198]; irei além da memória para te encontrar, ó verdadeiro bem, ó suavidade segura, para te encontrar? Se te encontrar fora da minha memória, estou esquecido de ti. E, se não estou lembrado de ti, como é que te encontrarei?

*[Só se reconhece o que se encontra na memória]*

XVIII. 27. Uma mulher perdera uma dracma e procurou-a com uma candeia, e, se não estivesse lembrada dela, não a teria encontrado[199]. Tendo-a, pois, encontrado, como saberia se era aquela, se dela não estivesse lembrada? Lembro-me de ter procurado e encontrado muitas coisas perdidas. E sei-o porque, ao procurar alguma delas e ao ser-me dito: 'Porventura é isto?'; 'Não é, talvez, aquilo?', durante esse tempo eu dizia: 'Não é', até que aparecesse aquilo que procurava. Se não estivesse lembrado dessa coisa, qualquer que ela fosse, ainda que ela aparecesse, não a descobriria, porque não a reconheceria. E sempre assim acontece, quando procuramos e encontramos uma coisa que perdemos. Contudo, se, por acaso, alguma coisa, como qualquer corpo visível, desaparece da vista, não da memória, conserva-se interiormente a sua imagem, e procura-se, até que seja restituída à vista. Logo que for encontrada, é reconhecida pela imagem que está dentro de nós. Não dizemos que encontrámos o que estava perdido[200], se não o reconhecemos, nem o podemos reconhecer, se não nos lembrarmos: mas aquilo que, de facto, estava perdido para os olhos, conservava-se na memória.

[198] *Job* 35:11.
[199] *Lucas* 15:8.
[200] *Lucas* 15:9.

*[O que é recordar-se?]*

XIX. 28. E então? Quando a própria memória perde alguma coisa, como acontece quando nos esquecemos e procuramos recordar, onde é que por fim a procuramos, senão na mesma memória? E se aí, casualmente, se nos oferece uma coisa por outra, rejeitamo-la até que nos ocorra aquela que procuramos. E, logo que nos ocorre, dizemos: 'É isto'; o que não diríamos, se não a reconhecêssemos, e não a reconheceríamos, se não nos lembrássemos. Portanto, sem dúvida tínhamo-nos esquecido dela. Acaso não tinha desaparecido na totalidade, mas, a partir da parte que se conservava, procurava-se a outra parte, porque a memória sentia que recordava em conjunto aquilo que em conjunto costumava recordar, e, como que mutilado o hábito, ela, coxeando, exigia que lhe fosse restituída a parte que lhe faltava? Por exemplo: se víssemos uma pessoa conhecida ou pensássemos nela, e procurássemos o seu nome, que esquecêramos, qualquer outro nome diferente que ocorresse não se ligaria com ela, porque não seria costume pensar nessa pessoa com esse nome e, por isso, tal nome seria rejeitado, até que se apresentasse outro em que o conhecimento da pessoa, habitual e simultaneamente associado ao nome, estivesse perfeitamente de acordo com o nome. E donde se nos torna presente esse nome senão a partir da própria memória? Na verdade, quando o reconhecemos lembrados por alguém, é da memória que ele procede. Com efeito, não o recebemos como coisa nova, mas recordando-o, verificamos que é esse nome que nos disseram. Se, porém, se apaga inteiramente do espírito, mesmo que nos lembrem, não nos lembramos dele. Nem ainda nos esquecemos inteiramente mesmo daquilo que nos lembramos de ter esquecido. Por conseguinte, não podemos procurar uma coisa perdida que tivermos esquecido completamente.

*[Para desejar a felicidade, é preciso conhecê-la]*

XX. 29. Como é que eu te procuro, Senhor? Quando, te procuro, ó meu Deus, procuro uma vida feliz. Que eu te procure, para que a

minha alma viva[201]. Pois o meu corpo vive da minha alma e a minha alma vive de ti. Então como procuro eu uma vida feliz? Porque eu não a tenho enquanto não disser: 'Já chega! Está ali!'. Ali, onde devo dizer como a procuro, se pela recordação, como se a tivesse esquecido e ainda conservasse a lembrança de que me tinha esquecido, ou pelo desejo de a conhecer, sendo-me ela desconhecida, quer nunca a tenha conhecido, quer dela me tenha esquecido, de tal maneira que nem sequer me lembro de me ter esquecido. Porventura não é precisamente uma vida feliz o que todos querem[202] e não há absolutamente ninguém que a não queira? Onde é que a conhecem, já que assim a querem? Onde a viram para a amarem? Temo-la, sem dúvida, não sei de que modo. Há um outro modo pelo qual cada um é feliz quando a tem, e há os que são felizes em esperança. Estes têm-na de forma inferior àqueles que já são felizes com a própria coisa. Mas são melhores do que aqueles que não são felizes nem com a coisa, nem com a esperança. Os que são felizes com a esperança, se, de algum modo, não tivessem uma vida feliz, não quereriam ser felizes[203] desta forma: e não há dúvida nenhuma de que eles o querem. Não sei como é que a conhecem e, por isso, têm-na não sei com que conhecimento, em relação ao qual desejo ardentemente saber se reside na memória, porque, se aí está, já um dia fomos felizes – não procuro agora saber se todos, individualmente, ou se naquele homem que primeiro pecou, no qual todos morremos e do qual todos nascemos na infelicidade[204]; mas procuro saber se a vida feliz está na memória. Com efeito, não a amaríamos, se a não conhecêssemos. Ouvimos a expressão 'uma vida feliz' e todos confessamos que desejamos a própria coisa, porque não é o som que nos deleita. Quando um Grego a ouve, em Latim, não se deleita, porque ignora o que foi dito; nós, porém, deleitamo-nos, tal como ele se a tivesse ouvido em Grego, porque a própria coisa que os Gregos

[201] *Salmo* 68:33.
[202] Cícero, *Tusculanas* 5.28; *Hortênsio* fr. 36 M / 58. ????.
[203] Cícero, *Tusculanas* 5.28; *Hortênsio* fr. 36 M. / 58 ????
[204] 1 *Coríntios* 15:22.

e os Latinos e os homens das restantes línguas desejam possuir não é grega nem latina. Portanto, é conhecida de todos aqueles que, se lhes pudéssemos perguntar se queriam ser felizes, responderiam a uma só voz, sem nenhuma hesitação, que queriam. O que não aconteceria, se a própria coisa, cujo nome é esta expressão, não estivesse contida na sua memória.

*[Como a memória contém a felicidade]*

XXI. 30. Porventura está na memória do mesmo modo como se lembra de Cartago aquele que a viu? Não; a vida feliz não se vê com os olhos, porque não é corpo. Acaso do mesmo modo como nos lembramos dos números? Não; aquele que os tem no conhecimento já não procura alcançá-los, enquanto temos a vida feliz no conhecimento e, por isso, amamo-la, e todavia queremos ainda alcançá-la para sermos felizes. Acaso do mesmo modo como nos lembramos da eloquência? Não: embora, ao ouvir a palavra 'eloquência', se lembrem da própria coisa aqueles que ainda não são eloquentes, e são muitos os que o desejam ser – daí se vê que ela está no conhecimento deles – todavia, pelos sentidos do corpo, repararam em outros que são eloquentes, e deleitaram-se, e desejaram sê-lo – embora não se deleitassem senão por um conhecimento interior, nem quisessem ser eloquentes, se não se deleitassem – ao passo que não é por nenhum sentido do corpo que experimentamos nos outros a vida feliz. Acaso do mesmo modo como nos lembramos da alegria? Talvez. Na verdade, mesmo estando triste, lembro-me da minha alegria, tal como, estando infeliz, me lembro da vida feliz; e nunca vi, nem ouvi, nem cheirei, nem provei, nem toquei a minha alegria com os sentidos do corpo, mas experimentei-a no meu espírito quando me alegrei, e o conhecimento dela fixou-se na minha memória para poder recordá-la, umas vezes com desdém, outras com desejo, consoante a diversidade daquelas coisas com as quais me lembro de ter-me alegrado. De facto, em relação às coisas torpes, fui inundado de uma certa alegria que, recordando agora, detesto e abomino, e, às vezes, em relação às coisas boas e honestas, fui inundado de uma

certa alegria que, desejando, recordo, embora essas coisas por acaso não estejam presentes, e, por isso, triste, recordo a alegria passada.

31. Onde, pois, e quando experimentei a minha vida feliz para que a recorde, e ame, e deseje? E não eu somente ou com umas tantas pessoas, mas absolutamente todos queremos ser inteiramente felizes[205]. O que, se não conhecêssemos, com conhecimento tão firme, não quereríamos com vontade tão firme. E então? Ora, se perguntarmos a duas pessoas se querem ser militares, poderá acontecer que uma delas responda que quer e outra que não quer; se, pelo contrário, lhes perguntarmos se querem ser felizes, poderá acontecer que ambas digam de imediato, sem qualquer hesitação, que desejam sê-lo, e não é por outro motivo que um quer ser militar e o outro não quer, senão o de serem felizes. Será porque um sente alegria numa coisa e outro noutra? Assim como todos estão de acordo em quererem ser felizes[206], assim também estariam de acordo em querer sentir alegria, se lhes perguntassem isso, e a esta alegria chamam vida feliz. Ainda que um o consiga por um caminho e outro por outro, todavia só há um objectivo que todos se esforçam por atingir: a alegria. Porque isto é uma coisa que ninguém pode dizer não ter experimentado, por isso mesmo, ao encontrá-la na memória, ela é reconhecida quando se ouve a expressão 'vida feliz'.

*[A felicidade: qual e onde?]*

XXII. 32. Longe de mim, Senhor, longe do coração do teu servo, que se te confessa, longe de mim considerar-me feliz, com qualquer alegria com que me alegre. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios[207], mas àqueles que desinteressadamente te servem, cuja alegria és tu mesmo. E a vida feliz consiste em sentir alegria junto de ti, em ti, por ti: esta é a vida feliz e não há outra. Aqueles, porém, que julgam

[205] Cícero, *Tusculanas* 5.28; *Hortênsio* fr. 36 M. / 58 ????
[206] Cícero, *Tusculanas* 5.28; *Hortênsio* fr. 36 M. / 58 ????
[207] *Isaías* 48:22.

que há outra vida feliz, perseguem outra alegria que não a verdadeira. Contudo, a sua vontade não se afasta de uma certa imagem de alegria.

XXIII. 33. Não é certo, pois, que todos queiram ser felizes, porque aqueles que não querem sentir alegria em ti, o que é a única vida feliz, não querem realmente a vida feliz. Ou será que todos o querem, mas, porque a carne tem desejos contrários ao espírito e o espírito desejos contrários à carne, a ponto de não fazerem o que querem[208], caem naquilo de que são capazes, e contentam-se com isso, porque aquilo de que não são capazes não o querem tanto quanto é necessário para serem capazes. Com efeito, pergunto a todos se preferem encontrar a alegria na verdade ou na falsidade[209]: não hesitam em dizer que preferem encontrá-la na verdade, como não hesitam em dizer que querem ser felizes. Pois a vida feliz é uma alegria que vem da verdade. É uma alegria que vem de ti, que és a Verdade[210], ó Deus, que és a minha luz[211], salvação da minha face, ó meu Deus[212]. Todos querem esta vida feliz, todos querem esta vida que é a única feliz, todos querem a alegria que vem da verdade. Conheci, por experiência, muitas pessoas que queriam enganar, mas ninguém que quisesse ser enganado. Onde é que, então, eles conhecem esta vida feliz senão onde conhecem também a verdade? E amam a verdade porque não querem ser enganados, e, quando amam a vida feliz, que não é outra coisa senão a alegria que vem da verdade, amam de facto também a verdade, e não a amariam se dela não houvesse algum conhecimento na sua memória. Porque é que, então, não sentem alegria na verdade? Porque é que não são felizes? Porque se ocupam mais empenhadamente em outras coisas que os fazem infelizes, em vez de os fazer felizes aquilo de que tenuemente

[208] *Gálatas* 5:17.
[209] 1 *Coríntios* 13:6.
[210] *João* 14:6.
[211] *Salmo* 26:1.
[212] *Salmo* 41:6-7, 12; 42:5.

se lembram. Por enquanto, ainda há um pouco de luz entre os homens; caminhem, caminhem, para não serem apanhados pelas trevas[213].

34. Mas porque é que *a verdade gera o ódio*[214], e se tornou inimigo para os homens aquele que prega a verdade[215] – apesar de eles amarem a vida feliz, que não é senão a alegria que vem da verdade – a não ser porque a verdade é amada de tal modo que todos aqueles que amam outra coisa querem que seja verdade aquilo que amam e, porque não queriam ser enganados, não querem ser convencidos de que estão enganados? E assim odeiam a verdade por causa daquilo que amam em vez da verdade. Amam-na quando resplandece, odeiam-na quando censura[216]. Com efeito, uma vez que não querem ser enganados e querem enganar, amam-na quando ela se revela, e odeiam-na quando ela os denuncia. Por isso, ela retribuir-lhes-á, fazendo com que aqueles que não querem ser por ela denunciados, ela os denuncie mesmo sem eles quererem, e ela mesma não se lhes revele a eles. Assim, assim, mesmo assim o espírito humano, mesmo assim cego e débil, torpe e indecoroso, quer estar oculto; mas não quer que nada lhe esteja oculto. Pelo contrário, é-lhe dado que ele não esteja oculto à verdade, mas que a verdade lhe esteja oculta a ele. Todavia, sendo infeliz, mesmo assim antes quer sentir alegria nas coisas verdadeiras do que nas falsas. Feliz será, pois, se, sem que nenhuma infelicidade o perturbe, se alegrar unicamente com a verdade, em virtude da qual são verdadeiras todas as coisas.

*[Deus tem um lugar na memória]*

XXIV. 35. Eis quanto me alonguei na minha memória, procurando-te, Senhor, e não te encontrei fora dela. E não encontrei nada a teu respeito que não tivesse recordado, desde que te aprendi. Na verdade,

[213] *João* 12:35.
[214] Terêncio, *A moça que veio de Andros* 68.
[215] *João* 8:40; *Gálatas* 4:16.
[216] *João* 3:20; 5:35.

desde que te aprendi, não me esqueci de ti. Com efeito, onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, a própria verdade[217] que não esqueci desde que a aprendi. Por isso, desde que te aprendi, permaneces na minha memória e aí te encontro, quando me recordo de ti e em ti me deleito. Estas são as minhas santas delícias que, por tua misericórdia, me deste, olhando[218] para a minha pobreza.

*[Em que lugar da memória se encontra Deus?]*

XXV. 36. Mas onde estás na minha memória, Senhor, onde é que nela estás? Que habitáculo fabricaste para ti? Que santuário edificaste para ti? Tu concedeste esta honra à minha memória, a de permaneceres nela, mas em que lugar dela permaneces é o que estou a considerar. Ao recordar-te, deixei de lado as partes da memória que os animais também possuem, porque não te encontrava aí, entre as imagens das coisas corpóreas, e cheguei às partes da memória onde coloquei as impressões da minha alma, e não te encontrei lá. E entrei na sede do meu próprio espírito, que ele tem na minha memória, porque o espírito também se recorda de si mesmo, e tu não estavas lá, porque, assim como não és uma imagem corpórea, nem uma sensação própria do ser vivo, como é aquela com que nos alegramos, entristecemos, desejamos, tememos, lembramos, esquecemos e qualquer outra coisa deste género, assim também não és o próprio espírito, porque tu, Senhor, és o deus do espírito, e todas estas coisas mudam, enquanto tu permaneces imutável acima de todas as coisas, e te dignaste habitar na minha memória, desde que te aprendi. E porque procuro em que lugar dela habitas, como se de facto aí existissem lugares? Certamente habitas nela, porque me lembro de ti desde que te aprendi, e nela te encontro quando de ti me lembro.

*[Onde se encontra Deus?]*

[217] *João* 14:6.
[218] *Salmo* 30:8.

XXVI. 37. Então, onde é que eu te encontrei para te aprender? Com efeito, ainda não estavas na minha memória antes de eu te aprender. Onde é que, então, eu te encontrei para te aprender, senão em ti, acima de mim? E não há lugar em parte alguma, e afastamo-nos e aproximamo-nos, e não há lugar em parte alguma. Ó Verdade, em toda a parte estás à disposição de todos os que te consultam, e respondes ao mesmo tempo a todos os que te consultam, ainda que sobre coisas diversas. Tu respondes claramente, mas nem todos te ouvem claramente. Todos te consultam sobre o que querem, mas nem sempre ouvem o que querem. O melhor dos teus servos é aquele que não concentra mais a sua atenção em ouvir de ti aquilo que ele próprio quer, mas antes em querer aquilo que de ti ouvir.

*[Como é que a beleza de Deus atrai o homem?]*

XXVII. 38. Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não seriam, se em ti não fossem. Chamaste, e clamaste, e rompeste a minha surdez; brilhaste, cintilaste, e afastaste a minha cegueira; exalaste o teu perfume[219], e eu respirei e suspiro por ti; saboreei-te[220], e tenho fome e sede[221]; tocaste-me, e inflamei-me no desejo da tua paz.

*[As misérias desta vida]*

XXVIII. 39. Quando estiver unido a ti[222] por todo o meu ser, não existirá para mim em parte alguma dor e labor[223], e viva será a minha

[219] Apesar de a edição adoptada ter optado pela lição *flagrasti*, traduzimos por 'exalaste o teu perfume' (*fragrasti*) e não por 'incendiaste-me de amor', dada a sequência dos cinco sentidos: ouvido, vista, cheiro, sabor, tacto.
[220] *Salmo* 33:9; 1 *Pedro* 2:3.
[221] *Mateus* 5:6; 1 *Coríntios* 4:11.
[222] *Salmo* 62:9.
[223] *Salmo* 9B:28 (10A 7); 89:10.

vida inteiramente cheia de ti. Agora, porém, porque tu levantas aquele a quem enches de ti, eu sou um peso para mim mesmo, porque de ti não estou cheio. As minhas alegrias, dignas de pranto, litigam com as minhas tristezas, dignas de júbilo, e eu não sei de que lado está a vitória. Ai de mim, Senhor, compadece-te de mim![224] Ai de mim! Eis que não oculto as minhas feridas: tu és o médico, eu estou doente; tu és misericordioso, eu sou um miserável. Acaso a vida humana sobre a terra não é uma provação[225]? Quem deseja desgraças e dificuldades? Mandas suportá-las, não amá-las. Ninguém ama o que suporta, embora ame suportar. Ainda que se alegre em suportar, prefere, todavia, que nada haja que suportar. Desejo a prosperidade na adversidade, e receio a adversidade na prosperidade. Que meio termo existe entre elas, onde a vida humana não seja uma provação? Ai das prosperidades mundanas, uma e outra vez, por causa do receio da adversidade e por causa da corrupção da alegria! Ai das adversidades mundanas, uma, duas e três vezes, por causa do desejo de prosperidade e, porque é dura a própria adversidade, oxalá não quebrante a capacidade de suportar! Acaso a vida humana sobre a terra não é uma provação sem nenhuma pausa?

*[Em Deus reside toda a esperança]*

XXIX. 40. E toda a minha esperança não está senão na imensidão da tua misericórdia. Concede-me o que ordenas e ordena-me o que queres. Exiges de nós a continência. Diz alguém: E sabendo eu que ninguém pode *ser continente se Deus não lho conceder, era já fruto da sabedoria o saber de quem era este dom*[226]. Efectivamente, pela continência saímos da dispersão e somos reconduzidos à unidade, da qual nos dissipámos em muitas coisas. Na verdade, ama-te menos aquele que, ao mesmo tempo que a ti, ama alguma coisa, que não ama por causa de ti. Ó amor que ardes continuamente e nunca te extingues, ca-

[224] *Salmo* 40:5, 11.
[225] *Job* 7:1.
[226] *Sabedoria* 8:21.

ridade, ó meu Deus, inflama-me! Ordenas a continência: concede-me o que ordenas e ordena-me o que queres.

*[Agostinho confessa como enfrenta as tentações da carne]*

XXX. 41. Sem dúvida, ordenas-me que me abstenha da concupiscência da carne, e da concupiscência dos olhos, e da ambição do século[227]. Ordenaste-me que me abstenha do prazer da carne, e, em relação ao próprio matrimónio, que tu permitiste, aconselhaste-me uma coisa melhor[228]. E, porque mo concedeste, aconteceu, ainda antes de eu me tornar administrador do teu mistério[229]. Mas ainda vivem na minha memória, sobre a qual tanto falei, imagens dessas tais coisas que o meu hábito nela fixou, e, embora desprovidas de forças, vêm ao meu encontro quando estou acordado, mas, durante o sono, chegam não só ao deleite, mas também ao consentimento e a um efeito absolutamente igual. A ilusão na minha alma tem tanto poder na minha carne que, estando eu a dormir, as falsas visões levam-me àquilo que, estando acordado, as verdadeiras não conseguem. Acaso, Senhor meu Deus, não sou eu nesse momento? E, todavia, é tão grande a diferença entre mim e mim mesmo, naquele momento em que passo da vigília ao sono e volto a passar do sono à vigília! Onde está, pois, a mente, graças à qual uma pessoa acordada resiste a tais sugestões e, se as próprias coisas se lhe deparam, permanece inabalável? Porventura fecha-se a mente ao mesmo tempo que os olhos? Porventura adormece com os sentidos do corpo? E porque é que, muitas vezes, mesmo no sono, resistimos, e, lembrados do nosso propósito, e nele permanecendo castissimamente, não damos nenhum assentimento a tais tentações? E, todavia, é tão a grande a diferença que, quando sucede de outro modo, ao acordarmos, voltamos à tranquilidade da consciência, e, pela mesma diferença, descobrimos que não fizemos aquilo que todavia lamentamos de certo modo ter sido feito em nós.

[227] 1 *João* 2:16.
[228] 1 *Coríntios* 7:38.
[229] 1 *Coríntios* 4:1.

42. Acaso não é poderosa a tua mão, ó Deus omnipotente[230], para sarar todas as enfermidades[231] da minha alma e até para extinguir, por maior abundância da tua graça, todos os movimentos lascivos do meu sono? Aumentarás, Senhor, mais e mais, em mim, os teus dons para que a minha alma, liberta do visco da concupiscência, me siga até junto de ti, para que ela não seja rebelde para consigo, e para que, mesmo no sono, não só não cometa tais torpezas de corrupção, por meio de imagens sensuais, até ao fluxo da carne, mas nem sequer nelas consinta. Na verdade, que tal coisa nada me deleite, ou tão pouco quanto possa ser impedido pela vontade, também no casto afecto de quem dorme, não só nesta vida mas também nesta idade, não é grande coisa para ti, tu que és omnipotente e podes ir além daquilo que pedimos e compreendemos[232]. Agora, porém, o que ainda sou, neste género de mal que é o meu, já to disse, a ti que és o meu bom Senhor, exultando com tremor[233] naquilo que me deste, e lamentando-me naquilo que ainda não consegui, esperando que completes em mim as tuas misericórdias[234], até à paz total que em ti terá tudo aquilo que eu sou dentro e fora de mim, quando a morte for absorvida na vitória[235].

*[As tentações da gula]*

XXXI. 43. Tem o dia outra malícia que oxalá lhe bastasse[236]. Com efeito, restauramos a degradação quotidiana do corpo, comendo e bebendo antes que destruas os alimentos e o estômago[237], quando matares a indigência com uma maravilhosa saciedade e revestires este corpo corruptível da eterna incorruptibilidade[238]. Agora, porém, é-me suave

[230] *Números* 11:25.
[231] *Salmo* 102:3; *Mateus* 4:23.
[232] *Efésios* 3:20.
[233] *Salmo* 2:11.
[234] *Salmo* 102:6.
[235] *Isaías* 25:8; 1 *Coríntios* 15:54.
[236] *Mateus* 6:34.
[237] 1 *Coríntios* 6:13.
[238] 1 *Coríntios* 15:53.

a necessidade, e contra esta suavidade eu combato para me não deixar dominar, e travo uma luta diária, reduzindo o meu corpo à servidão, com frequentes jejuns[239], e as minhas dores são eliminadas pelo prazer. Efectivamente, a fome e a sede são uma espécie de dores, queimam e, tal como a febre, matam, se não os socorrer o remédio dos alimentos. E, visto que este remédio está à nossa disposição, graças ao conforto dos teus dons, por meio dos quais a terra, a água e o céu estão ao serviço da nossa fraqueza, chamamos delícia à calamidade.

44. Tu ensinaste-me[240] a ir tomar os alimentos como se fossem medicamentos. Mas, quando passo do desconforto da necessidade ao conforto da saciedade, na mesma passagem o laço da concupiscência arma-me ciladas. Com efeito, essa passagem é um prazer e não existe outra passagem por onde se passe para onde a necessidade obriga a passar. E como a conservação da vida é a causa do comer e do beber, junta-se-lhe como companheiro um perigoso prazer que, muitas vezes, se obriga a ir adiante, de tal modo que, por causa dele, se faz aquilo que eu digo ou quero fazer, por causa da conservação da vida. Não é o mesmo o modo de ser de ambos: na verdade, o que é suficiente para a conservação da vida é pouco para o prazer, e, muitas vezes, não se sabe ao certo se é o necessário cuidado do corpo que ainda exige ser satisfeito, ou se é a falaciosa voluptuosidade do prazer que pede disfarçadamente para ser servida. Perante esta incerteza, a alma, infeliz, começa a alegrar-se e, nisso, prepara a justificação da sua desculpa, congratulando-se por não ser evidente o que é suficiente para o equilíbrio da saúde, a fim de que, a pretexto da conservação da vida, encubra a satisfação do prazer. Esforço-me todos os dias por resistir a estas tentações, e invoco a tua mão direita, e trago junto de ti as minhas inquietações, porque, sobre este assunto, a minha opinião ainda não é segura.

[239] 1 *Coríntios* 9:26-27; 2 *Coríntios* 6:5.
[240] *Salmo* 70:17.

45. Ouço a voz do meu Deus que me ordena: *Não se tornem pesados os vossos corações com a intemperança e a embriaguez*[241]. A embriaguez está longe de mim: tu terás compaixão para que ela se não aproxime de mim. Mas a intemperança, por vezes, insinua-se no teu servo: tu terás compaixão para que ela se afaste para longe de mim. Ninguém pode ser continente se tu não lho concederes[242]. Muitas coisas nos dás quando suplicamos e todo o bem que de ti recebemos antes de suplicarmos, de ti o recebemos; e recebemos de ti que depois o reconhecêssemos. Eu nunca fui bêbedo, mas conheço bêbedos que tu tornaste sóbrios. Por conseguinte, foste tu que fizeste com que não o fossem os que nunca o foram, fizeste com que não o fossem sempre os que o foram, também fizeste que uns e outros soubessem que tu o fizeste. Ouvi outra voz tua: *Não vás atrás das tuas concupiscências e refreia os teus apetites*[243]. Por dádiva tua, ouvi também aquela voz que muito amei: *Se comermos, não ganhamos nada, e se não comermos, nada perdemos*[244]; que é como dizer: Nem aquilo me fará rico, nem isto miserável. Ouvi ainda outra voz: *Eu aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei viver na abundância e sei suportar a penúria. Tudo posso naquele que me conforta*[245]. Eis um soldado das milícias celestiais, não o pó que somos. Mas lembra-te, Senhor, que somos pó[246], e do pó criaste o homem[247], e *tinha-se perdido e foi encontrado*[248]. E ele não pôde em si, porque ele mesmo foi pó, ele que eu amei e disse tais coisas pelo sopro da tua inspiração: *Tudo posso*, diz, *naquele que me conforta*[249]. Conforta-me para que eu possa, concede-me o que ordenas, e ordena-me o que queres. Ele confessa ter recebido e gloria-se

[241] *Lucas* 21:34.
[242] *Sabedoria* 8:21.
[243] *Eclesiástico* 18:30.
[244] 1 *Coríntios* 8:8.
[245] *Filipenses* 4:11-13.
[246] *Salmo* 102:14.
[247] *Génesis* 3:19.
[248] *Lucas* 15:24, 32.
[249] *Filipenses* 4:13.

de que se gloria no Senhor[250]. Ouvi outro que pede, para receber: *Tira de mim,* diz, *as concupiscências do ventre*[251]. Donde se vê claramente, meu santo Deus, que tu dás, quando se faz o que mandas que se faça.

46. Ensinaste-me[252], Pai bondoso, que *para os puros todas as coisas são puras*[253], *mas* são *um mal para o homem que come provocando escândalo*[254]; e que toda a criatura é boa e *nada se deve rejeitar do que se toma com acção de graças*[255]; não só porque *não é a comida que nos torna recomendáveis a Deus*[256], mas também para que ninguém nos julgue pela comida ou pela bebida[257], e para que *aquele que come não despreze aquele que não come e aquele que não come não condene o que come*[258]. Eu aprendi estas coisas: graças a ti, louvores a ti, meu Deus, meu mestre, tu que bateste à porta dos meus ouvidos[259] e iluminaste[260] o meu coração, livra-me de toda a tentação[261]. Eu não temo a impureza do alimento, mas a impureza do prazer. Sei que a Noé foi permitido comer toda a espécie de carne que pudesse servir de alimento[262], que Elias se restabeleceu com um alimento de carne[263], que João, dotado de uma admirável abstinência, não foi contaminado pelos animais, isto é, os gafanhotos que lhe serviam de comida[264], também sei que Esaú foi enganado pelo apetite de umas lentilhas[265], e que Da-

[250] 1 *Coríntios* 1:31; 2 *Coríntios* 10:17.
[251] *Eclesiástico* 23:6.
[252] *Salmo* 70:17.
[253] *Tito* 1:15.
[254] *Romanos* 14:20.
[255] 1 *Timóteo* 4:4.
[256] 1 *Coríntios* 8:8.
[257] *Colossenses* 2:16.
[258] *Romanos* 14:3.
[259] *Apocalipse* 3:20.
[260] *Salmo* 30:17.
[261] *Salmo* 17:30.
[262] *Génesis* 9:2-3.
[263] 3 *Reis* 17:6.
[264] *Mateus* 3:4.
[265] *Génesis* 25:34.

vid se repreendeu a si mesmo por ter desejado água[266], e que o nosso rei não foi tentado com carne, mas com pão[267]. Por isso, o povo no deserto mereceu ser repreendido, não por ter desejado carne, mas por ter murmurado contra o Senhor por causa do desejo da comida[268].

47. Exposto, pois, a estas tentações, luto todos os dias contra a concupiscência do comer e do beber: não há uma coisa com que eu possa cortar e não mais voltar a ela, como consegui fazer com a relação carnal. Por isso, devem ser dominadas as rédeas do paladar, afrouxando-as e puxando-as de forma equilibrada. E quem há, Senhor, que não seja arrastado um pouco para lá dos limites da necessidade? Seja ele quem for, é grande, e engrandeça o teu nome. Eu, porém, não o sou, *porque sou um homem pecador*[269]. Mas, por um lado, eu engrandeço o teu nome[270], por outro aquele que venceu o mundo[271] intercede junto de ti pelos meus pecados[272], contando-me entre os membros enfermos do seu corpo[273], porque *os teus olhos viram a imperfeição* deles, *e todos hão-de ser escritos no teu Livro*[274].

*[A sedução dos perfumes]*

XXXII. 48. Da atracção dos perfumes não tenho muito para dizer: quando os não tenho, não os procuro, quando os tenho, não os rejeito, sempre também preparado para deles prescindir. Assim me parece; talvez me engane. Com efeito, são deploráveis estas trevas nas quais se oculta esta capacidade que há em mim, de o meu espírito, quando se interroga a si mesmo sobre as suas forças, julgar que não deve confiar

[266] *Samuel* 23:15-17.
[267] *Mateus* 4:3.
[268] *Números* 11:1-20.
[269] *Lucas* 5:8.
[270] *Salmo* 68:31; *Apocalipse* 15:4.
[271] *João* 16:33.
[272] *Romanos* 8:34.
[273] *Romanos* 12:5; 1 *Coríntios* 12:12, 22.
[274] *Salmo* 138:16.

facilmente em si, porque a maior parte das vezes lhe é oculto o que há nele, a não ser que lhe seja revelado pela experiência; e ninguém deve ter a certeza nesta vida – que toda ela é chamada uma provação[275] – se aquele que pôde de pior tornar-se melhor, de melhor não se tornará pior. A única esperança, a única certeza, a única promessa segura é a tua misericórdia.

*[Os prazeres do ouvido]*

XXXIII. 49. Os prazeres do ouvido enredaram-me e subjugaram-me mais tenazmente, mas tu soltaste-me e libertaste-me. Agora, confesso-o, encontro um pouco de repouso nas melodias a que as tuas palavras dão vida, quando são cantadas com uma voz suave e bem trabalhada, não a ponto de ficar preso a elas, mas de forma a poder ir-me embora, quando quiser. No entanto, juntamente com as próprias frases que lhe dão vida, para que possam entrar em mim, procuram no meu coração um lugar de alguma dignidade, mas apenas lhes concedo o lugar apropriado. Às vezes, parece-me que lhes atribuo mais honra do que convém, quando sinto que o nosso espírito se move mais religiosa e ardentemente para a chama da piedade com aquelas letras sacras, quando assim são cantadas, do que se não fossem cantadas assim, e que todos os afectos do nosso espírito, cada um segundo a sua diversidade, têm na voz e no canto as suas próprias melodias, não sabendo eu qual é a oculta afinidade com essas melodias que os desperta. Mas o deleite da minha carne, ao qual não convém entregar a mente, que por ele seria necessariamente enfraquecida, engana-me muitas vezes, quando o sentimento não acompanha a razão de modo a ir resignadamente após ela, mas além disso, uma vez que mereceu ser admitido por causa dela, tenta até ir adiante e guiá-la. Assim, sem me dar conta, peco nestas coisas e depois dou-me conta disso.

50. Às vezes, porém, evitando com algum exagero esta mesma falácia, erro por excessiva severidade, mas, muitíssimas vezes, gostaria

[275] *Job* 7:1.

de afastar dos meus ouvidos e dos da própria Igreja toda a melodia das músicas suaves que acompanham o saltério de David; e parece-me mais seguro o que recordo ter ouvido dizer a respeito de Atanásio, bispo de Alexandria, o qual levava o leitor do salmo a entoá-lo com uma inflexão de voz tão pequena que parecia mais própria de quem recita do que de quem canta. Contudo, quando me lembro das minhas lágrimas, que derramei perante os cânticos da Igreja, nos primórdios da recuperação da minha fé, e quando mesmo agora me comovo, não com o canto, mas com as coisas que se cantam, quando são cantadas com uma voz clara e uma modulação perfeitamente adequada, reconheço de novo a grande utilidade desta prática. Assim, flutuo entre o perigo do prazer e a experiência do efeito salutar, e inclino-me mais, apesar de não pronunciar uma opinião irrevocável, a aprovar o costume de cantar na igreja, a fim de que, por meio do prazer dos ouvidos, um espírito mais fraco se eleve ao afecto da piedade. Todavia, quando me acontece que a música me comova mais do que as palavras, confesso que peco de forma a merecer castigo e, então, preferiria não ouvir cantar. Eis em que estado me encontro! Chorai comigo, chorai por mim, vós que algum bem praticais no vosso íntimo, donde procedem as acções. Na verdade, estas coisas não vos comovem, a vós que as não praticais. Tu, porém, Senhor meu Deus, escuta-me, volta para mim o teu olhar[276], e vê-me[277], e compadece-te de mim[278], e cura-me[279], tu, a cujos olhos me tornei para mim mesmo numa interrogação, e é essa a minha doença[280].

### *[Os prazeres do olhar]*

XXXIV. 51. Resta o deleite destes olhos da minha carne, acerca do qual farei uma confissão, que os ouvidos do teu templo[281] possam ouvir,

[276] *Salmo* 12:4.
[277] *Salmo* 79:15.
[278] *Salmo* 9:14.
[279] *Salmo* 6:3.
[280] *Salmo* 102:3; *Mateus* 4:23.
[281] 1 *Coríntios* 3:16-17; 6:19; 2 *Coríntios* 6:16.

ouvidos fraternos e piedosos, a fim de concluirmos o tema das tentações da concupiscência da carne[282], que ainda me fazem vibrar, gemendo e ansiando ser revestido da minha habitação celeste[283]. Os olhos amam as formas belas e variadas, as cores vivas e alegres. Oxalá estas coisas se não apoderem da minha alma; que dela se apodere Deus que, na verdade, fez estas coisas muito boas[284]. Porque o meu bem é ele mesmo e não estas coisas. Estando acordado, elas não me deixam durante todo o dia, não me dão repouso como me é dado pelas vozes harmoniosas, e às vezes por todas, durante o silêncio. Com efeito, a própria rainha das cores, esta luz que inunda tudo o que vemos onde quer que eu esteja durante o dia, infiltrando-se de mil maneiras, acaricia-me, ainda que me ocupe de outras coisas e nela não repare. E insinua-se com tal veemência que, se de repente desaparece, procuramo-la com saudade e, se por muito tempo se ausenta, entristece o espírito.

52. Ó luz, que era vista por Tobias, quando, fechados estes olhos, ensinava ao filho o caminho da vida, e caminhava à sua frente com os pés da caridade[285], sem nunca se perder; ou a que Isaac via, quando, agravados e velados os olhos carnais pela velhice, mereceu não abençoar os filhos reconhecendo-os, mas sim reconhecê-los abençoando-os[286]; ou a que Jacob via, quando, também ele privado da vista por causa da sua avançada idade, irradiou luz do seu luminoso coração sobre as gerações do povo futuro, prefiguradas nos filhos, e impôs as mãos misticamente cruzadas sobre os seus netos, filhos de José, não como o pai deles o corrigia exteriormente, mas como ele próprio vislumbrava interiormente[287]. Ela é a luz, a única luz, e uma só coisa são todos os que a vêem e amam. Mas esta luz corporal, da qual falava, com a sua doçura sedutora e perigosa, ameniza a vida àqueles que, cegos, amam

[282] 1 *João* 2:16.
[283] 2 *Coríntios* 5:2.
[284] *Génesis* 1 :31.
[285] *Tobias* 4 :2.
[286] *Génesis* 27 :1-40.
[287] *Génesis* 48:3-49:28.

o século. Quando, porém, aprendem a fazer dela um motivo de louvor, ó Deus criador de todas as coisas[288], incorporam-na num hino a ti, mas não são consumidos por ela, no seu adormecimento. Assim quero ser eu. Resisto às seduções dos olhos para que não se enredem os meus pés, com os quais percorro o teu caminho, e ergo para ti os meus olhos invisíveis, para que tu arranques do laço os meus pés[289]. Tu os libertas um após outro, pois estão presos num laço. Tu não cessas de os libertar, eu, porém, com frequência fico preso nas armadilhas espalhadas por toda a parte, pois não dormes nem dormitas, tu que guardas Israel[290].

53. Que inumeráveis coisas acrescentaram os homens às tentações da vista com as variadas artes e requintes no vestuário, no calçado, nos utensílios, em outros produtos do mesmo género, nas pinturas e esculturas várias que muito ultrapassam o seu uso necessário e equilibrado e o seu piedoso significado, seguindo exteriormente aquilo que criam, abandonando interiormente aquele que os criou, e destruindo em si aquilo que ele os fez. Mas eu, meu Deus e minha glória, também por isto entoo um hino e ofereço um sacrifício de louvor[291] a ti, que me santificas, porque as coisas belas que passam para a mão do artista através da sua alma provêm daquela beleza que está acima das almas e pela qual suspira, dia e noite[292], a minha alma. Ora, é daí que os artífices e seguidores destas belezas exteriores deduzem a norma que estabelece o seu valor, mas não a da sua utilização. E esta também lá está, e eles não a vêem de modo a não se afastarem para mais longe, e a guardarem para ti a sua fortaleza[293], e a não a dissiparem em deliciosas canseiras. Eu, porém, quando exponho e examino isto, também enredo os meus passos naquilo que é belo, mas tu libertas-me, Senhor,

[288] 2 *Macabeus* 1:24; Ambrósio, *Hinos* I 2,1 (*PL* 16, 1409).
[289] *Salmo* 24:15.
[290] *Salmo* 120:4.
[291] *Salmo* 115:17
[292] *Salmo* 1:2; *Jeremias* 9:1.
[293] *Salmo* 58:10.

libertas-me, *porque a tua misericórdia está diante dos meus olhos*[294]. Na verdade, eu deixo-me prender miseravelmente e tu libertas-me misericordiosamente, umas vezes sem eu sentir, porque a minha queda não tinha sido até ao fundo, outras vezes com dor, porque já estava atolado.

*[Segundo género de tentação: a curiosidade]*

XXXV. 54. A isto acresce outra forma de tentação, perigosa sob muitos mais aspectos. Com efeito, além da concupiscência da carne, que é inerente ao deleite de todos os sentidos e prazeres, postos ao serviço da qual perecem os que se afastam de ti[295], existe na alma, disfarçado sob o nome de conhecimento e ciência, uma espécie de apetite vão e curioso, não de se deleitar na carne por meio dos mesmos sentidos do corpo, mas sim de sentir por meio da experiência da carne. Visto que esse apetite está no desejo de conhecer, e que os olhos ocupam o primeiro lugar entre os sentidos em ordem ao conhecimento, ele é designado na Escritura por concupiscência dos olhos[296]. Aos olhos pertence essencialmente a função de ver. Usamos também a palavra 'ver' para os outros sentidos quando os aplicamos ao acto de conhecer. Na verdade, não dizemos: ouve o que brilha, ou: cheira como resplandece, ou: saboreia como reluz, ou: apalpa como cintila, pois diz-se que todas estas coisas são vistas. No entanto, não só dizemos: vê o que brilha, porque só os olhos o podem sentir, mas também: vê o que soa, vê o que cheira, vê o que tem sabor, vê como é duro. Por isso, a experiência geral dos sentidos é chamada, como foi dito, concupiscência dos olhos[297], porque os restantes sentidos, quando procuram conhecer algum objecto, também usurpam para si, por analogia, a função de ver, na qual os olhos têm a primazia.

[294] *Salmo* 25:3.
[295] *Salmo* 39:12; 72:27.
[296] 1 *João* 2:16.
[297] 1 *João* 2:16.

55. Com isso se distingue mais claramente o que de prazer e o que de curiosidade é obtido por meio dos sentidos, porque o prazer procura coisas belas, harmoniosas, suaves, saborosas e macias, ao passo que a curiosidade procura também coisas contrárias a estas, para as experimentar, não para sofrer contrariedades, mas sim pelo prazer da experiência e do conhecimento. Que prazer há em ver num cadáver despedaçado aquilo que provoca horror? E, contudo, se um jaz em alguma parte, acorrem pessoas para se contristarem, para empalidecerem. Receiam até vê-lo em sonhos, como se alguém as tivesse obrigado a vê-lo, estando acordadas, ou tivesse atraídas pelo rumor de alguma beleza. E o mesmo sucede com os restantes sentidos, o que seria longo enumerar. Por causa desta doença da curiosidade, exibem-se nos espectáculos as coisas mais prodigiosas. Daqui passa-se à indagação dos segredos da natureza –que está fora do nosso alcance – que não há nenhum proveito em conhecer mas os homens não desejam senão conhecer. Daqui resulta também que se procure alguma coisa por meio das artes mágicas, com o mesmo fim de uma ciência perversa. Resulta ainda daqui que, na própria religião, Deus seja posto à prova, quando se lhe pedem sinais e prodígios[298], não para a salvação de alguém, mas unicamente por desejo da experiência.

56. Nesta selva tão imensa, cheia de armadilhas e de perigos, eis que eu cortei e expulsei muitas coisas do meu coração, tal como concedeste que eu fizesse, ó Deus da minha salvação[299]; contudo, quando ousarei dizer, uma vez que à minha volta uma tão grande quantidade de coisas deste género atordoa a nossa vida quotidiana, quando ousarei dizer que nenhuma de tais coisas me chama a atenção para eu olhar e ser apanhado numa vã preocupação? Na verdade, os teatros já não me atraem, nem procuro conhecer o curso dos astros, e nunca a minha alma consultou os espíritos; detesto todos os rituais sacrílegos. Com quantas sugestões e maquinações me não leva o inimigo a pedir um sinal, a ti,

[298] *Lucas* 11:16; *João* 4:48.
[299] *Salmo* 17:47; 37:23.

Senhor meu Deus, a quem devo servir na humildade e na simplicidade! Mas suplico-te, pelo nosso rei e pela nossa pátria, a pura e casta Jerusalém, que, assim como o consentir nestas coisas está longe de mim, assim também esteja sempre cada vez mais longe. Mas quando te peço pela salvação de alguém, muito diferente é o objectivo da minha intenção, e concedes e conceder-me-ás que eu te siga de bom grado, quando fazes o que queres.

57. No entanto, quem poderá contar a grande quantidade de coisas tão insignificantes e desprezíveis, com que diariamente é tentada a nossa curiosidade, e quantas vezes nos deixamos levar? Quantas aquelas em que, para não escandalizarmos os fracos, como que toleramos inicialmente aqueles que nos contam coisas banais, e depois, de bom grado, progressivamente lhes prestamos atenção. Já não dou atenção a um cão que corre atrás de uma lebre, quando isso acontece no circo; contudo, no campo, se por acaso estou a passar, uma caçada idêntica desvia-me talvez até de um pensamento elevado e volta para si a minha atenção, forçando-me a desviar-me, não com o corpo da montada, mas pela inclinação do coração, e se tu, mostrando-me a minha fraqueza, não me exortas imediatamente ou a que me eleve desse espectáculo até ti, por meio de algum pensamento, ou a que desprezar tudo isso e passe adiante, fico estupidamente embasbacado. E que dizer quando, sentado em casa, muitas vezes me atrai a atenção uma osga a caçar moscas, ou uma aranha a enredar nas suas teias as que nelas caem? Acaso, porque são animais pequenos, não é o mesmo o que se passa? Passo daí ao teu louvor, ó criador admirável e ordenador de todas as coisas, mas não é para te louvar que começo a reparar nisso. Uma coisa é levantar-me rapidamente e outra é não cair. E de tais coisas está cheia a minha vida, e a minha única esperança é a tua misericórdia, imensamente grande[300]. Quando, porém, o nosso coração se transforma em receptáculo de coisas desta natureza, e transporta em si uma caterva de numerosas frivolidades, por causa disso também as nossas orações são

[300] *Salmo* 85:13.

muitas vezes interrompidas e perturbadas, e, na tua presença, quando dirigimos a voz do nosso coração para os teus ouvidos, não sei como é interrompido um acto tão elevado com os pensamentos fúteis que nos assaltam.

*[Terceiro género de tentação: a soberba]*

XXXVI. 58. Porventura deveremos considerar também isto entre as coisas que não têm importância, ou haverá alguma coisa que nos possa reconduzir à esperança, a não ser a tua misericórdia, de todos conhecida, uma vez que tu começaste a mudar-nos? E tu sabes[301] em que medida é que me mudaste, tu que começas por me curar da vontade de reivindicar a minha independência, para te tornares benévolo também para com todas as minhas restantes iniquidades, e curares todas as minhas fraquezas, e resgatares da corrupção a minha vida, e me coroares com a tua compaixão e misericórdia, e saciares de bens o meu desejo[302], tu que abateste com o teu temor o meu orgulho, e domaste a minha cerviz com o teu jugo. E agora eu levo-o, e é suave para mim, porque assim o prometeste[303] e cumpriste; e na verdade era assim, e eu não sabia, quando a ele receava submeter-me.

59. Mas porventura, Senhor, tu que és o único que dominas sem orgulho, porque és o único verdadeiro Senhor[304], tu que não tens senhor, porventura cessou em mim ou pode cessar em toda esta vida também este terceiro género de tentação[305], o querer ser temido e amado dos homens, não por outro motivo, mas para que daí venha uma alegria que não é alegria? A vida é miserável, e vergonhosa a arrogância. Daí resulta não amar-te acima de tudo, nem temer-te castamente, e, por isso, tu resistes aos soberbos, mas dás a tua graça aos humildes[306], e

[301] *Tobias* 3:16; 8:9; *Salmo* 68:6; *João* 21:15-16.
[302] *Salmo* 102:3-5.
[303] *Mateus* 11:30.
[304] *Isaías* 37:20.
[305] 1 *João* 2:16.
[306] *Tiago* 4:6; 1 *Pedro* 5:5.

trovejas[307] contra as ambições do século[308], e estremecem os fundamentos das montanhas[309]. E assim, como, por causa de certos deveres da sociedade humana, é necessário ser amado e temido pelos homens, o adversário da nossa verdadeira felicidade não nos dá tréguas, espalhando por toda a parte nos seus laços um 'muito bem! muito bem!'[310], para que, enquanto recebemos avidamente estes aplausos, sejamos apanhados incautamente, e desliguemos a nossa alegria da tua verdade, e a coloquemos na falsidade dos homens, e nos agrade ser amados e temidos, não por causa de ti, mas em vez de ti, e, deste modo, aqueles que se tornaram semelhantes a ele, os tenha consigo, não para a concórdia da caridade, mas para a partilha do suplício, ele que determinou colocar a sua morada no aquilão[311], para que, envolvidos pelas trevas e pelo frio, eles servissem aquele que te imitou, por caminhos perversos e tortuosos. Nós, porém, Senhor, somos o teu pequenino rebanho[312], apodera-te de nós[313]. Estende as tuas asas para que nos refugiemos debaixo delas. Sê tu a nossa glória; que sejamos amados por causa de ti e que a tua palavra seja temida em nós. Aquele que pretende ser louvado pelos homens, vituperando-o tu, não será defendido pelos homens, julgando-o tu, nem será liberto, condenando-o tu. Quando, porém, não é louvado o pecador nos desejos da sua alma, nem será abençoado aquele que pratica a iniquidade[314], mas sim é louvado um homem qualquer por causa de algum dom que tu lhe deste, e ele se compraz mais em ser louvado do que em ter esse dom que é o motivo por que é louvado, também este é louvado, mas tu censura-lo: por isso, é melhor aquele que o louvou do que ele, que foi louvado. Àquele agradou-lhe no homem o dom de Deus, a este agradou-lhe mais o dom do homem do que o de Deus.

[307] *Salmo* 17:14; 28:3.
[308] 1 *João* 2:16.
[309] *Salmo* 17:14-16.
[310] *Salmo* 34:21; 39:16; 69:4.
[311] *Isaías* 14:13.
[312] *Lucas* 12:32.
[313] *Isaías* 26:13.
[314] *Salmo* 9B:24 (10A:3).

*[A vanglória]*

XXXVII. 60. Somos diariamente tentados com estas tentações, Senhor, somos incessantemente tentados. A língua dos homens é a nossa fornalha quotidiana[315]. Exiges de nós continência também neste aspecto: dá-nos aquilo que ordenas e ordena-nos aquilo que queres. Tu conheces a este respeito o gemido que o meu coração[316] te dirige, bem como os rios que brotam dos meus olhos. Na verdade, não consigo saber com facilidade até que ponto estou limpo desta peste, e receio muito as minhas faltas ocultas[317], que os teus olhos conhecem[318], mas não os meus. Na realidade, noutros géneros de tentações eu tenho uma certa capacidade de me examinar, mas neste ela é quase nula. Efectivamente, eu vejo quanto consegui poder refrear o meu espírito, não só dos prazeres da carne, mas também da supérflua curiosidade de conhecer, quando careço de tais coisas, quer por minha vontade, quer por ausência delas. Então interrogo-me se me é mais ou menos penoso não as ter. As riquezas, porém, que se desejam para servir a uma destas três concupiscências, ou a duas delas, ou a todas, se o espírito não pode perceber claramente se as despreza, possuindo-as, elas podem ser abandonadas, para que o espírito se ponha à prova a si mesmo. Mas, para nos privarmos do louvor e com isso fazermos a experiência do que somos capazes, acaso temos de viver de forma tão desonesta, tão infame e cruel, que todos os que nos conhecem nos detestem? Que maior loucura se pode dizer ou pensar? Ora, se o louvor não só costuma mas também deve ser o companheiro da uma vida irrepreensível e das boas obras, não é conveniente abandonar nem a sua companhia nem essa vida irrepreensível. Com efeito, eu não sei se consigo passar bem ou mal sem uma coisa, senão quando me falta.

[315] *Provérbios* 27:21.
[316] *Salmo* 37:9.
[317] *Salmo* 18:13.
[318] *Eclesiástico* 15:20.

61. O que é que, pois, Senhor, neste género de tentação te confesso? O quê, senão que me deleito nos louvores? Mas mais ainda na própria verdade do que nos louvores. Com efeito, se me for proposto se eu prefiro, estando louco e errando em todas as coisas, ser louvado por todos os homens, ou, estando são de espírito e firmíssimo na verdade, ser escarnecido por todos, eu sei o que escolheria. Na verdade, eu não gostaria que a aprovação de qualquer bem meu, por parte de uma boca alheia, aumentasse em mim a satisfação. Mas, confesso, não só a aprovação aumenta a satisfação, como também o vitupério a diminui. E, quando me perturbo com esta minha miséria, insinua-se sorrateiramente em mim a desculpa que tu sabes qual é, ó Deus[319]; pois isso lança-me na incerteza. Uma vez que não só nos ordenaste a continência, a saber, de que coisas devemos afastar o nosso amor, mas também a justiça, a saber, em que é que o devemos colocar, e não apenas quiseste que te amássemos a ti, mas que também amássemos o próximo[320], muitas vezes parece-me que me deleito com o progresso ou a esperança do próximo, quando me deleito no louvor de alguém que faz uma boa apreciação a meu respeito, e, pelo contrário, me entristeço com o seu mal, quando o ouço censurar aquilo que, em mim, ou ignora ou é bom. E, por vezes, também me entristeço com os louvores que me dirigem, quando, ou são louvadas em mim aquelas coisas em que eu próprio me desagrado, ou também são mais apreciados do que deviam sê-lo os bens menores e insignificantes. Mas, mais uma vez, como é que eu sei se me sinto assim porque não quero que quem me louva discorde de mim, a respeito de mim, não por eu ser motivado pelo bem dele, mas por os mesmos bens, que me agradam em mim, me serem mais agradáveis quando agradam também a outro? Efectivamente, de certo modo, não sou louvado, quando não é louvado o juízo que de mim faço, visto que, ou são louvadas as coisas que me desagradam, ou são louvadas mais as coisas que menos me agradam. Não estou, portanto, incerto de mim mesmo?

[319] *Salmo* 68:6.
[320] *Mateus* 22:37, 39; *Marcos* 12:30-31; *Lucas* 10:27.

62. Em ti, ó Verdade, eu vejo que não me devo deixar levar pelos louvores por causa de mim, mas por causa do bem do próximo. E não sei se sou assim. Neste aspecto, eu próprio conheço-me menos a mim do que a ti. Peço-te, ó meu Deus, e faz-me conhecer a mim mesmo aquilo que eu encontrar em mim ferido, para que o possa confessar aos meus irmãos, que hão-de orar por mim. Interrogar-me-ei de novo com mais diligência. Se sou levado, nos louvores que me dirigem, pelo bem do próximo, porque é que me impressiono menos, se alguém é vituperado injustamente, do que quando sou eu? Porque é que me morde mais a mim a afronta que é lançada contra mim do que a que, com igual injustiça, é lançada contra outro, diante de mim? Porventura ignoro também isto? Acaso devo concluir que me engano a mim mesmo[321], e que não pratico a verdade[322], diante de ti, no meu coração e na minha língua? Afasta para longe de mim, Senhor, essa loucura[323], para que a minha boca não seja para mim o óleo do pecador a ungir a minha cabeça[324].

*[A vanglória é uma ameaça para a virtude]*

XXXVIII. 63. *Sou necessitado e pobre*[325], e sou melhor quando me desagrado a mim mesmo, em oculto pranto, e procuro a tua misericórdia, enquanto a minha indigência não for reparada e aperfeiçoada até à paz que ignoram os olhos do arrogante. As palavras, porém, que saem da boca, e as obras que se tornam conhecidas aos homens encerram uma tentação muitíssimo perigosa, por causa do desejo de ser louvado, o qual concentra os votos que mendiga numa espécie de enaltecimento pessoal: tenta-me, e quando por mim, em mim, é denunciada, pelo mesmo facto de ser denunciada e, muitas vezes, pelo mesmo desprezo

[321] *Gálatas* 6:3.
[322] *João* 3:21; 1 *João* 1:6.
[323] *Provérbios* 30:8.
[324] *Salmo* 140:5.
[325] *Salmo* 108:22.

da vanglória, gloria-se vãmente, e, por isso, já se não gloria do próprio desprezo da glória: com efeito, não a despreza, quando se gloria.

*[Força e natureza do amor próprio]*

XXXIX. 64. Também dentro, dentro de nós, existe, no mesmo género de tentação, outro mal que torna vãos aqueles que se comprazem em si e a si mesmos agradam, ainda que não agradem aos outros, ou lhes desagradem, e nem procurem agradar-lhes. Mas, agradando a si mesmos, desagradam-te muito a ti, não só quando se gloriam de coisas não boas como se fossem boas, mas também dos teus bens como se fossem seus, ou até como se fossem teus, mas obtidos por méritos seus, ou ainda como se fossem obtidos pela tua graça, todavia não a partilhando com outros, mas privando-os dela. Em tudo isto e nos perigos e trabalhos deste género, tu vês o tremor do meu coração, e sinto que é mais frequente tu curares as minhas feridas do que eu não as infligir a mim mesmo.

*[A procura de Deus dentro e fora de si mesmo]*

XL. 65. Onde é que tu, ó Verdade, não caminhaste comigo, ensinando-me o que devo evitar e o que devo desejar, quando te manifestava as minhas baixezas, as que pude, e te consultava? Percorri o mundo exterior com o sentido que pude e, a partir de mim, observei a vida do meu corpo e os meus próprios sentidos. Daí entrei nos recônditos da minha memória, múltiplas amplidões maravilhosamente cheias de inumeráveis riquezas, e examinei-as atentamente, e fiquei assustado[326], e nenhuma delas pude discernir sem ti, e descobri que tu não eras nenhuma delas. Nem eu mesmo sou o seu inventor, eu que as percorri todas e me esforcei por distinguir e avaliar cada uma delas, segundo o seu valor, colhendo umas dos sentidos que mas davam a conhecer e interrogando-as, sentindo outras confundidas comigo, e distinguindo e enumerando os sentidos que mas transmitem e, já nas largas riquezas

[326] *Habacuc* 3:2.

da memória, manejando umas, ocultando outras, desvendando outras: e, quando isto fazia, não era eu mesmo, ou melhor, eu não era a força com que o fazia, nem ela mesma eras tu, porque tu és a luz[327] permanente a quem eu consultava, acerca de todas as coisas, 'se eram', 'o que eram' e 'em quanto se deviam avaliar': e ouvia-te quando me ensinavas e me davas as tuas ordens. E faço muitas vezes isto; isto deleita-me; e, sempre que posso desligar-me das minhas actividades obrigatórias, refugio-me neste prazer. E em nenhuma destas coisas, que percorro consultando-te, encontro um lugar seguro para a minha alma senão em ti, em quem se possam reunir todas as minhas dispersões, e nada de mim se afaste de ti. E, por vezes, fazes-me entrar num afecto deveras invulgar, numa não sei que doçura interior, a qual, se em mim alcançar a plenitude, não sei o que será, porque esta vida não será. Mas com o peso das minhas misérias volto a cair nestas coisas e sou absorvido pelas coisas do dia-a-dia, e fico preso nelas e choro muito, mas estou muito preso. Tão grande é o preço do fardo da habituação! Posso estar aqui e não quero, quero estar ali e não posso. Sou infeliz em qualquer dos lados.

*[A tríplice concupiscência]*

XLI. 66. Por isso considerei as fraquezas dos meus pecados na tríplice concupiscência[328] e invoquei a tua dextra para minha salvação[329]. Com efeito, com o coração ferido, vi o teu esplendor e, repelido, disse: 'Quem pode chegar ali?' *Fui atirado para longe dos teus olhos*[330]. Tu és a Verdade[331] que preside a todas as coisas. Mas eu, pela minha avareza, não te quis perder, mas contigo quis possuir a mentira, da mesma maneira que ninguém quer dizer uma mentira de modo que ele próprio

[327] *João* 1:9; 8:12; 9:5; 12:46; 1 *João* 1:5.
[328] A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida (cf. 1 *João* 2:16).
[329] *Salmo* 59:7; 102:3; 107:7; *Mateus* 4:23.
[330] *Salmo* 30:23.
[331] *João* 14:6.

não saiba o que é verdade. E assim, perdi-te, porque tu não admites ser possuído juntamente com a mentira.

*[Os falsos mediadores]*

XLII. 67. Quem é que eu encontraria que me reconciliasse contigo? Deveria eu recorrer aos anjos? Com que prece? Com que ritos? Muitos, esforçando-se por voltar a ti e não o podendo por si próprios, tentaram, segundo ouço dizer, ir por aí, e caíram no desejo de visões temerárias e mereceram ser vítimas de ilusões. Ensoberbecendo-se, procuravam-te com a arrogância do saber, exibindo-se em vez de baterem no peito, e atraíram a si, por semelhança do seu coração, as companheiras e cúmplices da sua soberba, as potestades deste ar[332], pelas quais seriam enganados com poderes mágicos, ao procurarem um mediador pelo qual se haviam de purificar, e ele não existia. Na verdade era o diabo transfigurando-se em anjo da luz[333]. E pelo facto de este não possuir um corpo de carne, seduziu fortemente a carne orgulhosa. Com efeito, eles eram mortais e pecadores, mas tu, Senhor, com quem procuravam soberbamente reconciliar-se, és imortal e sem pecado. No entanto, era necessário que o mediador entre Deus e os homens[334] possuísse algo de semelhante a Deus, algo de semelhante aos homens, para que, sendo em tudo semelhante aos homens, não estivesse longe de Deus, ou, sendo em tudo semelhante a Deus, não estivesse longe dos homens, não sendo, deste modo, mediador. Por isso, aquele falso mediador por quem, de acordo com os teus secretos juízos, a soberba merece ser enganada, possui uma coisa comum aos homens, isto é, o pecado, outra quer parecer tê-la em comum com Deus, para que se apresente como imortal, pelo facto de não estar revestido da carne mortal. Mas, porque o salário do pecado é a morte[335], ele tem o pecado em comum

[332] *Efésios* 2:2.
[333] 2 *Coríntios* 11:14.
[334] 1 *Timóteo* 2:5.
[335] *Romanos* 6:23.

com os outros homens, donde resulta ser condenado juntamente com eles à morte.

*[Cristo, verdadeiro mediador]*

XLIII. 68. Mas o verdadeiro mediador que, pela tua secreta misericórdia, revelaste aos humildes e enviaste, para que, com o seu exemplo, aprendessem também a mesma humildade, ele, mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus[336], manifestou-se entre os mortais pecadores e o imortal justo, mortal em comum com os homens, justo em comum com Deus, a fim de que – em virtude de a recompensa da justiça ser a vida e a paz[337] – pela justiça unida a Deus, aniquilasse a morte[338] dos pecadores justificados[339], a qual quis ter em comum com eles. Este mediador foi revelado aos antigos santos, para que eles próprios fossem salvos[340] pela fé na sua futura paixão, tal como nós pela fé na sua paixão já passada. De facto, na medida em que é homem, nessa mesma medida é mediador, mas, enquanto Verbo, não está no meio, porque é igual a Deus[341] e Deus junto de Deus[342], e, ao mesmo tempo, um único Deus.

69. Como nos amaste, ó Pai bondoso, que não poupaste o teu único Filho, mas o entregaste por nós, pecadores[343]! Como nos amaste a nós, a favor dos quais ele, não considerando rapina ser igual a ti, se fez obediente até à morte de cruz[344], sendo ele o único livre entre os mortos[345], e tendo o poder de entregar a sua vida, e o poder de a tomar nova-

[336] 1 *Timóteo* 2:5.
[337] *Romanos* 8:6.
[338] 2 *Timóteo* 1:10.
[339] *Provérbios* 17:15; *Romanos* 4:5.
[340] 1 *Timóteo* 2:4.
[341] *Filipenses* 2:6.
[342] *João* 1:1.
[343] *Romanos* 5:6; 8:32.
[344] *Filipenses* 2:6, 8.
[345] *Salmo* 87:6.

mente[346], por nós, diante de ti, vencedor e vítima, e vencedor porque vítima, por nós, diante de ti, sacerdote e sacrifício, e sacerdote porque sacrifício, fazendo de nós, diante de ti, de servos, filhos[347], nascendo de ti e servindo-nos. Com razão, está nele a minha firme esperança de que curarás todas as minhas enfermidades[348], por intermédio daquele que está sentado à tua direita[349] e intercede por nós[350]: de outro modo, eu desesperaria. Muitas e grandes são essas enfermidades, são muitas e grandes; mas maior é a tua medicina. Poderíamos pensar que o teu Verbo estava longe de se unir ao homem, e poderíamos desesperar de nós, se não se tivesse feito carne e não tivesse habitado entre nós[351].

70. Aterrorizado com os meus pecados e com o peso da minha miséria, tinha considerado e meditado no meu coração fugir para a solidão, mas tu proibiste-me e encorajaste-me, dizendo: *Cristo morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que morreu por eles*[352]. Eis, Senhor, que eu lanço em ti a minha inquietação[353], a fim de que viva, e considerarei as maravilhas da tua Lei[354]. Tu conheces[355] a minha incapacidade e a minha fragilidade[356]: ensina-me[357] e cura-me[358]. O teu Unigénito, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência[359], redimiu-me com

[346] *João* 10:18.
[347] *Gálatas* 4:7.
[348] *Salmo* 102:3; *Mateus* 4:23.
[349] *Salmo* 109:5.
[350] *Romanos* 8:34.
[351] *João* 1:14.
[352] 2 *Coríntios* 5:15.
[353] *Salmo* 54:23.
[354] *Salmo* 118:17-18.
[355] *Tobias* 3:16; 8:9; *Salmo* 68:6; *João* 21:15-16.
[356] *Salmo* 68:6.
[357] *Salmo* 142:10.
[358] *Salmo* 6:3.
[359] *Colossenses* 2:3.

o seu sangue[360]. Não me caluniem os soberbos[361], porque penso no preço da minha redenção[362], e como, e bebo[363], e distribuo, e, pobre, desejo saciar-me[364] dele entre aqueles que dele se alimentam e saciam: e louvam o Senhor aqueles que o procuram[365].

[360] *Apocalipse* 5:9.
[361] *Salmo* 118:22.
[362] *Salmo* 61:5.
[363] *João* 6:55, 57; 1 *Coríntios* 10:31; 11:29.
[364] *Lucas* 16:21.
[365] *Salmo* 21:27.

# Livro XI

*[Porque confessamos a Deus, se ele tudo sabe?]*

I. 1. Porventura, Senhor, sendo tua a eternidade, ignoras o que te digo ou vês a cada momento o que se passa no tempo? Por que motivo é que, então, eu faço para ti a narração de todas estas coisas? Não é, decerto, para que as conheças por mim, mas apenas desperto o meu afecto para contigo, bem como o daqueles que lêem estas páginas, a fim de que todos possamos dizer: *O Senhor é grande e digno de todo o louvor*[366]. Já o disse e voltarei a dizê-lo: é por amor do teu amor que o faço. Com efeito, por um lado nós oramos, não obstante, por outro lado a Verdade[367] diz-nos: *O vosso Pai conhece aquilo de que necessitais, antes mesmo de lho pedirdes*[368]. Por isso, manifestámos o nosso afecto para contigo, confessando-te as nossas misérias e proclamando as tuas misericórdias para connosco[369], para que concluas a obra da nossa libertação, já que a começaste, para que deixemos de ser infelizes em nós e sejamos felizes em ti, porque nos chamaste para sermos pobres de espírito, e mansos, e pessoas que choram, e têm fome e sede de justiça, e misericordiosos, e puros de coração, e obreiros da paz[370]. Já te narrei muitas coisas, conforme pude e quis, uma vez que foste tu o primeiro a querer que as confessasse a ti, que és o Senhor meu Deus, *porque és bom, porque a* tua *misericórdia é eterna*[371].

[366] *Salmo* 47:2; 95:4; 144:3.
[367] *João* 14:6.
[368] *Mateus* 6:8.
[369] *Salmo* 32:22.
[370] *Mateus* 5:3-9.
[371] *Salmo* 117:1.

*[Agostinho pede a Deus a compreensão das Escrituras]*

II. 2. Quando serei eu capaz de enumerar, com a voz da minha escrita[372], todas as tuas exortações, e todos os teus terrores, e as consolações, e as orientações com que me levaste a pregar a palavra e a dispensar o teu mistério ao teu povo? Mesmo que fosse capaz de enumerar tudo isso por ordem, preciosas me são as gotas do tempo. E há muito que desejo ardentemente meditar na tua Lei[373], e nela confessar-te a minha ciência e a minha ignorância, os primeiros vislumbres da tua iluminação e os vestígios das minhas trevas[374], até que a fraqueza seja devorada pela fortaleza. E não quero que se percam em outra coisa as horas que me ficam livres das necessidades do alimento do corpo, e da aplicação do espírito, e do serviço que devemos aos homens, e que não devemos, e todavia, lhes prestamos.

3. Senhor meu Deus, escuta a minha oração[375] e que a tua misericórdia atenda o meu desejo[376], porque não é em meu benefício somente que ele se inflama, mas pretende ser útil ao amor fraterno: e tu vês no meu coração que assim é. Ofereça-te eu em sacrifício o serviço do meu pensamento e da minha língua, e dá-me tu aquilo que hei-de oferecer-te[377]. Pois e*u sou pobre e necessitado*[378], tu rico para com todos os que te invocam[379] e, embora isento de cuidados, tomas-nos a teu cuidado. Suprime dos meus lábios[380], dentro e fora de mim, toda a temeridade e toda a mentira. Que as tuas Escrituras sejam para mim castas delícias, que eu não me engane nelas, nem com elas engane os outros.

[372] *Salmo* 44:2.
[373] *Salmo* 1:2.
[374] *Salmo* 17:29.
[375] *Salmo* 60:2.
[376] *Salmo* 9B:38 (10A:17).
[377] *Salmo* 65:15.
[378] *Salmo* 85:1.
[379] *Romanos* 10:12.
[380] *Êxodo* 6:12.

Senhor, escuta-me[381], e tem compaixão de mim, Senhor[382] meu Deus, luz dos cegos e força dos fracos e, ao mesmo tempo, luz dos que vêem e força dos fortes, escuta a minha alma, e ouve-a clamando do fundo do abismo[383]. Pois se os teus ouvidos não estiverem também presentes no abismo, para onde iremos[384]? Para onde dirigiremos o nosso clamor? *Teu é o dia e tua é a noite*[385]: a um aceno teu, os instantes voam. Concede-nos, então, tempo para meditarmos nos segredos da tua Lei e não a feches aos que batem à sua porta[386]. Nem em vão quiseste que se escrevessem os mistérios obscuros de tantas páginas, ou esses bosques não têm os seus veados que neles se abrigam e recompõem, passeiam e se apascentam, se deitam e ruminam. Ó Senhor, aperfeiçoa-me[387] e revela-me esses bosques. A tua voz é a minha alegria, a tua voz[388] suplanta a afluência de prazeres. Dá-me o que amo: pois eu amo, e isso foste tu que mo deste. Não abandones os teus dons, nem desprezes esta tua erva sequiosa. Que eu te confesse tudo o que encontrar nos teus Livros, e *ouça a voz do teu louvor*[389], e possa inebriar-me de ti e sondar as *maravilhas da tua Lei*[390], desde o princípio, em que fizeste o céu e a terra[391], até ao reino[392], contigo perpétuo, da tua Cidade Santa[393].

4. Senhor, tem compaixão de mim e atende[394] o meu desejo[395]. Estou em crer que não é um desejo da terra, nem de ouro e prata e pedras

[381] *Jeremias* 18:19.
[382] *Salmo* 26:7; 85:3.
[383] *Salmo* 129:1-2.
[384] *Salmo* 138:7.
[385] *Salmo* 73:16.
[386] *Mateus* 7:7-8; *Lucas* 11:9-10.
[387] *Salmo* 16:5.
[388] *Salmo* 28:9.
[389] *Salmo* 25:7.
[390] *Salmo* 118:18.
[391] *Génesis* 1:1.
[392] *Apocalipse* 5:10.
[393] *Apocalipse* 21:2, 10.
[394] *Salmo* 26:7.
[395] *Salmo* 9B:38 (10A:17).

preciosas, ou de vestes luxuosas, ou de honras e poderes, ou de prazeres da carne nem de coisas necessárias ao corpo e a esta nossa vida de peregrinação: todas estas coisas nos são dadas por acréscimo, a nós que buscamos o teu reino e a tua justiça[396]. Vê[397], meu Deus, donde vem o meu desejo. *Os ímpios deram-me a conhecer as suas alegrias, mas não se comparam às da tua Lei, Senhor*[398]. Eis donde vem o meu desejo. Vê[399], ó Pai, olha, e vê, e aprova, e seja tido por bem, na presença da tua misericórdia[400], que eu encontre graça diante de ti, para que me seja franqueado o âmago das tuas palavras, quando eu lhes bater à porta[401]. Isto te imploro por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, *o homem que está à tua direita, Filho do Homem, que estabeleceste*[402] como mediador entre ti e nós[403], por quem nos buscaste quando te não buscávamos[404] e nos procuraste para que te procurássemos, teu Verbo por quem fizeste todas as coisas[405], entre as quais também a mim, teu Único, por quem chamaste à adopção o povo dos crentes[406], no qual também a mim: por ele te rogo, por ele que está sentado à tua direita e intercede por nós[407], *no qual se encontram escondidos todos os tesouros de sabedoria e de ciência*[408]. É a estes mesmos que eu procuro nos teus Livros. A respeito dele escreveu Moisés: é ele mesmo que o diz[409], é a própria Verdade[410] que o diz.

396 *Mateus* 6:33.
397 *Lamentações* 1:9; *Salmo* 9:14; 58:6.
398 *Salmo* 118:85.
399 *Lamentações* 1:9; *Salmo* 9:14; 58:6.
400 *Salmo* 18:15; *Daniel* 3:40
401 *Mateus* 7:7-8; *Lucas* 11:9-10.
402 *Salmo* 79:18.
403 1 *Timóteo* 2:5.
404 *Isaías* 65:1; *Romanos* 10:20.
405 *João* 1:1, 3.
406 *Gálatas* 4:5.
407 *Romanos* 8:34.
408 *Colossenses* 2:3.
409 *João* 5:46.
410 *João* 14:6.

*[O que Moisés escreveu sobre a criação do céu e da terra não se pode entender se Deus o não conceder]*

III. 5. Faz com que eu ouça e compreenda como no princípio fizeste o céu e a terra[411]. Isto escreveu Moisés, escreveu e partiu deste mundo, passou daqui de junto de ti para junto de ti, e agora já não está diante de mim. Pois se estivesse, detê-lo-ia, e pedir-lhe-ia, e suplicar-lhe-ia por teu intermédio que me aclarasse o sentido das suas palavras, e abriria os ouvidos do meu corpo aos sons que surgissem da sua boca, e se Moisés falasse em língua hebraica em vão bateria à porta[412] dos meus ouvidos, já que nenhuma ideia chegaria à minha mente[413]; se, porém, falasse em Latim, compreenderia o que ele me dissesse. Mas como saberia eu se ele estava a dizer a verdade? E mesmo que o soubesse, acaso o saberia a partir dele? A verdade, que não é hebraica, nem grega, nem latina, nem bárbara, por certo me diria no meu íntimo, na morada do meu pensamento, sem os órgãos da boca e da língua e sem o ruído das sílabas: Ele diz a verdade, e eu, determinado e cheio de confiança, diria de imediato àquele teu servo: Tu dizes a verdade. Dado que eu não lhe posso perguntar, pergunto-te a ti, na plenitude do qual ele disse a verdade, peço-te, ó Verdade[414], peço-te, meu Deus, perdoa os meus pecados[415], e tu que concedeste àquele teu servo dizer estas palavras, concede-me também a mim que as compreenda[416].

*[A criatura clama por Deus, seu criador]*

IV. 6. Existem, pois, o céu e a terra e proclamam que foram feitos; pois estão sujeitos a mudanças e a alterações. Mas, tudo aquilo que não foi feito e todavia existe, não tem nenhuma coisa que não tivesse antes: essa coisa é o ser mudado e alterado. Proclamam também que não se

[411] *Génesis* 1:1.
[412] *Mateus* 7:7-8; *Lucas* 11:9-10.
[413] A língua hebraica não era conhecida por Santo Agostinho.
[414] *João* 14:6.
[415] *Job* 14:16.
[416] *Salmo* 118:34, 73, 144.

fizeram a si próprios: 'Existimos precisamente porque fomos feitos; portanto, não existíamos antes de existir, de maneira a que pudéssemos fazer-nos a nós próprios'. E a voz deles que assim falam é a própria evidência. Portanto tu, Senhor, tu os fizeste, tu que és belo: e eles são belos; tu que és bom: e eles são bons; tu que és: e eles são. Nem são tão belos, nem são tão bons, nem são como tu és, seu criador, e comparados contigo nem são belos, nem são bons, nem são. Sabemos isto, *graças te sejam dadas*[417], e, comparado com o teu conhecimento, o nosso conhecimento é ignorância.

*[O mundo criado do nada]*

V. 7. Mas de que modo fizeste o céu e a terra e qual foi a máquina da tua acção criadora tão grandiosa? Não fizeste como um artífice humano, que modela um corpo a partir de outro corpo, por decisão da sua alma capaz de impor, por qualquer modo que seja, a forma que ela vê, em si mesma, com o seu olhar interior – e como poderia ela ser capaz disto, senão porque tu a fizeste? – e esse artífice impõe uma forma à matéria, que já existia e tinha como ser, por exemplo ao barro, ou à pedra, ou à madeira, ou ao ouro, ou a qualquer outra matéria. E donde proviriam todas estas matérias se tu as não tivesses criado? Tu fizeste um corpo para o artífice, tu fizeste uma alma para que mandasse nos seus membros, tu fizeste a matéria com que ele faz o que quer que seja, tu fizeste o talento com que possa conceber e ver dentro de si o que faz fora de si, tu fizeste os sentidos do corpo, com os quais, sendo eles intérpretes, possa transpor do espírito para a matéria aquilo que faz e comunique ao espírito o que foi feito, de maneira a que ele, no seu íntimo, consulte a verdade, por que se rege, sobre se está bem feito. Todas estas coisas te louvam como criador de todas elas. Mas de que modo é que as fazes? De que modo é que fizeste, ó Deus, o céu e a terra? Por certo nem no céu nem na terra fizeste o céu e a terra, nem no ar ou nas águas, porque também estas pertencem ao céu e à terra, nem no universo fizeste o universo, porque não havia onde fosse feito,

[417] *Lucas* 18:11.

antes de ser feito, para poder existir. Nem tinhas na mão coisa alguma com que pudesses fazer o céu e a terra: e donde te veio aquilo que não fizeras, com que pudesses fazer alguma coisa[418]? De facto, o que é que existe a não ser porque tu existes? Por conseguinte, tu disseste e foram feitos[419] e no teu Verbo os fizeste[420].

*[Como é que Deus disse: Faça-se o mundo?]*

VI. 8. Mas como é que disseste? Não foi, por acaso, do mesmo modo como quando se ouviu a voz, vinda da nuvem, que dizia: *Este é o meu Filho dilecto*[421]? Essa voz soou e passou, começou e findou. Soaram as sílabas e passaram: a segunda após a primeira, a terceira após a segunda, e assim sucessivamente, até que, depois das restantes, soou e passou a última e, depois da última, houve silêncio. Donde ressalta clara e distintamente que a proferiu um movimento de uma criatura, o qual, ainda que temporal, serve a tua eterna vontade. E estas tuas palavras, soando por algum tempo, foram anunciadas pelo ouvido exterior à sabedoria da mente, cujo ouvido interior está aberto ao teu Verbo eterno. E a mente comparou estas palavras, que soaram por algum tempo, com o teu Verbo, eterno no silêncio, e disse: Uma coisa é muito distinta da outra, muito distinta é da outra. É que essas palavras estão muito abaixo de mim e não existem, porque fogem e passam: enquanto o Verbo de Deus permanece eternamente acima de mim[422]. Se, por conseguinte, foi com palavras que soam e passam que disseste que se fizesse o céu e a terra, e assim fizeste o céu e a terra, é porque já havia uma criatura material antes do céu e da terra, mediante cujos movimentos temporais aquela voz se propagasse por algum tempo. Nenhum corpo existia, porém, antes do céu e da terra, ou, se existia, sem dúvida tu o tinhas feito sem recorreres a uma voz transitória, com que

[418] *Génesis* 1:1.
[419] *Salmo* 32:9
[420] *Salmo* 32:6; *João* 1:1, 3.
[421] *Mateus* 3:17; 17:5; *Lucas* 3:22; 9:35.
[422] *Isaías* 40:8.

fizesses a voz transitória, por meio da qual dissesses que se fizesse o céu e a terra. Com efeito, qualquer que fosse a substância com que se fizesse tal voz, não poderia de forma alguma existir se não tivesse sido criada por ti. Portanto, com que palavra foi dito que se fizesse o corpo com que se fizessem essas palavras?

*[O Verbo de Deus é co-eterno com Deus]*

VII. 9. Assim nos chamas, pois, a compreender o Verbo, Deus junto de ti que és Deus[423], o qual sempiternamente é dito e no qual sempiternamente são ditas todas as coisas. Com efeito, não se acaba o que estava a ser dito, e diz-se outra coisa, para que todas as coisas possam ser ditas, mas todas simultânea e sempiternamente: se assim não fosse, já existiria tempo e mudança e não verdadeira eternidade nem verdadeira imortalidade. Isto sei eu, ó meu Deus, e dou-te graças. Sei, confesso-te[424], Senhor, e comigo sabe e te bendiz todo aquele que é não ingrato para com a Verdade infalível. Sabemos, Senhor, sabemos que na medida em que cada coisa não é o que era e passa a ser o que não era, nessa mesma medida morre e nasce. Nada, pois, do teu Verbo, antecede e sucede, porque ele é verdadeiramente imortal e eterno. E, por isso, no Verbo, que é co-eterno contigo, dizes simultânea e sempiternamente todas as coisas que dizes, e faz-se tudo o que dizes que se faça; nem fazes de outro modo que não seja dizendo: e, todavia, não são feitas simultânea e sempiternamente todas as coisas que fazes dizendo.

*[O Verbo de Deus é o princípio que nos ensina toda a verdade]*

VIII. 10. Porquê, peço-te, Senhor meu Deus? De certa maneira eu vejo-o, mas não sei como expressá-lo, a não ser que tudo o que começa a existir e deixa de existir começa e deixa de existir no momento em que, na eterna razão, onde nada começa nem acaba, é conhecido

[423] *João* 1:1.
[424] *Mateus* 11:25-27; *Lucas* 10:21-22.

que devia ter começado ou ter acabado. Isso mesmo é o teu Verbo, que também é o princípio, porque também nos fala[425]. Assim falou no Evangelho, por meio da carne, e isso ressoou exteriormente aos ouvidos dos homens para que fosse acreditado, e procurado interiormente, e encontrado na eterna verdade, onde o bom e único Mestre[426] ensina todos os seus discípulos. Aí ouço a tua voz, Senhor, a voz de quem me diz que nos fala aquele que nos ensina, enquanto quem não nos ensina, ainda que nos fale, não nos fala. De resto, quem nos ensina senão a verdade inalterável? Porque, quando somos orientados, mesmo por uma criatura mutável, somos levados à verdade inalterável, onde verdadeiramente aprendemos, quando firmemente estamos e o ouvimos e enchemo-nos de alegria por causa da voz do esposo[427], devolvendo-nos a nós mesmos ao lugar donde somos. Ele é, pois, o princípio, visto que, se não permanecesse estável, não teríamos para onde voltar, quando andássemos errantes. Quando, porém, voltamos do error, voltamos, por certo, porque conhecemos; e para conhecermos, ele ensina-nos, porque é o princípio e nos fala[428].

*[Como o Verbo de Deus fala ao coração]*

IX. 11. Neste princípio fizeste, ó Deus, o céu e a terra[429], no teu Verbo, no teu Filho, na tua virtude, na tua sabedoria[430], na tua verdade, de modo admirável dizendo, e de modo admirável fazendo. Quem o poderá compreender? Quem o poderá explicar? Que isso que brilha em mim e trespassa o meu coração, sem o ferir? E tanto estremeço como me inflamo: estremeço, na medida em que sou diferente disso; inflamo-me, na medida em que sou semelhante a isso. A sabedoria, é a própria sabedoria, que brilha em mim, rasgando a minha nuvem, que

[425] *João* 8:25.
[426] *Mateus* 19:16; 23:8.
[427] *João* 3:29.
[428] *João* 8:25.
[429] *Génesis* 1:1.
[430] 1 *Coríntios* 1:24.

de novo me cobre, quando dela me afasto, por causa da escuridão e do acervo das minhas penas, porque as minhas forças debilitaram-se de tal modo na indigência[431] que não sou capaz de suportar o meu próprio bem, até que tu, Senhor, que te tornaste indulgente para com todas as minhas iniquidades, cures também todas as minhas fraquezas, porque não só resgatarás a minha vida da corrupção, mas também me hás-de coroar na tua compaixão e misericórdia, e saciarás de bem o meu desejo, visto que a minha juventude será renovada como a da águia[432]. *Na esperança fomos salvos* e *na paciência aguardamos* o cumprimento das tuas promessas[433]. Quem puder, ouça-te, falando no seu íntimo; eu clamarei, cheio de confiança com as palavras do teu oráculo: *Como são magníficas as tuas obras, Senhor, todas as fizeste na tua sabedoria*[434]! E esta é o princípio, e neste princípio fizeste o céu e a terra[435].

*[Os que contra-argumentam: Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?]*

X. 12. Não é verdade que estão cheios do homem velho[436] aqueles que nos dizem: 'Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra[437]? Se estava ocioso, dizem eles, e nada fazia, porque é que não esteve sempre assim também daí em diante, da mesma forma que antes se absteve sempre de agir[438]? Na verdade, se existiu em Deus algum movimento novo e uma nova vontade de criar um ser, que antes nunca fora criado, como é que há uma verdadeira eternidade, quando nasce uma vontade que antes não existia? Pois, a vontade de Deus não é uma criatura, mas existe antes da criatura, porque nada seria criado, se a vontade do Cri-

[431] *Salmo* 30:11.
[432] *Salmo* 102:3-5.
[433] *Romanos* 8:24-25.
[434] *Salmo* 103:24.
[435] *Génesis* 1:1.
[436] *Romanos* 6:6; *Efésios* 4:22; *Colossenses* 3:9; cf. Agostinho, *Sermão* 267. 2: *carnalitas uetustas est*.
[437] *Génesis* 1 :1.
[438] *Génesis* 2 :3.

ador não precedesse. Logo, a vontade de Deus pertence à sua própria substância. Ora, se na substância de Deus nasceu alguma coisa que antes não existia, não se diz, com verdade, que tal substância é eterna; mas se a vontade sempiterna de Deus era que existisse a criatura, por que razão também a criatura não é sempiterna?'

*[Resposta: a eternidade de Deus não conhece tempo]*

XI. 13. Aqueles que isto dizem ainda não te compreendem, ó sabedoria de Deus[439], ó luz das mentes, ainda não compreendem como são feitas as coisas que por meio de ti e em ti são feitas, e esforçam-se por saborear as realidades eternas, mas o seu coração esvoaça ainda nos movimentos passados e futuros das coisas, continuando vazio[440]. Quem poderá detê-lo e fixá-lo, a fim de que ele pare e por um momento capte o esplendor da eternidade sempre fixa, e a compare com os tempos nunca fixos, e veja que ela é incomparável, e veja que um longo tempo não é longo senão a partir de muitos momentos que passam e não podem alongar-se simultaneamente; veja, pelo contrário, que, no que é eterno, nada é passado, mas tudo é presente, enquanto nenhum tempo é todo ele presente: e veja que todo o passado é obrigado a recuar a partir do futuro, e que todo o futuro se segue a partir de um passado, e que todo o passado e futuro são criados e derivam daquilo que é sempre presente? Quem poderá deter o coração do homem, a ponto de ele parar e ver como a eternidade, que é fixa, nem futura nem passada, determina os tempos futuros e passados? Será que, porventura, a minha mão consegue[441] isto, ou que a mão da minha boca, que se manifesta falando, realiza tão grande intento?

*[Que fez Deus antes da criação do mundo?]*

[439] *Efésios* 3 :10.
[440] *Salmo* 5 :10.
[441] *Génesis* 31 :29.

XII. 14. Eis a minha resposta a quem diz: Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra[442]? Não lhe dou aquela resposta que alguém, segundo se diz, terá dado, iludindo com graça a violência da pergunta: Preparava, disse, a geena para aqueles que perscrutam questões tão profundas. Uma coisa é ver, outra coisa é rir. Esta não é a minha resposta. Preferiria responder: 'Não sei o que não sei', em vez de dar uma resposta que pusesse a ridículo quem formulou questão tão profunda e gabasse quem respondeu erradamente. Mas eu afirmo, ó nosso Deus, que tu és o criador de toda a criatura e, se sob a designação de 'céu e terra' se entende toda a criatura, não hesito em afirmar: 'Antes de Deus fazer o céu e a terra, não fazia coisa alguma'. Com efeito, se fazia alguma coisa, que coisa fazia senão a criatura? E oxalá assim eu possa saber tudo aquilo que, utilmente, desejo saber, tal como sei que não estava criada nenhuma criatura antes de ser criada alguma criatura.

*[Antes dos tempos criados por Deus, não havia tempo]*

XIII. 15. Mas se algum sentido volúvel vagueia pelas imagens dos tempos anteriores à criação e se admira de que tu, Deus omnipotente, e criador e sustentáculo de todas as coisas, artífice do céu e da terra, durante inumeráveis séculos te abstiveste de tão grande obra, antes de a fazeres, ele que desperte e repare que se admira de coisas falsas. Com efeito, como podiam ter passado inumeráveis séculos, que tu próprio não tinhas feito, sendo tu o autor e criador de todos os séculos? Ou que tempos teriam existido que não tivessem sido criados por ti? Ou como podiam ter passado se nunca tivessem existido? Sendo tu o obreiro de todos os tempos, se existiu algum tempo antes de fazeres o céu e a terra[443], por que motivo se diz que tu te abstinhas de agir[444]? De facto, tu tinhas feito o próprio tempo, e os tempos não puderam passar, antes de tu fazeres os tempos. Se, no entanto, não existia nenhum tempo

[442] *Génesis* 1 :1.
[443] *Génesis* 1:1.
[444] *Génesis* 2:3.

antes do céu e da terra, por que razão se pergunta o que fazias então? Na realidade, não havia 'então', quando não havia tempo.

16. E tu não precedes os tempos com o tempo: se assim fosse, não precederias todos os tempos. Mas precedes todos os pretéritos com a grandeza da tua eternidade sempre presente, e superas todos os futuros porque eles são futuros, e quando eles chegarem, serão pretéritos; *tu, porém, és o mesmo e os teus anos não têm fim*[445]. Os teus anos não vão nem vêm: os nossos vão e vêm, para que todos venham. Os teus anos existem todos ao mesmo tempo, porque não passam, e os que vão não são excluídos pelos que vêm, porque não passam: enquanto os nossos só existirão todos, quando todos não existirem. Os teus anos são um só dia[446], e o teu dia não é todos os dias, mas um 'hoje', porque o teu dia de hoje não antecede o de amanhã; pois não sucede ao de ontem. O teu hoje é a eternidade: por isso, geraste co-eterno contigo aquele a quem disseste: *Eu hoje te gerei*[447]. Tu fizeste todos os tempos e tu és antes de todos os tempos, e não houve tempo algum em que não havia tempo.

*[As três espécies de tempo: passado, presente, futuro]*

XIV. 17. Não houve, pois, tempo algum em que não tivesses feito alguma coisa, porque tinhas feito o próprio tempo. E nenhuns tempos te são co-eternos, porque tu permaneces o mesmo; ora, se os tempos permanecessem os mesmos, não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem o poderá explicar facilmente e com brevidade? Quem poderá apreendê-lo, mesmo com o pensamento, para proferir uma palavra acerca dele? Que realidade mais familiar e conhecida do que o tempo evocamos na nossa conversação? E quando falamos dele, sem dúvida compreendemos, e também compreendemos, quando ouvimos alguém falar dele. O que é, pois, o tempo? Se ninguém mo pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem mo pergunta, não sei: no

[445] *Salmo* 101:28 ; *Hebreus* 1:12.
[446] *Salmo* 89:4; 2 *Pedro* 3:8.
[447] *Salmo* 2:7; *Actos* 13:33; *Hebreus* 1:5; 5:5.

entanto, digo com segurança que sei que, se nada passasse, não existiria o tempo passado, e, se nada adviesse, não existiria o tempo futuro, e, se nada existisse, não existiria o tempo presente. De que modo existem, pois, esses dois tempos, o passado e o futuro, uma vez que, por um lado, o passado já não existe, por outro, o futuro ainda não existe? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse a passado, já não seria tempo, mas eternidade. Logo, se o presente, para ser tempo, só passa a existir porque se torna passado, como é que dizemos que existe também este, cuja causa de existir é aquela porque não existirá, ou seja, não podemos dizer com verdade que o tempo existe senão porque ele tende para o não existir?

[A medição do tempo]

XV. 18. E, no entanto, dizemos 'tempo longo' e 'tempo breve', mas não o dizemos senão em relação ao passado e ao futuro. Chamamos 'longo' ao tempo passado, quando, por exemplo, ele é cem anos anterior ao presente. De igual modo, chamamos 'longo' ao tempo futuro, quando ele é cem anos posterior ao presente. Por outro lado, chamamos 'breve' ao tempo passado, se, por exemplo, dizemos 'há dez dias', e 'breve' ao tempo futuro, se dizemos 'daqui a dez dias'. Mas como é que é longo ou breve aquilo que não existe? Com efeito, o passado já não existe e o futuro ainda não existe. Não digamos, pois: é longo, mas, em relação ao passado, digamos: foi longo, e em relação ao futuro: será longo. Meu Senhor, minha luz[448], acaso também aqui a tua verdade não escarnecerá do homem? Quanto ao facto de o tempo passado ter sido longo, foi longo quando já era passado ou quando ainda era presente? Com efeito, ele só podia ser longo, quando havia alguma coisa que pudesse ser longa: na verdade, o passado já não existia; e por isso não podia ser longo o que não existia absolutamente. Não digamos, pois: O tempo passado foi longo – pois não encontraremos porque foi longo, uma vez que não existe a partir do momento em que se tornou passado – mas digamos: Foi longo aquele tempo presente, porque era

[448] *Miqueias* 7:8.

longo enquanto era presente. Ainda não tinha passado de maneira a não existir e, por isso, havia alguma coisa que podia ser longa; mas, depois de ter passado, nesse mesmo momento deixou também de ser longo aquilo que deixou de existir.

19. Vejamos, pois, ó alma humana, se o tempo presente pode ser longo: pois te foi dada a capacidade de perceber e medir a sua duração. Que me responderás? Acaso cem anos presentes são um tempo longo? Considera, primeiro, se cem anos podem estar presentes. Se, com efeito, está a decorrer o primeiro desses anos, esse mesmo está presente e os outros noventa e nove estão para vir e, por isso, não existem: mas, se decorre o segundo ano, um já passou, outro está presente, e os restantes estão para vir. E assim, qualquer que seja o ano intermédio destes cem anos que tomemos como presente, os que estão antes dele terão passado, os depois dele estarão para vir. Por conseguinte, cem anos não poderão estar presentes. Considera, pelo menos, se o ano que decorre é o único que está presente. Com efeito, se é o primeiro mês que decorre, os outros estão para vir; se é o segundo, por um lado, o primeiro já passou, por outro, os restantes ainda não existem. Por conseguinte, nem o ano que decorre está todo ele presente e, se não está todo presente, não está o ano presente. Doze meses são um ano, dos quais qualquer mês que decorra, esse mesmo está presente, os restantes ou passaram ou estão para vir. Admitamos que nem sequer o mês que decorre está presente, mas somente um dia: se for o primeiro, os outros hão-de vir; se for o último, os outros terão passado; se for qualquer dia intermédio, esse está entre os que passaram e os que hão-de vir.

20. Eis que o tempo presente, o único que considerávamos susceptível de ser chamado longo, foi reduzido ao espaço de apenas um dia. Mas examinemo-lo também a ele, porque nem sequer um dia está todo ele presente. Este compõe-se de vinte e quatro horas, umas nocturnas e outras diurnas, a primeira das quais tem as outras como futuras e a última tem as outras como passadas, ao passo que qualquer das intermédias tem como passadas as que estão antes dela, e como futuras as

que estão depois dela. E até essa mesma única hora decorre em instantes fugazes: tudo o que dela escapou é passado; tudo o que dela resta é futuro. Se se puder conceber algum tempo que não seja susceptível de ser subdividido em nenhuma fracção de tempo, ainda que a mais minúscula, esse é o único a que se pode chamar presente; mas este voa tão rapidamente do futuro para o passado que não se estende por nenhuma duração. Na verdade, se se estende, divide-se em passado e futuro: mas o presente não tem extensão alguma. Quando é, então, o tempo a que podemos chamar longo? Será o futuro? Na verdade não dizemos: é longo, porque ainda não existe o que possa ser longo, mas dizemos: será longo. Então, quando será? Se, com efeito, também nesse instante ainda há-de vir, não será longo, porque ainda não existirá aquilo que possa ser longo: se, porém, for longo no instante em que, de futuro, que ainda não é, começar já a ser e a tornar-se presente, a ponto de poder existir aquilo que pode ser longo, já, como antes ficou dito, o tempo presente proclama que não pode ser longo.

*[Que tempo se pode medir e qual não?]*

XVI. 21. E, contudo, Senhor, apercebemo-nos dos intervalos dos tempos, e comparamo-los entre si, e dizemos que uns são mais longos e outros mais breves. Medimos também quanto um tempo é mais longo ou mais breve do que outro, e afirmamos que este é o dobro ou o triplo, e aquele a unidade, ou que um é tanto como outro. Mas medimos os tempos que passam, quando, sentindo-os, os medimos; no entanto, quem pode medir os tempos passados, que já não existem, ou os futuros, que ainda não existem, a não ser que alguém ouse talvez dizer que se pode medir o que não existe. Quando, pois, o tempo está a passar, pode sentir-se e medir-se, quando, porém, tiver passado, não pode, porque não existe.

*[Donde procede o passado e o futuro?]*

XVII. 22. Pergunto, ó Pai, não afirmo: meu Deus, assiste-me e guia-me[449]. Quem há que possa dizer-me que não há três tempos, o passado, o presente e o futuro, tal como aprendemos quando éramos crianças, e ensinamos às crianças, mas apenas o presente, já que os outros dois não existem? Ou será que também existem, mas o presente procede de alguma coisa oculta, quando de futuro se torna presente, e o passado se afasta para alguma coisa oculta, quando de presente se torna passado? Onde é que aqueles que vaticinaram coisas futuras as viram, se elas ainda não existem? Não se pode ver o que não existe, e aqueles que narram coisas passadas não narrariam coisas realmente verdadeiras, se as não tivessem visto claramente no seu espírito: se tais coisas não existissem, de nenhuma forma poderiam ser vistas. Existem, pois, tanto coisas futuras como passadas.

*[Como é que o passado e o futuro estão presentes?]*

XVIII. 23. Permite-me, Senhor, ir mais longe na minha procura, ó minha esperança[450]; e não se distraia a minha atenção. Se existem coisas futuras e passadas, quero saber onde estão. Mas se isso ainda não me é possível, sei, todavia, que onde quer que estejam, aí não são futuras nem passadas, mas presentes. Na verdade, se também aí são futuras, ainda lá não estão, e se também aí são passadas, já lá não estão. Por conseguinte, onde quer que estejam e quaisquer que sejam, não existem senão como presentes. Ainda que se narrem, como verdadeiras, coisas passadas, o que se vai buscar à memória não são as próprias coisas que já passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens de tais coisas, que, ao passarem pelos sentidos, gravaram na alma como que uma espécie de pegadas. Até a minha infância, que já não existe, existe no tempo passado, que já não existe; mas vejo a sua imagem no tempo

[449] *Salmo* 22:1; 27:9.
[450] *Salmo* 70:5.

presente, quando a evoco e descrevo, porque ainda está na minha memória. Se té semelhante a explicação também da predição do futuro, de tal forma que sejam tornadas presentes, como já existentes, as imagens das coisas que ainda não existem, confesso-te, meu Deus, que não sei. Há uma coisa que eu sei: a maior parte das vezes, nós premeditamos as nossas acções futuras e essa premeditação é presente, ao passo que a acção que premeditamos ainda não existe, porque é futura; quando a empreendermos e começarmos a realizar aquilo que premeditávamos, então essa acção existirá, porque então já não será futura, mas presente.

24. Assim, qualquer que seja a natureza deste misterioso pressentimento do futuro, não se pode ver senão o que existe. Ora, o que já existe não é futuro, mas presente. Por isso, quando se diz que se vêem coisas futuras, não se vêem essas mesmas coisas, que ainda não existem, ou seja, que hão-de existir, mas sim as suas causas ou, talvez, os seus sinais; estes já existem: por isso, não são futuros, mas já presentes para os que os vêem, e, a partir deles, são preditas as coisas futuras concebidas no espírito. As imagens dessas coisas, por sua vez, já existem, e vêem-nas como presentes, dentro de si, aqueles que predizem tais coisas. Ofereça-me um exemplo a imensa variedade das coisas. Contemplo a aurora: preanuncio que o sol vai nascer. O que vejo é presente, o que preanuncio é futuro: não é o sol, que já existe, que é futuro, mas sim o seu nascimento, que ainda não existe: todavia, mesmo o próprio nascimento, se não o imaginasse no meu espírito, como agora quando estou a falar dele, não o poderia predizer. Mas aquela aurora que vejo no céu não é o nascimento do sol, embora o preceda, nem aquela imagem que está no meu espírito: ambas são vistas claramente como presentes, a ponto de se poder dizer antecipadamente aquele futuro. Portanto, as coisas futuras ainda não existem e, se ainda não existem, não existem, e, se não existem, não podem ser vistas de forma alguma; mas podem ser preditas a partir das coisas presentes, que já existem e se vêem.

*[Como é que Deus revela coisas futuras?]*

XIX. 25. Diz-me, pois, tu que reinas sobre a tua criação, qual é o modo como ensinas às almas as coisas que hão-de vir? Pois ensinaste os teus Profetas. Qual é o modo pelo qual ensinas as coisas futuras, tu, para quem nada é futuro? Ou melhor, ensinas coisas presentes a respeito do futuro? Com efeito, o que não existe sem dúvida alguma também não pode ser ensinado. Esse modo está muito longe do alcance da minha visão; ultrapassa as minhas forças: só por mim não poderei atingi-lo[451]; poderei, no entanto, com a tua ajuda, quando tu mo concederes, ó doce luz[452] dos meus olhos[453] ocultos.

*[Como designar as três espécies de tempo?]*

XX. 26. Uma coisa é agora clara e transparente: não existem coisas futuras nem passadas; nem se pode dizer com propriedade: há três tempos, o passado, o presente e o futuro; mas talvez se pudesse dizer com propriedade: há três tempos, o presente respeitante ao às coisas passadas, o presente respeitante às coisas presentes, o presente respeitante às coisas futuras. Existem na minha alma estas três espécies de tempo e não as vejo em outro lugar: memória presente respeitante às coisas passadas, visão presente respeitante às coisas presentes, expectação presente respeitante às coisas futuras. Se me permitem dizê-lo, vejo e afirmo três tempos, são três. Diga-se também: os tempos são três, passado, presente e futuro, tal como abusivamente se costuma dizer; diga-se. Pela minha parte, eu não me importo, nem me oponho, nem critico, contanto que se entenda o que se diz: que não existe agora aquilo que está para vir nem aquilo que passou. Poucas são as coisas que exprimimos com propriedade, muitas as que referimos sem propriedade, mas entende-se o que queremos dizer.

[451] *Salmo* 138:6.
[452] *Eclesiastes* 11:7.
[453] *Salmo* 37:11.

*[Como é legítimo medir o tempo?]*

XXI. 27. Disse há pouco que medimos os tempos que passam, de maneira a podermos dizer que este espaço de tempo é o dobro relativamente à unidade, ou que este é tanto como aquele, embora seja possível, utilizando a medida, afirmar outra coisa qualquer relativamente às partes do tempo. Por conseguinte, como dizia, medimos os tempos que passam, e se alguém me disser: 'Como é que sabes?', responderei: 'Sei, porque medimos, e não podemos medir o que não existe, e não existem coisas passadas ou futuras'. No que se refere ao tempo presente, como é que o medimos, uma vez que ele não tem extensão? Medimo-lo, portanto, quando passa, mas quando tiver passado, não se mede; pois não haverá nada para ser medido. Mas donde vem ele, por onde e para onde passa, quando se mede? Donde vem senão do futuro? Por onde passa senão pelo presente? Para onde se dirige senão para o passado? Logo, vem daquilo que não existe, passa por aquilo que não tem extensão e dirige-se para aquilo que já não existe. Mas que medimos nós senão tempo em alguma extensão? E nós não dizemos simples, e duplo, e triplo, e igual, e qualquer outra coisa deste modo no tempo, senão por referência a extensões de tempo. Em que extensão de tempo medimos, pois, o tempo que passa? Será no futuro, donde ele vem? Mas não medimos o que ainda não existe. Será no presente, por onde ele passa? Mas não medimos uma extensão que não existe. Será no passado, para onde se dirige? Mas não medimos o que já não existe.

*[Só Deus pode resolver este enigma]*

XXII. 28. O meu espírito anseia por compreender este enigma tão enredado. Não feches, Senhor meu Deus, Pai de bondade, por Cristo te peço, não feches ao meu desejo estas coisas, a um tempo comuns e misteriosas, e não impeças que ele nelas penetre e elas se tornem claras mediante a luz da tua misericórdia, Senhor. Quem consultarei a esse respeito? E a quem confessarei com mais fruto a minha ignorância senão a ti, para quem não são molestos os meus desejos ardentemente

inflamados nas tuas Escrituras? Dá-me o que amo: pois eu amo, e isso foste tu que mo deste. Dá-mo, ó Pai, tu que verdadeiramente sabes dar dádivas valiosas aos teus filhos[454], dá, já que deliberei conhecer essas coisas e diante de mim está uma tarefa difícil[455], até que tu mas abras[456]. Peço-te, por Cristo, em nome dele, Santo dos Santos, que ninguém me importune. E eu acreditei, e é por isso que falo[457]. Esta é a minha esperança; para ela vivo, a fim de contemplar as delícias do Senhor[458]. Eis que tornaste velhos os meus dias[459], e eles passam, e eu não sei como. E dizemos tempo e tempo, tempos e tempos: 'Durante quanto tempo é que ele disse isto?'; 'Durante quanto tempo fez ele isto?'; e: 'Durante muito tempo não vi aquilo'; e: 'Esta sílaba tem o dobro do tempo daquela simples breve'. Dizemos e ouvimos tais coisas, e somos compreendidos e compreendemos. São expressões muito claras e muito usadas, mas, sob outro ponto de vista, são extremamente obscuras, e a sua interpretação constitui novidade.

*[O que é o tempo?]*

XXIII. 29. Ouvi dizer a um certo homem douto que o tempo não é senão os movimentos do sol, da lua e das estrelas[460], e eu não concordei. Porque não serão antes os tempos os movimentos de todos os corpos? Será que, se as luzes do céu parassem e continuasse a mover-se a roda do oleiro, deixaria de haver tempo com que medíssemos as suas voltas e disséssemos, ou que se move durante instantes iguais, ou que umas voltas são mais longas e outras menos, se a roda se movesse umas vezes mais vagarosamente e outras mais velozmente? Ou,

[454] *Mateus* 7:11.
[455] *Salmo* 72:16.
[456] *Mateus* 7:7-8; *Lucas* 11:9-10.
[457] *Salmo* 115:1; 2 *Coríntios* 4:13.
[458] *Salmo* 26:4.
[459] *Salmo* 38:6.
[460] É possível que Agostinho se esteja a referir a um seu antigo mestre (*audiui*), de quem terá ouvido as opiniões de Platão, expressas no *Timeu*, e as de Eratóstenes e Hestico de Perinto, os quais afirmavam que 'o tempo é o movimento dos astros'.

dizendo isso, não falaríamos também nós no tempo, ou não haveria nas nossas palavras umas sílabas longas, outras breves, a não ser porque aquelas ressoam durante um tempo mais longo e estas durante um tempo mais breve? Ó Deus, concede aos homens a possibilidade de observarem nas coisas pequenas as noções comuns às pequenas e às grandes coisas. Existem os astros e os luminares do céu que servem de sinais para distinguir os tempos, e os dias, e os anos[461]. De facto, existem; mas eu não diria que uma volta daquela roda de madeira é um dia, nem esse homem, por seu lado, diria que o tempo não existe.

30. O meu desejo é conhecer a força e a natureza do tempo, com que medimos os movimentos dos corpos e dizemos, por exemplo, que aquele movimento é mais demorado do que este no dobro do tempo. Na verdade, pergunto eu, visto que se chama dia não só à demora do sol sobre a terra, graças à qual uma coisa é o dia, outra é a noite, mas também a uma volta completa do sol de Oriente a Oriente, o que nos permite afirmar: Passaram tantos dias – diz-se 'tantos dias', incluindo as respectivas noites, não se considerando à parte a extensão das noites –, visto que o dia se completa com o movimento do sol e uma volta de Oriente a Oriente, pergunto eu se é o próprio movimento que constitui o dia ou se é a demora em que esse movimento se completa, ou ambas as coisas. Se, com efeito, o dia fosse a primeira coisa, então haveria dia, mesmo que o sol completasse o seu curso em tanto espaço de tempo quanto o de uma hora. Se o dia fosse a segunda coisa, então não haveria dia, se, do nascer do sol a outro nascer do sol, a demora fosse tão breve como a de uma hora, mas o sol daria a volta vinte e quatro vezes, para completar o dia. Se o dia fosse ambas as coisas, nem se chamaria dia ao movimento, se o sol desse uma volta completa no espaço de uma hora, nem à demora do sol se, caso este parasse, passasse tanto tempo quanto ele costuma gastar a fazer uma volta completa de uma manhã a outra manhã. Por conseguinte, neste momento não procuro indagar que coisa seja aquela a que se chama dia, mas antes o que seja o tempo, com que,

[461] *Génesis* 1:14.

medindo o percurso do sol, diríamos que ele o completou em menos de metade do tempo do que é costume, se o tivesse completado em tanto espaço de tempo quanto demoram a passar doze horas, e comparando um e outro tempo, diríamos que aquele é uma unidade, este, o dobro, ainda que o sol demorasse, no seu percurso de Oriente a Oriente, umas vezes a unidade de doze horas, outras vezes o dobro. Portanto, ninguém me diga que os tempos são os movimentos dos corpos celestes, porque, tendo o sol parado a pedido de um homem, para que pudesse levar a seu termo uma batalha vitoriosa, o sol estava parado[462], mas o tempo ia avançando. Com efeito, o combate travou-se e terminou durante o espaço de tempo que lhe era suficiente. Vejo, pois, que o tempo é uma certa extensão. Mas vejo? Ou parece-me que vejo? Tu mo mostrarás, ó luz[463], ó Verdade[464].

*[O tempo é aquilo com que medimos o movimento]*

XXIV. 31. Mandas-me estar de acordo se alguém disser que o tempo é o movimento de um corpo? Não mandas. É que eu oiço dizer que nenhum corpo se move senão no tempo: és tu que o dizes. Mas não oiço dizer que o próprio movimento de um corpo é o tempo: não és tu que o dizes. Quando, porém, um corpo se move, é com o tempo que eu meço a duração do seu movimento, desde que começa a mover-se, até que acaba. E se eu não vi desde que começou e continua a mover-se, de modo a não ver quando termina, não posso medir senão talvez a partir do momento em que começo a ver, até deixar de ver. Mas se o vejo durante muito tempo, afirmo apenas que foi muito tempo, mas não quanto tempo é, porque também quando dizemos 'quanto', dizemo-lo por comparação, como por exemplo: Isto durou tanto tempo como aquilo, ou: Isto durou o dobro daquilo, e alguma coisa deste género. Se, porém, pudermos notar as extensões dos lugares donde vem e para onde vai um corpo que se move, ou as partes dele, se se mover como

[462] *Josué* 10:12-13.
[463] *João* 1:9.
[464] *João* 14:6.

que em torno de si mesmo, podemos dizer quanto é o tempo a partir do momento em que se efectuou o movimento do corpo, ou de parte dele, desde um lugar até ao outro. Dado que uma coisa é o movimento do corpo, outra aquilo com que medimos a sua duração, quem é que não percebe a qual destas coisas de preferência se deve chamar tempo? Na verdade, se o corpo umas vezes se move a um ritmo desigual, outras vezes está parado, medimos com o tempo, não só o seu movimento, mas também o seu repouso, e dizemos: 'Esteve tanto tempo parado como em movimento'; ou: 'Esteve parado o dobro ou o triplo do tempo em que esteve em movimento'; ou qualquer outra coisa que a nossa medição tenha compreendido ou avaliado, mais ou menos, como costuma dizer-se. Por conseguinte, o tempo não é o movimento do corpo.

*[Nova interpelação a Deus]*

XXV. 32. E confesso-te, Senhor[465], que ainda ignoro o que seja o tempo, e de novo te confesso, Senhor, que sei que digo estas coisas no tempo, e que há muito tempo estou a falar do tempo, e que este 'há muito tempo' não é outra coisa senão a duração do tempo. Portanto, como é que eu sei isso, quando não sei o que é o tempo? Será que não sei como exprimir o que sei? Ai de mim, que nem ao menos sei aquilo que não sei! Aqui me tens, diante de ti, ó meu Deus, porque eu não minto[466]: digo-te o que me vai no coração. Tu iluminarás a minha lucerna, Senhor, meu Deus, iluminarás as minhas trevas[467].

*[Como se mede o tempo?]*

XXVI. 33. Acaso a minha alma não te confessa, com uma confissão verdadeira, que eu meço os tempos? Na verdade, eu meço-os, ó meu Deus, e não sei o que meço. Com o tempo, meço o movimento dum corpo. Acaso não meço da mesma maneira o próprio tempo? Será que

[465] *Salmo* 9:2; *Mateus* 11:25; *Lucas* 10:21.
[466] *Gálatas* 1:20.
[467] *Salmo* 17:29.

poderia medir o movimento de um corpo, durante o tempo em que ele existe e durante o tempo em que ele se desloca de um lugar para o outro, se não medisse o tempo no qual ele se move? Então, com que é que eu meço o próprio tempo? Será que medimos, com um tempo mais breve, um tempo mais longo, tal como medimos o comprimento de uma trave com o comprimento de um côvado? Na verdade, é assim que parece que medimos a duração de uma sílaba longa com a duração de uma sílaba breve e dizemos que é o dobro. Assim, medimos a extensão de um poema pelo número dos versos, a extensão dos versos pela duração dos pés, a duração dos pés pela duração das sílabas, a duração das sílabas longas pela duração das breves, e não em número de páginas – pois, dessa forma, medimos o espaço e não o tempo –, mas sim à medida que pronunciamos as palavras e elas passam, e dizemos: Este poema é extenso, porque se compõe de tantos versos; estes versos são longos, porque constam de tantos pés; estes pés são longos, porque se estendem por tantas sílabas; uma sílaba é longa, porque é o dobro da breve. Mas nem assim se apreende uma medida exacta do tempo, visto que pode suceder que um verso mais breve ressoe por maior espaço de tempo, se for recitado mais arrastadamente, do que um verso mais longo, se for recitado mais vivamente. O mesmo se diga de um poema, de um pé e de uma sílaba. Daí que me tenha parecido que o tempo não é outra coisa senão extensão; mas extensão de que coisa, não sei, e será surpreendente se não for uma extensão do próprio espírito. Suplico-te, meu Deus, que coisa é que eu meço e digo, quer de forma aproximada: 'Este tempo é mais longo do que aquele', quer também com precisão: 'Este tempo é o dobro daquele'? Eu meço o tempo, sei isso, mas não meço o futuro, porque ainda não existe, não meço o presente, porque não se estende por nenhuma extensão, não meço o passado, porque já não existe. Que meço então? Acaso os tempos que passam, não os que já passaram? Assim o tinha dito eu.

*[Como medimos o tempo que permanece no espírito?]*

XXVII. 34. Insiste, minha alma, e presta a devida atenção: Deus é a nossa ajuda[468]; foi ele que nos criou, e não nós que nos criámos[469]. Fixa o teu olhar onde começa a despontar a verdade. Imagina que a voz de um corpo começa a soar, e soa, e soa ainda, e eis que deixa de soar, e faz-se silêncio, e a voz passou e já não há voz. Havia de ser, antes de soar, e não podia ser medida, porque ainda não existia, e agora não pode, porque já não existe. Por isso, podia ser medida no momento em que soava, porque nesse momento existia o que podia ser medido. Mas, mesmo então, não estava fixa; pois ia e passava. Acaso podia ser medida noutro momento? Com efeito, passando, estendia-se por uma extensão de tempo, em que podia ser medida, já que o presente não tem qualquer extensão. Se, então, nesse momento, podia ser medida, imagina que outra voz começa a soar e ainda soa, numa vibração contínua sem interrupção: meçamo-la, enquanto soa; pois, logo que tiver cessado de soar, já terá passado e nada haverá que possa ser medido. Meçamo-la com precisão e digamos qual a sua medida. Mas ainda soa e não pode ser medida, senão desde o início em que começa a soar, até ao fim, em que deixa de soar. Com efeito, medimos o próprio intervalo desde um início até a um fim. Por isso, a voz que ainda não cessou não pode ser medida, de modo a que se possa dizer em que medida é longa ou breve, nem se pode dizer que seja igual a outra, ou que tenha com ela uma relação simples, ou dupla, ou qualquer outra coisa. Logo que ela tiver cessado, já não existirá. De que modo, pois, pode ser medida? E apesar disso, medimos os tempos, não aqueles que ainda não existem, nem aqueles que já não existem, nem aqueles que não se estendem por nenhuma duração, nem aqueles que não têm limites. Por conseguinte, não medimos os tempos futuros, nem os passados, nem os presentes, nem os que estão a passar, e no entanto medimos os tempos.

[468] *Salmo* 61:9.
[469] *Salmo* 99:3.

35. O verso *Deus Creator omnium*[470], de oito sílabas, alterna sílabas breves com sílabas longas: e assim, as quatro breves (a primeira, a terceira, a quinta, a sétima) são simples em relação às quatro longas (a segunda, a quarta, a sexta, a oitava). Cada uma destas tem o dobro do tempo, em relação a cada uma daquelas; pronuncio-as e dou-me conta disso, e é assim, na medida em que o ouvido o percebe distintamente. Na medida em que essa percepção é distinta, meço a sílaba longa com uma breve, e apercebo-me de que a longa tem o dobro da breve. Mas, quando soa uma após outra, se a primeira é breve e a segunda é longa, como hei-de reter a breve, e como hei-de aplicar a breve à longa, ao medir, a fim de verificar que ela tem o dobro da duração, visto que a longa não começa a soar senão depois de a breve deixar de soar? Acaso meço a mesma sílaba longa, enquanto presente, quando não a meço senão depois de terminada? Só depois de terminada é que é passada. Portanto, o que é que eu meço? Onde está a breve com a qual eu meço? Onde está a longa que eu meço? Ambas soaram, voaram, passaram, já não existem: e eu meço-as e afirmo com segurança, na medida em que se confia num ouvido apurado, que uma é simples, outra é dupla, quanto à extensão do tempo. E não o posso afirmar senão porque passaram e terminaram. Por conseguinte, meço, não as sílabas que já não existem, mas, na minha memória, meço alguma coisa que permanece gravado nela.

36. Em ti, ó meu espírito, meço os tempos. Não me perturbes, ou melhor: não te perturbes com a multidão das tuas impressões. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas, ao passarem, gravam em ti e que em ti permanece quando elas tiverem passado, e meço-a, enquanto presente, e não as coisas que passaram, de forma a que essa impressão ficasse gravada; meço-a, quando meço os tempos.

[470] *Deus Creator omnium* = Deus Criador de todas as coisas. Este verso, pertencente a um hino de Santo Ambrósio (*Hinos* I 2,1: *PL* 16, 1409; cf. Livro 9. 32), é formado por oito sílabas, quatro longas e quatro breves assim distribuídas: U--U--U--U--. Note-se que sílaba longa: (--) tem uma duração dupla da sílaba breve: (U). Cf. 2 *Macabeus* 1:24.

Por isso, ou essas coisas são tempos, ou não meço tempos. Então? Quando medimos os silêncios e dizemos que tal silêncio durou tanto tempo quanto durou tal som, acaso não estamos a dirigir o nosso pensamento para a duração do som, como se ele estivesse a soar, a fim de podermos afirmar alguma coisa acerca dos intervalos dos silêncios na extensão do tempo? Com efeito, sem dizer palavra nem mexer os lábios, recitamos mentalmente poemas, versos, e qualquer discurso, e as medidas do seu movimento, quaisquer que sejam, e damo-nos conta das extensões dos tempos, qual a dimensão de um em relação ao outro, precisamente da mesma maneira como se os pronunciássemos em voz alta. Alguém que tenha querido emitir um som um pouquinho mais alongado e que tenha decidido mentalmente qual há-de ser a sua duração, esse, na verdade, delimitou a duração do tempo em silêncio e, confiando-o à memória, começa a emitir esse som que soa até atingir o limite fixado: mais ainda, tal som soou e soará, pois a parte que se extinguiu sem dúvida soou, enquanto o que resta soará, e assim se prolonga, enquanto a atenção presente arrasta o futuro para o passado, crescendo o passado com a diminuição do futuro, até ao momento em que, com a extinção do futuro, tudo é passado.

*[Com o espírito medimos os tempos]*

XXVIII. 37. Mas como diminui ou se extingue o futuro que ainda não existe, ou como cresce o passado que já não existe, senão porque no espírito, que faz isso, há três operações: a expectativa, a atenção e a memória? Desta forma, aquilo que é objecto da expectativa passa, através daquilo que é objecto da atenção, para aquilo que é objecto da memória. Por conseguinte, quem nega que as coisas futuras ainda não existem? E, todavia, já existe, no espírito, a expectativa das coisas futuras. E quem nega que as coisas passadas já não existem? E, todavia, ainda existe, no espírito, a memória das coisas passadas. E quem nega que o tempo presente não tem extensão, porque passa num instante? E, todavia, perdura a atenção, através da qual tende a estar ausente aquilo que estará presente. Portanto, não é longo o tempo futuro, por-

que não existe, mas um futuro longo é uma longa espera do futuro, nem é longo o tempo passado, porque não existe, mas um passado longo é uma longa memória do passado.

38. Tenho a intenção de recitar um cântico que sei: antes de começar, a minha expectativa estende-se a todo ele, mas, logo que começar, a minha memória amplia-se tanto quanto aquilo que eu desviar da expectativa para o passado, e a vida desta minha acção estende-se para a memória, por causa daquilo que recitei, e para a expectativa, por causa daquilo que estou para recitar: no entanto, está presente a minha atenção, através da qual passa o que era futuro, de molde a tornar-se passado. E quanto mais e mais isto avança, tanto mais se prolonga a memória com a diminuição da expectativa, até que esta fica de todo extinta, quando toda aquela acção, uma vez acabada, passar para a memória. E o que sucede no cântico na sua totalidade, sucede em cada uma das suas partes e em cada uma das suas sílabas; sucede igualmente numa acção mais longa, da qual, talvez, aquele cântico seja uma pequena parte; sucede ainda na vida do homem, na sua totalidade, da qual são partes todas as suas acções; isto mesmo sucede em todas as gerações da humanidade[471], de que são parte todas as vidas dos homens.

*[Disperso nas coisas temporais, Agostinho deseja ser reconstituído em Deus]*

XXIX. 39. Mas, *porque a tua misericórdia é mais preciosa do que a vida*[472], eis que a minha vida é uma dispersão, e *a tua dextra acolheu-me*[473] no meu Senhor, Filho do Homem, mediador entre ti, que és uno, e nós, que somos muitos[474], em muitas coisas e através de muitas coisas, a fim de que *eu alcance por meio daquele no qual também fui alcançado*[475], e seja reconstituído a partir dos meus dias velhos,

[471] *Salmo* 30:20.
[472] *Salmo* 62:4.
[473] *Salmo* 17:36; 62:9.
[474] 1 *Timóteo* 2:5.
[475] *Filipenses* 3 :12.

seguindo-te só a ti, esquecido do passado e não distraído, mas atraído, não para aquelas coisas que hão-de vir e passar, mas para aquelas coisas que estão adiante de mim, não com dispersão, mas com atenção, encaminho-me para a palma da celestial vocação[476], onde ouvirei um cântico de louvor[477] e contemplarei as tuas delícias[478], que não vêm nem passam. Agora, porém, *os meus anos decorrem entre gemidos*[479], e tu, minha consolação, Senhor, és meu Pai eterno; mas eu dispersei-me nos tempos, cuja ordem ignoro, e os meus pensamentos, as entranhas mais íntimas da minha alma são dilaceradas por tumultuosas vicissitudes, até que, limpo e purificado pelo fogo do teu amor, me una a ti.

*[Refutação dos que perguntam: Que fez Deus antes da criação do mundo?]*

XXX. 40. Fixar-me-ei e consolidar-me-ei em ti[480], na minha forma, que é a tua verdade, e não suportarei as perguntas dos homens que, por enfermidade resultante do pecado, têm sede de saber mais do que lhes permite a sua capacidade, e dizem: 'Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra[481]?' ou: 'Porque é que lhe veio à mente a ideia de fazer alguma coisa, quando antes nada tinha feito?' Concede-lhes, Senhor, que pensem bem no que dizem e descubram que não se diz a palavra 'nunca', quando não existe tempo. Dizer de Deus que ele nunca criou, que coisa é senão dizer que ele criou em nenhum tempo? Vejam, portanto, que nenhum tempo pode existir sem a criação e deixem de dizer tal vacuidade[482]. Procurem também abarcar as coisas que estão diante de si[483] e compreendam que tu, antes de todos os tempos, és o eterno criador de todos os tempos, e que nenhuns tempos te são co-eternos,

[476] *Filipenses* 3 :12-14.
[477] *Salmo* 25 :7.
[478] *Salmo* 26:4.
[479] *Salmo* 30:11.
[480] *Filipenses* 4:1; 1 *Tessalonicenses* 3:8.
[481] *Génesis* 1 :1.
[482] *Salmo* 143 :8.
[483] *Filipenses* 3 :13.

nem nenhuma criatura, embora exista alguma que possa estar acima dos tempos[484].

*[O conhecimento de Deus e o conhecimento da criatura]*

XXXI. 41. Senhor meu Deus, qual é o recôndito do teu profundo mistério e quão longe daí me lançaram as sequelas dos meus pecados? Sara os meus olhos, e que eu me alegre com a tua luz. Se existe, realmente, um espírito dotado de uma tão grande ciência e presciência, para quem são conhecidas todas as coisas passadas e futuras da mesma maneira que para mim é conhecidíssimo um cântico, esse espírito é extremamente admirável e assombroso no mais alto grau, visto que não ignora nada do passado nem do futuro, assim como eu não ignoro, ao cantar aquele cântico, o quê e quanto dele já passou desde o princípio, o quê e quanto resta dele até ao fim. Mas longe de mim que tu, criador do universo, criador das almas e dos corpos, longe de mim pensar que tu conheces, desta maneira, todas as coisas futuras e passadas. Tu conhece-las de maneira muito, muito mais admirável e muito mais profunda. Com a expectativa dos sons que estão para vir e com a lembrança dos que passaram, varia a impressão e altera-se a sensação de quem canta cânticos conhecidos ou de quem ouve um cântico também conhecido; mas não é assim que te sucede a ti, que és imutavelmente eterno, isto é, a ti, verdadeiramente eterno criador das mentes. Assim, pois, como conheceste no princípio o céu e a terra, sem modificação do teu conhecimento, assim também fizeste no princípio o céu e a terra[485], sem alteração da tua acção. Confesse-te aquele que compreende e que te confesse aquele que não compreende. Oh! como és sublime, e os humildes[486] de coração[487] são a tua morada! Na verdade, tu levantas os que caíram[488] e não caem aqueles de quem tu és a sublimidade.

[484] Os anjos.
[485] *Génesis* 1 :1.
[486] *Salmo* 137:6.
[487] *Daniel* 3:87.
[488] *Salmo* 144:14; 145:7-8.